

A ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO ATERRO SANITÁRIO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA, EM MANDIRITUBA, PARANÁ

Igor Chmyz *
Eloi Bora *
Roseli Santos Ceccon *
Eliane Maria Sganzerla *
Jonas Elias Volcov *

* Pesquisadores do CEPA/UFPR.

RESUMO: As pesquisas arqueológicas realizadas na área destinada para o Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, no Estado do Paraná, evidenciaram sítios das tradições Itararé e Neobrasileira. Casas subterrâneas foram escavadas em dois assentamentos Itararé. Uma delas revelou treze camadas de ocupações ocorridas entre 1010d.C. e 1340d.C. Estima-se que os sítios da tradição Neobrasileira foram implantados entre os séculos XVIII e XX. Sítios com as mesmas características foram registrados no entorno da área, além de vestígios da tradição pré-ceramista Umbu.

Palavras-chave: Arqueologia brasileira; Tradição Itararé; Tradição Neobrasileira; Arquitetura indígena; Datações radiométricas.

INTRODUÇÃO

A presente monografia relata as pesquisas desenvolvidas na área do Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, um espaço do Município paranaense de Mandirituba carente de informações arqueológicas.

Derivaram estas dos trabalhos preliminares realizados para fins de EIA-RIMA, por Baccarin Consultoria e Planejamento Ambiental Ltda., em concordância com a Resolução nº 001/86 do Conselho Nacional de Meio Ambiente.

As pesquisas complementares foram promovidas por Cavo

Serviços e Meio Ambiente S. A., em decorrência das recomendações do EIA-RIMA.

Ambas as abordagens foram executadas pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná - CEPA/UFPR.

Embora praticadas em um espaço prestes a ser impactado pelo empreendimento planejado, as pesquisas de campo não transcorreram em ritmo de salvamento; a disponibilidade de tempo foi adequada às necessidades do projeto possibilitando, inclusive, prospecções no entorno da sua área.

Foi importante nesse particular, a compreensão dos dirigentes da empresa contratante que, além de proporcionarem a infra-estrutura necessária para o bom andamento dos trabalhos, sempre acataram as ponderações dos pesquisadores. Através do eng. Romero Coelho Tavares, Gerente de Produção, agradecimentos são estendidos à Cavo Serviços e Meio Ambiente S. A.

Os trabalhos de campo, transcorridos entre 8 de Abril a 19 de Junho de 2003, foram executados por Igor Chmyz, seu coordenador, Eloi Bora e Roseli Santos Ceccon. Contaram estes com o auxílio dos funcionários da Cavo Serviços e Meio Ambiente S. A.; entre eles, Adilson Alves da Silva, José Aparecido Macedo e Rogério de Jesus Santos foram os que permaneceram por mais tempo e tiveram um excelente desempenho.

No laboratório, cujas tarefas estenderam-se até o final de dezembro de 2003 atuaram os pesquisadores acima citados e, Eliane Maria Sganzerla e Jonas Elias Volcov.

Beatriz Brito de Ferreira Bandeira e Eduardo Cordeiro Uhlmann, estagiários-bolsistas do CEPA/UFPR, participaram de algumas etapas de campo e das atividades de limpeza e marcação de peças arqueológicas.

Agradecimentos são feitos, também, à família Odilon Brunetti que pacientemente suportou, na sua propriedade, o trânsito diário da equipe em direção aos sítios em estudo.

À dra. Betty J. Meggers, do Smithsonian Institution, de Washington D. C., são devidos os resultados das datações do sítio PR CT 93 e também das que, disponíveis há algum tempo, foram agora utilizadas nos comentários e comparações.

Nos locais registrados como sítios e indícios foram coletadas 4.907 peças, distribuídas em 113 coleções controladas pelos números de catálogo (N°C) de 3996 a 4102 e de 4108 a 4110. Este material encontra-se depositado nas dependências do CEPA/UFPR.

O projeto, autorizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional, por meio da Portaria Nº 97/03, foi registrado no BANPESQ da UFPR, sob o Nº 2004013375, como atividade docente.

Esta monografia apresenta, por meio de itens, a estruturação, o desenvolvimento e os resultados do Projeto de Resgate Arqueológico na Área do Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Curitiba.

Para a elaboração do item **Os antecedentes arqueológicos e etno-históricos**, que objetivou resgatar o conhecimento anterior sobre a ocupação pretérita da área, contou-se com escassa bibliografia.

Os itens **O projeto** e **As pesquisas** tratam das abordagens preliminares e complementares feitas na área e arredores, da metodologia dos trabalhos, das dificuldades encontradas e da localização dos sítios.

No extenso item **Os resultados**, os sítios, agrupados conforme a filiação cultural, são descritos detalhadamente. Neste item são apresentados, também, os resultados das análises laboratoriais do material recuperado.

No item final, **Os comentários e comparações** procurou-se, com os dados das atuais pesquisas, reconstruir o passado da área do Aterro Sanitário.

Três Anexos apresentam Fotos do ambiente, dos procedimentos de campo e dos artefatos arqueológicos, Arrolamento do material industrializado procedente dos sítios e indícios da tradição Neobrasileira e, As evidências arqueológicas constatadas nas adjacências do Aterro Sanitário.

A publicação desta monografia foi financiada por CAVO Serviços e Meio Ambiente S.A.

OS ANTECEDENTES ARQUEOLÓGICOS E ETNO-HISTÓRICOS

Até 1920, o primeiro planalto paranaense estava politicamente dividido em municípios que ocupavam grandes áreas. No entorno de Curitiba existiam os municípios de São José dos Pinhais (1852),¹ Campo Largo (1890), Araucária (1870), Colombo (1890) e Piraquara (1890). Curitiba havia sido elevada à condição de Cidade em 1842. O Município de Mandirituba foi instalado em 1961, desmembrando-se de São José dos Pinhais.

Referências antigas a sítios ou peças arqueológicas no espaço geográfico centralizado por Curitiba são escassas. Telemaco Borba

¹ Data da criação do Município.

(1908:130), informou que “... nos municípios de Piraquara, S. José dos Pinhães, ..., Curitiba, Campo Largo, ..., existem em abundancia as covas...; nellas e em suas proximidades encontram-se: panellas de argila e pedaços destas; machados de pedra polida; pontas de flechas de quartzo lascado; um ou outro tembetá de cristal de rocha rarissimo, mós, de pedra polida para pilão ou almofariz.”

Depôs, o mesmo autor, em outra parte do seu livro, que “No logar denominado - Boqueirão - á margem da estrada da Graciosa, entre os ribeiros Cangoeri... e Timbu, existiam em nosso tempo de menino, duas destas covas; diziam os velhos d’aquelle tempo, que taes covas tinham servido para moradas de bugres ou para depositos de guardar pinhões.” (p. 127).

Romário Martins, ao catalogar as peças da Seção de Arqueologia do Museu Paranaense, citou “machados de pedra polida, procedentes do município de Araucária” e “almofariz em forma de coco ... encontrado numa excavação feita em rua da cidade de S. José dos Pinhais.” (1925:22).

Sobre a segunda peça, Martins considerou *que* “a abundancia de minéreo de cobre que este almofariz apresenta, incrustado na pedra, faz crêr que o seu uso não fosse para trituração de alimentos, mas, talvez, para o preparo de venenos com que os indios antigos ‘hervavam’ as suas flechas de guerra”.

O Museu Paranaense expunha, desde a sua fundação em 1876, objetos arqueológicos coletados por seus diretores e os doados, que procediam de vários pontos do Estado. Em que pese o desaparecimento de grande parte desse acervo inicial durante o incêndio de 1887, na Exposição Sul-Americana, em Berlim, verifica-se que eram poucas as peças procedentes dos municípios lindeiros a Curitiba.

Mesmo no período de 1939 a 1947, quando o Museu foi reorganizado, as atas elaboradas pelo seu Conselho Administrativo não registraram qualquer artefato arqueológico dos arredores de Curitiba que tenha sido incorporado ao acervo da casa. Numerosas são, entretanto, as doações oriundas de outras regiões, inclusive de estados limítrofes.

Tendo em vista as informações etno-históricas sobre a presença indígena nessa região, tal carência deve ser atribuída à desinformação ou à falta de interesse das populações rurais e citadinas em comunicar os achados fortuitos ao Museu.

Para Romário Martins, os índios Tingui

dominavam, no século do descobrimento do sertão, os Campos

de Curitiba, a partir da encosta ocidental da Serra do Mar (São José dos Pinhães, Piraquara, Campo Largo, Araucária, Colombo, Campina Grande e Rio Branco).

...não hostilizaram os aventureiros pesquisadores e exploradores de ouro que se estabeleceram com arraiais no Atúba e na chapada do Cubatão, inícios da formação de Curitiba. Deixavam-se ficar pelas imediações desses primeiros núcleos de população branca e foram serviçais das explorações auríferas, dos sítios de criação de gado, etc. Seus mestiços ainda constituem parte da população de vários municípios acima citados e se ufanam de sua ascendência. Não vai longe o tempo em que o caboclo de Araucária e de Tamandaré avisava o contendor nas suas rixas: - Cuidado, que eu sou Tinguí! (S/d., p. 32).

Filiando os Tinguí ao grupo Tupi (família lingüística Tupi-Guarani), o autor incorreu em erro ao lhes atribuir a autoria de habitações subterrâneas: **“Tindiquera é a antiga denominação da atual Vila de Araucária, e quer dizer ‘buraco de Tinguí’- pois estes índios tinham suas habitações em covas abertas no chão, em pleno campo”**.

Apontou, ainda, o mesmo autor, os índios **“Ge-Botocudo”** que viviam ao sul do rio Iguaçu, temidos **“...dos viajantes do caminho do sul, na direção do Rio Grande.”** (p. 42). Estes seriam os Xokleng, cujos remanescentes encontram-se em postos administrados pela FUNAI, em Santa Catarina.

Recorrendo à tradição oral indígena, Romário Martins (1911:400), considerou a possibilidade do planalto estar também ocupado pelos Kaingáng, no momento do contato europeu. Pertenciam, tanto estes como os Xokleng, à família lingüística Jê.

Embora Júlio E. Moreira, ao comentar a falta de topônimos indígenas nos campos de Curitiba em documentos da segunda metade do século XVII, tenha concluído que tal fato se devia a **“...ausência dos índios da região que dali fugiram, temerosos pela aproximação do colonizador português”** (1972:31), na parca documentação existente para o período há referências de sua presença entre os novos colonizadores. Eram eles os serviçais junto às atividades de mineração ou às domésticas. Desde 1685, conforme Altiava P. Balhana (2003:18), existem registros de batismos de índios na Paróquia de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

No início da década de 1940, o arqueólogo amador Guilherme Tiburtius (1968:49) teve a oportunidade de constatar, entre a população

mestiça dos municípios mencionados por Romário Martins, a produção de recipientes cerâmicos com tecnologia tradicional indígena associada às européias e africanas.

Entre as dezenas de peças por ele colecionadas,² três procedem da localidade de “**Mandiatuba**”, no então Município de São José dos Pinhais. Duas correspondem a jarros e uma a cuscuzeiro. A primeira mostra asas aplicadas na linha do ombro, a segunda foi decorada por corrugação nas porções inferiores e aplique com digitação no pescoço e, a terceira apresenta aplique com digitação na constricção central (Fig. 1 a, b, c).

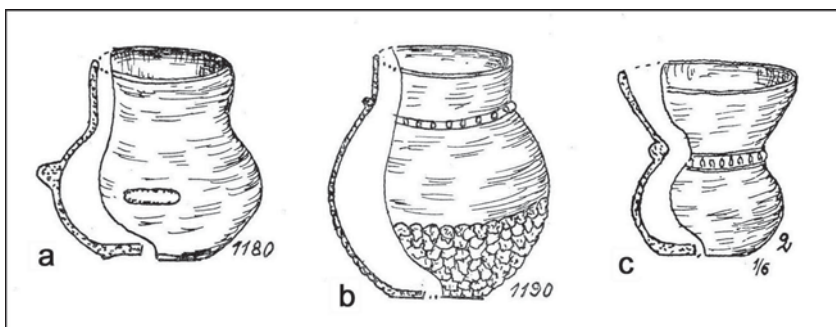


Figura 1. Recipientes cerâmicos procedentes da localidade de Mandiatuba (Extraídos das Figuras 3 e 8 de TIBURTIUS, 1968).

A partir de meados da década de 1950, o registro de artefatos relacionados à arqueologia pré-histórica e histórica tornou-se mais consistente, principalmente o resultante de pesquisas (CHMYZ, 1995; 2003; SGANZERLA et alii, 1996). Os dados pré-históricos comprovaram a presença dos Tupi-Guarani e Jê anterior e contemporaneamente aos europeus dos primeiros séculos, além de outros grupos indígenas que ocuparam a região de Curitiba em épocas mais recuadas.

Os indícios do período histórico referem-se aos primeiros moradores do planalto e aos que, nos séculos seguintes, desenvolveram as cidades que o compõem.

Devido à necessidade da implantação de um aterro sanitário na região metropolitana de Curitiba, duas áreas foram planejadas para recebê-lo. Na situada no Município de Mandirituba o CEPa/UFPR desenvolveu, em princípios de 2002, pesquisas para verificação de patri-

² Acervo posteriormente integrado ao Museu do Sambaqui de Joinville.

mônio arqueológico. O trabalho foi solicitado por Baccarin Consultoria e Planejamento Ambiental Ltda. para a estruturação do EIA-RIMA.

No espaço da pesquisa preliminar, localizado ao sul da margem esquerda do rio Iguaçu e, entre os rios Maurício e das Onças, foram detectados indícios relativos a dezesseis ocupações pretéritas. Cinco atestavam a presença de indígenas e, onze, de grupos familiares do período histórico. Em três locais os componentes se superpunham; nos demais, ocorreram isolados e dispersos pela área.

Entre os vestígios indígenas, foram registradas duas estruturas habitacionais subterrâneas.

O PROJETO

Constatado o patrimônio arqueológico na área planejada para comportar o aterro sanitário em Mandirituba e, de acordo com as recomendações do EIA-RIMA, ao CEP/UFPR foi solicitado, pela Cavo Serviços e Meio Ambiente S. A., a estruturação de um projeto de pesquisa em ritmo de salvamento. O projeto organizado, com duração de seis meses e prevendo a complementação do estudo das ocorrências conhecidas, prospecções adicionais e elaboração de um programa de educação patrimonial, foi aprovado em 14 de Março de 2003. O seu desenvolvimento foi autorizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional através da Portaria Nº 97/03.

As pesquisas de campo foram iniciadas no dia 8 de Abril de 2003 e encerradas em 19 de Junho do mesmo ano. As atividades de laboratório, inclusive a redação da monografia e a estruturação do programa de educação patrimonial, estenderam-se até o dia 03 de Dezembro de 2003.

Durante a etapa de campo, alguns finais de semana e dias chuvosos foram utilizados para a limpeza e marcação de material arqueológico nas dependências do CEP/UFPR.

Devido ao detalhamento requerido por estruturas habitacionais subterrâneas, ao tempo estimado de 45 dias para a etapa de campo do projeto, foram acrescentados 28 dias. As atividades de laboratório exigiram, também, mais tempo que o estimado para a sua conclusão. Aos 135 dias previstos, foram somados outros 60.

Os trabalhos de campo foram executados por três pesquisadores; na etapa de laboratório, à equipe somaram-se outros dois pesquisadores. Estagiários bolsistas também se engajaram, alternadamente, nas fainas de campo e laboratório.

O apoio logístico foi proporcionado pela empresa contratante,

inclusive a cessão diária de dois operários.

A área da pesquisa, distando cerca de 40km de Curitiba, foi acessada diariamente pela rodovia BR 116.

AS PESQUISAS

Os dezesseis indícios de ocupações pretéritas verificadas na área do projeto durante a etapa do EIA-RIMA foram provisoriamente rotulados como C 01 a C 16. O C indicava a presença predominante de fragmentos de recipientes cerâmicos nos espaços registrados.

Os indícios C 07, C 09, C 11, C 12 e C 16 referiam-se a ocupações indígenas, todos ligados à mesma tradição cultural. Na área dos indícios C 09 ocorreu, além dos fragmentos cerâmicos, uma pequena estrutura subterrânea; no local identificado como C 11, apesar de não ter sido constatada a presença de cerâmica, havia uma estrutura subterrânea maior, típica da tradição cultural a que pertencem os fragmentos dos demais.

Os indícios C 01, C 02, C 03, C 04, C 05, C 06, C 08, C 10, C 13, C 14 e C 15 encerravam resíduos de estabelecimentos do período histórico. Não obstante serem reduzidas as coletas praticadas na ocasião, a composição dos seus elementos indicava momentos diferentes de instalação.

Em três lugares os indícios indígenas estavam sobrepostos por outros do período histórico: C 09/C 10, C 12/C 13 e C 16/C 15.

As atividades modernas, especialmente as voltadas à agricultura e pecuária, danificaram a maioria das ocorrências. Na avaliação procedida, seis locais foram considerados destruídos e com baixo potencial informativo. Outros oito também haviam sofrido alterações, mas conservavam alguns trechos propícios às abordagens complementares. Dois, apenas, ofereciam condições de trabalho mais detalhado, inclusive escavação.

Independente da avaliação inicial, durante as pesquisas de salvamento todos os locais foram abordados com vistas ao seu detalhamento. Os que permitiram a definição espacial e obtenção de amostras suficientes para a caracterização cultural foram registrados como sítios, obedecendo a seqüência cadastral utilizada pelo CEP/UFPR. Os que não preencheram os requisitos citados foram mantidos como indícios.

Nessa revisão, um dos indícios que haviam sido avaliados com baixo potencial informativo foi elevado à condição de sítio (C 12).

A nova vistoria da área possibilitou a descoberta de mais duas

ocupações, ambas relacionadas ao período histórico. Uma delas foi registrada como sítio.

Valas divisórias de propriedades foram identificadas em quatro pontos da área, sempre nas proximidades de indícios históricos.

Prospecções foram, ainda, realizadas nos arredores imediatos do espaço do projeto e dele, linearmente, em direção à margem esquerda do rio Iguaçu. Nessa rápida verificação, foram detectados quatro indícios arqueológicos no Município de Mandirituba, seis na margem direita do rio Maurício, já no Município de Fazenda Rio Grande e três na margem esquerda do rio das Onças ou Botiatuva, no Município de Araucária (Fig. 2).

Em três desses locais os indícios correspondiam a estruturas habitacionais subterrâneas; duas delas encontravam-se no segundo município e uma no primeiro. Junto a esta, situada em ambiente florestado, foi localizado um aterro em forma de cone truncado.

Não tendo recebido intervenções invasivas, essas ocorrências permanecem como indícios. As suas características serão descritas no Anexo 3.

O posicionamento das ocupações, obtido através de GPS, teve de ser aprimorado conforme as características topográficas do terreno. Todas as leituras apresentaram ligeiros desvios para o noroeste.

Durante a etapa de EIA-RIMA, o patrimônio arqueológico foi constatado por meio da visualização superficial do terreno nos trechos mecanizados e, através de cortes-experimentais nos florestados ou cobertos por gramíneas e arbustos.

Os contatos com a população rural revelaram-se mais positivos com relação a aspectos históricos e fundiários do lugar que a sítios arqueológicos. Algumas informações, entretanto, apontavam para a sua existência nos arredores ou muito distantes da área em pauta.

Excluindo o rio Maurício e o das Onças ou Botiatuva, cujos nomes constam da cartografia, nenhum dos moradores entrevistados soube expressar a nomenclatura dos vários córregos ou ribeirões que drenam o espaço pesquisado.

Dos novos contatos com a população rural, porém, resultou a indicação de uma estrutura subterrânea que estaria situada no extremo sudoeste da área e, que teria sido entulhada intencionalmente: dela não havia evidências na superfície do terreno (Fig. 3). Os cortes-experimentais praticados não foram suficientes para localizá-la. Esse ponto deverá ser monitorado quando da implantação das obras.

Esta é uma informação recorrente na região metropolitana de Curitiba. Muitas estruturas semelhantes foram e são entulhadas por

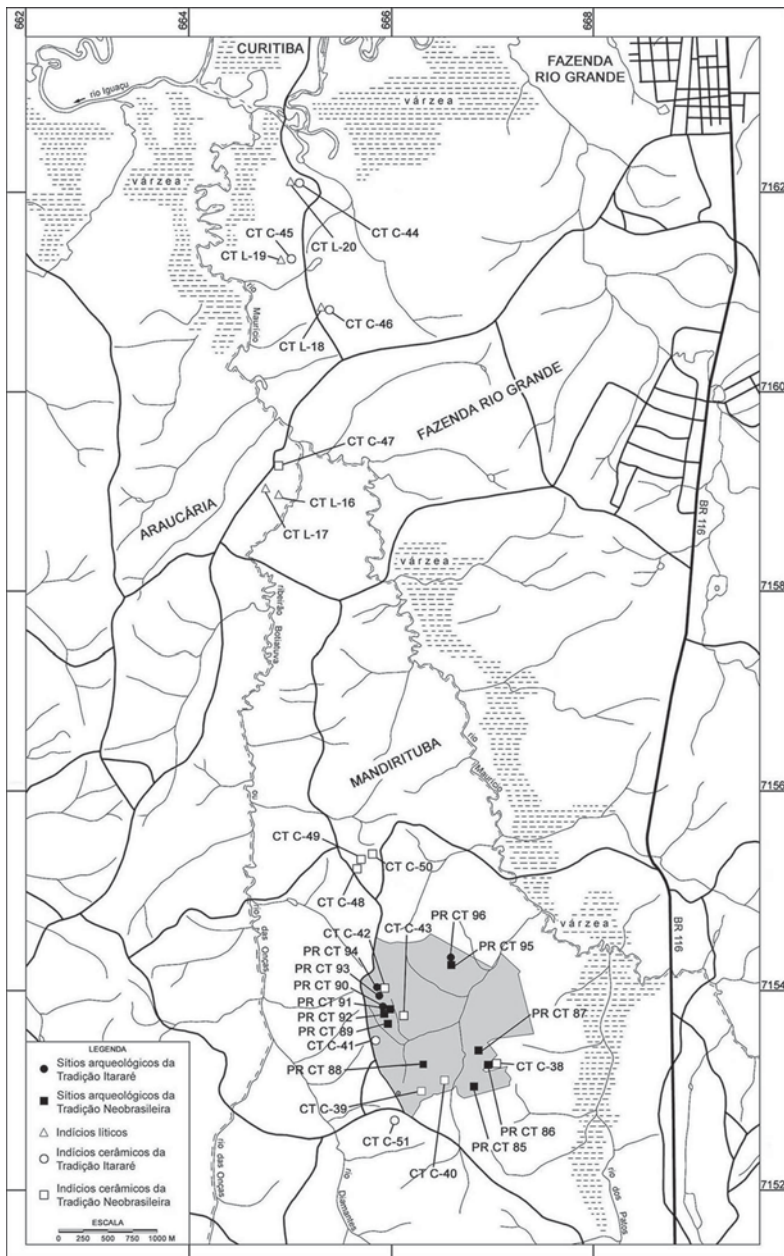


Figura 2. Localização de sítios e indícios arqueológicos na área do Aterro Sanitário de Mandirituba e no seu entorno.

agricultores e pecuaristas para desembaraçar os seus terrenos desses obstáculos.

Os procedimentos de campo acima mencionados foram mantidos por ocasião do salvamento, acrescidos daqueles necessários para delimitação espacial, das profundidades das camadas culturais e escavação.

As intervenções para a delimitação dos espaços ocupados e, a retirada do material arqueológico, foi variável e de acordo com o estado de sua conservação. Foram realizadas coletas e raspagens setorizadas nos locais perturbados, trincheiras e quadras com controle estratigráfico artificial nos que apresentavam porções menos perturbadas e, escavações por quadrantes, com controle estratigráfico natural, nas estruturas subterrâneas.

Além das dificuldades enfrentadas com relação às estruturas arqueológicas danificadas pelas atividades modernas, as pesquisas depararam com outros problemas: a má conservação do material cerâmico indígena e, as chuvas durante as escavações das estruturas subterrâneas. Nos terrenos arados a ocorrência de cerâmica indígena era mínima e representada por fragmentos apresentando vários graus de erosão; de alguns restava somente a porção do núcleo. O material cerâmico recuperado por meio de escavação mostrava-se melhor conservado, embora muitos se revelassem também erodidos.

Na fase de limpeza, mesmo que a secagem fosse lenta e à sombra, verificou-se a continuidade do processo de desagregação. As peças recolhidas em boas condições, ao secarem, apresentaram diminutas trincaduras superficiais e perda de partículas a seguir.

Na impossibilidade da determinação da salinidade encerrada nas amostras, tentou-se eliminá-la com sucessivos banhos em água pura. Revelando-se infrutífera a medida, adotou-se a impermeabilização das superfícies com uma solução de cola plástica e água. Aplicada com pincel, a solução absorvida pelo fragmento estabilizava a superfície sem deixá-la com lustro.

A desagregação dessa variedade de cerâmica indígena já havia sido constatada em outras regiões, mas revelou-se mais intensa na metropolitana de Curitiba. É provável que, em consequência deste fato, muitos sítios tenham deixado de existir nos campos agrícolas. Na área da atual pesquisa, no entorno de estrutura subterrânea, arado há mais de três décadas, raros e diminutos fragmentos cerâmicos foram encontrados. Em outros lugares, com terrenos favoráveis a estabeleci-

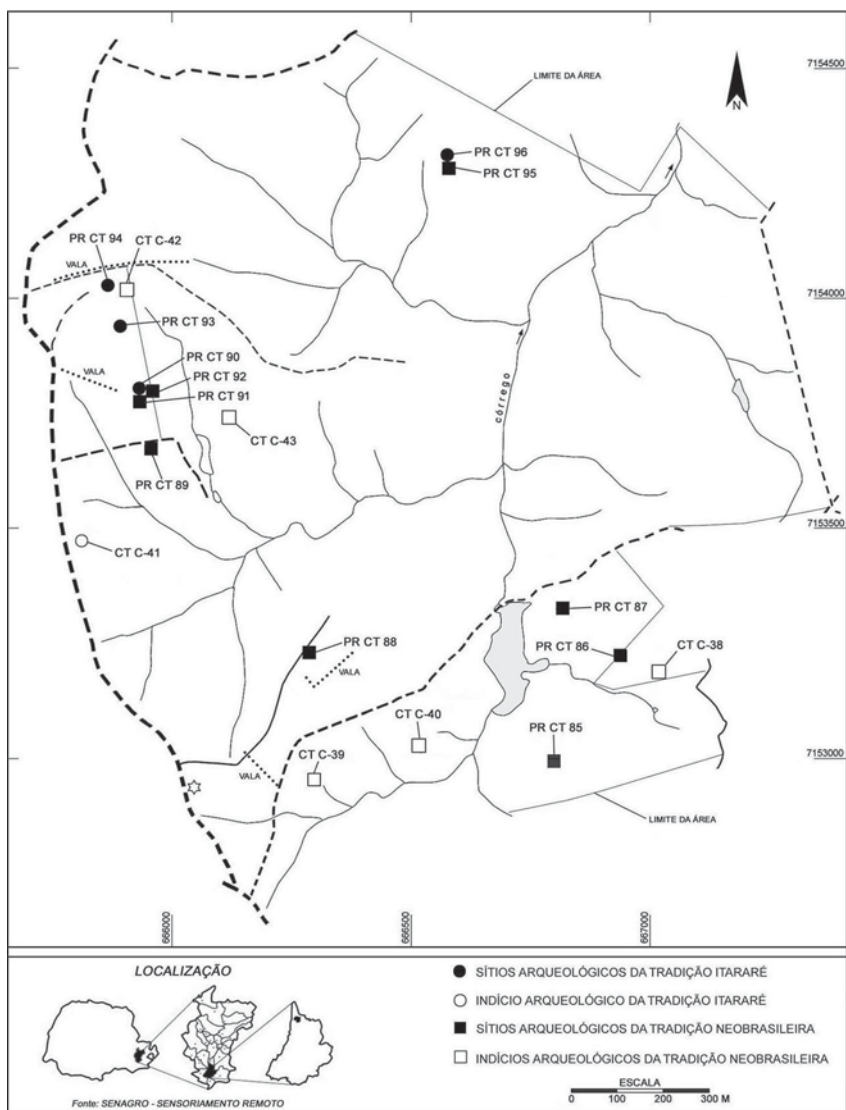


Figura 3. Sítios e indícios arqueológicos localizados na área do Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, em Mandirituba. A estrela no canto inferior esquerdo assinala provável estrutura subterrânea entulhada.

mentos humanos, porém intensamente arados, nenhum indício foi

localizado.³

Para se evitar o rápido ressecamento das camadas de ocupação expostas nas estruturas subterrâneas, foi instalada uma cobertura de lona plástica. Quando as chuvas se tornaram freqüentes, foi preciso a construção de uma cobertura mais elaborada que, mesmo assim, não evitou a inundação dos espaços por ocasião das pancadas fortes. Nessas circunstâncias, os trabalhos tiveram que ser interrompidos até que a água empoçada fosse absorvida pelo solo.

OS RESULTADOS

Os 12 sítios e 6 indícios arqueológicos derivados das duas etapas de pesquisa na área do Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Curitiba foram registrados conforme a nomenclatura adotada pelo CEPA/UFPR.⁴ As evidências por eles abrigadas permitiram a sua vinculação a duas correntes povoadoras, uma representada por grupos indígenas e, outra, por grupos miscigenados do período histórico.

As evidências deixadas pelos primeiros atestam o domínio do espaço por pessoas pertencentes a uma tradição cultural denominada arqueologicamente como Itararé. Seus sítios receberam as seguintes siglas: PR CT 90: Rio das Onças-2, PR CT 93: Rio das Onças-5, PR CT 94: Rio das Onças-6 e PR CT 96: Rio Maurício-2. Indícios de ocupação temporária, relacionados a atividades periféricas desenvolvidas por pequenos grupos oriundos das aldeias e destinadas à caça, coleta e pesca e/ou agricultura, foram registrados em apenas um ponto, que foi cadastrado como PR CT C-41.

As do segundo grupo, por encerrarem traços cerâmicos produzidos localmente, foram relacionados à tradição Neobrasileira. Os seus sítios foram registrados como: PR CT 85: Rio dos Patos-1, PR CT 86: Rio dos Patos-2, PR CT 87: Rio dos Patos-3, PR CT 88: Ganchinho,

³ Durante pesquisas realizadas junto à Rodovia do Contorno Norte de Curitiba, os contatos mantidos com a população rural serviram para a constatação desses sítios exauridos (CHMYZ – Coord, 2001:31). Moradores antigos apontaram vários locais que, no início das atividades agrícolas, encerravam fragmentos cerâmicos. As intensas prospecções desenvolvidas naqueles espaços foram improdutivas, não se constatando fragmentos cerâmicos nem artefatos líticos.

⁴ No sítio PR CT 85: Rio dos Patos-1, por exemplo, a sigla PR CT o posiciona no Estado do Paraná e na área de Curitiba; o número 85 representa a seqüência de registro de sítios na área CT. A denominação Rio dos Patos-1 é relativa à localidade de ocorrência. Devido à falta de referenciais mais próximos dos sítios optou-se, para essa denominação, pelas microbacias às quais se ligavam.

PR CT 89: Rio das Onças-1, PR CT 91: Rio das Onças-3, PR CT 92: Rio das Onças-4 e PR CT 95: Rio Maurício-1.

Alguns locais dessa tradição, por se apresentarem muito perturbados e fornecerem pequena quantidade de evidências, foram mantidos como indícios; o seu registro foi diferenciado: PR CT C-38, PR CT C-39, PR CT C-40, PR CT C-42 e PR CT C-43 (Fig.3).

Em dois lugares, as evidências das duas tradições encontravam-se superpostas: o sítio PR CT 90, de tradição Itararé, pelos sítios PR CT 91 e PR CT 92, de tradição Neobrasileira e, o sítio PR CT 96, da primeira tradição, pelo PR CT 95, da segunda. Os sítios PR CT 91 e PR CT 92 continham traços relativos a momentos diferenciados da ocupação.

Os procedimentos de escavação adotados nos sítios superpostos foram contínuos, abrangendo ambas as camadas. A quadra 1 do sítio PR CT 91, por exemplo, nos primeiros centímetros captou as evidências relacionadas ao material Neobrasileiro, nos seguintes o do sítio PR CT 90, de tradição Itararé e, nos últimos, novamente o do sítio PR CT 91, que lá haviam sido introduzidos intencionalmente pelos seus moradores (depósito de lixo).

Os sítios e indícios serão descritos a seguir, conforme a sua ordem de registro definitivo e a sua filiação cultural.

DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS E INDÍCIOS ARQUEOLÓGICOS DA TRADIÇÃO ITARARÉ

**PR CT 90: Rio das Onças-2 N°C 4019 a 4028
(ex-indício C 9) (Município de Mandirituba)
UTM: 0665938 - 7153808**

Sítio cerâmico localizado a 1.825m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 86m da margem direita de um córrego (Figs. 3 e 4). Ocupava a porção plana de uma crista alongada com uma leve declividade para o sul, 13m acima do nível das águas do curso fluvial menor (917m s.n.m.).

O local estava com pasto, pinheiros e árvores esparsas. Nos arredores, ao norte, leste e oeste, o terreno fora arado e conservava resíduos de antigos cultivos de milho. Ao sul situavam-se a nascente do córrego e, algumas árvores.

O solo, de textura argilo-arenosa, mostrava coloração marrom e, de acordo com informações do proprietário, não havia sido arado.

Superficialmente o material era esparso e, o sítio foi delimitado

através da abertura de diversos cortes-experimentais.

As evidências arqueológicas ocorriam em uma área elíptica com 45 x 26m (918,45m²), a qual dispunha seu eixo maior no sentido norte/sul, acompanhando a direção da crista. O sítio era composto, ainda, por uma estrutura subterrânea caracterizada por pequena depressão com 3,40 x 3m (8m² de diâmetro) e, 66cm de profundidade no momento da constatação (Fig. 4).

Outras depressões menores foram visualizadas na superfície do terreno, coberta por gramínea baixa. A maioria originou-se da erosão pluvial ocasionada nos pontos utilizados para queima de galhos e grimpá pelos atuais habitantes. Somente uma delas resultou de abertura intencional (Quadra 1).

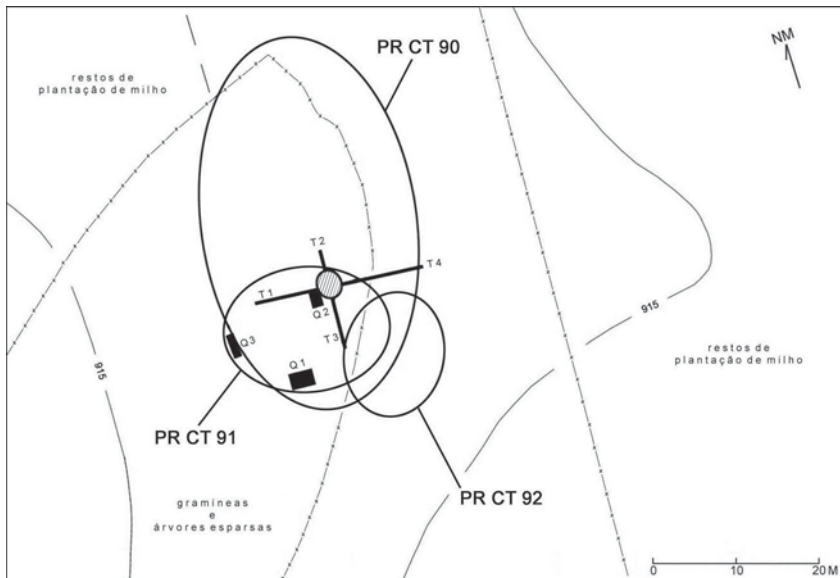


Figura 4. Planta dos sítios cerâmicos PR CT 90: Rio das Onças-2, PR CT 91: Rio das Onças-3 e PR CT 92: Rio das Onças-4. Os quadrados escuros indicam as áreas onde foram executados cortes estratigráficos; o retângulo escuro assinala espaço de trincheira aberta no sítio PR CT 91 e, os traços escuros, as trincheiras abertas nos sítios PR CT 90 e PR CT 91. O círculo hachurado indica a posição da estrutura subterrânea registrada no sítio PR CT 90.

Ocupações posteriores foram constatadas na área do sítio. Fora sobreposto, das suas porções centrais em direção ao lado sul pelo sítio

PR CT 91: Rio das Onças-3 e, no canto sudeste pelo sítio PR CT 92: Rio das Onças-4, ambos de tradição Neobrasileira. Sofrera, também, perturbações recentes ocasionadas pelo desmatamento da área para implantação da pastagem.

Apesar dos danos verificados, cortes-experimentais demonstraram a possibilidade de execução de cortes-estratigráficos. Além desses procedimentos, coletas superficiais e trincheiras também foram realizados.

Uma quadra, denominada 1 e totalizando 6m², foi aberta no lado sul do sítio. Abrangia uma depressão relacionada à ocupação Neobrasileira. Nele, o solo apresentava coloração marrom e textura areno-argilosa. O material arqueológico da tradição Itararé foi registrado no lado norte da área escavada, em sua parte plana, aos 17cm de profundidade, quando formava piso. Raros foram constatados no canto sudoeste, aos 12cm de profundidade, assim como na parede de uma depressão e, junto à sua base, aos 70cm de profundidade, em meio a material da tradição Neobrasileira (Fig. 5).

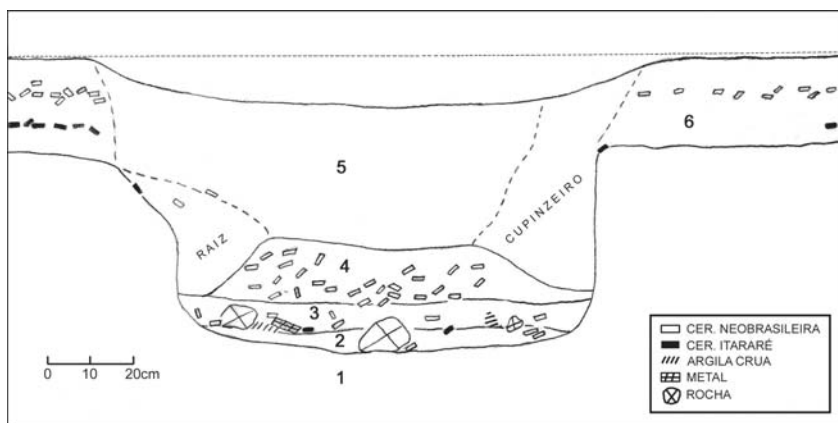


Figura 5. Corte leste-oeste da Quadra 1, nos sítios PR CT 90 e PR CT 91. Símbolo 1, solo vermelho, argiloso e compacto; 2, solo mesclado, argiloso e friável; 3, solo marrom-escuro, arenoso e friável; 4, solo preto, argiloso e friável; 5, solo marrom, argiloso e friável; 6, solo marrom, areno-argiloso e compacto.

Essa abertura, revelada pelas escavações, correspondia a uma cova feita pelos ocupantes do sítio PR CT 91 para o depósito de lixo domiciliar. Ao praticá-la, perturbaram a camada relativa ao sítio PR CT

90. Os fragmentos de cerâmica Itararé encontrados na base da depressão, junto com os da tradição Neobrasileira, devem-se à essa perturbação.

Outro corte (2), este com 3m², foi executado no lado sudoeste da estrutura subterrânea e, junto à parede sul da trincheira 1. A superfície mostrava-se coberta por pasto e, o solo era de tonalidade marrom-avermelhado, textura argilo-arenosa e compacta. As evidências encontravam-se entre 6 e 17cm de profundidade, misturadas às da tradição Neobrasileira. Entre 18 e 20cm de profundidade ocorriam somente indícios da tradição Itararé, formando piso.

Partindo da estrutura subterrânea, trincheiras foram abertas nos sentidos norte (T2), sul (T3), leste (T4) e oeste (T1). Todas mediam 0,50m de largura, aprofundaram até 30cm, mas apresentaram extensões diferentes, de acordo com a ocorrência de material arqueológico. Em todas o solo, superficialmente, era humoso até 2cm de profundidade, tornando-se depois marrom-avermelhado, argilo-arenoso, pouco compacto até 12cm de profundidade. Nessa profundidade, sem alterar sua coloração, tornava-se compacto.

Na trincheira 4, aberta junto à parede leste da habitação, com 10,10m de comprimento, apenas 2m compreenderam solo intacto. Os 8,10m restantes atingiram partes mecanizadas do terreno e, o solo conservava resíduos de antigos cultivos até 14cm de profundidade. Nela, ainda, bolsões de areia foram constatados aos 16cm de profundidade. Situavam-se junto à parede da estrutura subterrânea e, no limite oposto da trincheira. O material arqueológico, muito esparsos, ocorria em pontos isolados entre 16 e 18cm de profundidade, por uma extensão de 6,50m.

Na trincheira 1, com 8m de comprimento, as evidências foram registradas entre 17 e 20cm de profundidade, sendo mais freqüentes a partir da parede da estrutura subterrânea até 1,5m de extensão. Desse ponto em diante, até 3,80m, tornavam-se mais esparsas, quando começavam a rarear.

Na trincheira 2, com 2,40m de extensão, somente um fragmento cerâmico da tradição Itararé foi obtido. Encontrava-se nas proximidades da parede oeste de seu limite norte, aos 18cm de profundidade.

A trincheira 3 estendeu-se por 6,30m. Os indícios foram constatados aos 16cm de profundidade, entre 2 e 3m de comprimento.

A estrutura subterrânea situava-se ao lado do terreno arado. Seu interior foi escavado e seu fundo, exposto. Observando-se os níveis naturais de sedimentação, primeiramente foram retirados pedras, galhos e carvões depositados na sua superfície. A seguir foi retirado solo mesclado, com galhos e grânulos de carvões. Este iniciava,

aproximadamente, nas porções medianas da parede, que era inclinada, e aprofundava até 0,63m na parte central, quando tornava-se de coloração preta. Perturbações provocadas por raízes de árvores ocorreram junto às paredes leste e oeste da estrutura. A camada de solo preto, mais irregular no lado oeste da estrutura, era separada por estratos com cerca de 1cm de espessura, formados por terra marrom com areia, resultantes de enxurradas. Galhos semi-carbonizados também foram registrados em meio ao solo escuro, que se mostrou estéril de evidências arqueológicas. Esta camada atingiu 66cm de profundidade nas porções centrais. Foi sucedida por um depósito de terra compacta, de textura argilo-arenosa e coloração avermelhada; na parte central essa camada aprofundava até 1,15m. Nas suas laterais e até o limite da parede da estrutura, foram constatados depósitos formados por solo argiloso compacto, de cor marrom-avermelhado e, arenoso friável, de coloração avermelhada. Nas porções norte, leste e oeste, constatou-se a deposição de um solo argiloso friável, de cor amarela; aparecia de forma intrusiva entre os anteriores estendendo-se, no lado norte, até o centro da depressão. Sob esta, caracterizou-se outra, formada por solo argiloso friável e de cor mesclada (marrom e preto); era plana no centro da estrutura, quando atingia 1,18m de profundidade. Nas laterais essa camada elevava-se até as porções medianas dos outros depósitos. No lado sul, sobre a camada mesclada, registrou-se um acúmulo de blocos de rocha. Entre o solo mesclado e a base da estrutura detectou-se um depósito formado por solo argiloso e friável, de cor preta. Apresentava-se deslocado para os lados sul, leste e oeste, aprofundando-se até 1,33m (Fig. 6).

Nessa estrutura, o material arqueológico relativo à tradição Itararé somente foi encontrado nas porções superficiais do depósito e, deve ter sido deslocado das suas bordas pela erosão.

Nas camadas mesclada e preta inferiores ocorreram evidências da tradição Neobrasileira. Essas camadas estavam limitadas pela sedimentação inicial junto à parede da estrutura subterrânea indígena. Foi utilizada pelos moradores do sítio PR CT 91 como depósito de lixo.

Cortes-experimentais praticados depois da exposição da base da estrutura revelaram que o solo argiloso avermelhado e compacto prosseguia invariável até 2,10m, a profundidade por eles atingida.

Relacionados à tradição Itararé foram localizados, ao norte, a 73m e 151m de distância, os sítios PR CT 93: Rio das Onças-5 e PR CT 94: Rio das Onças-6.

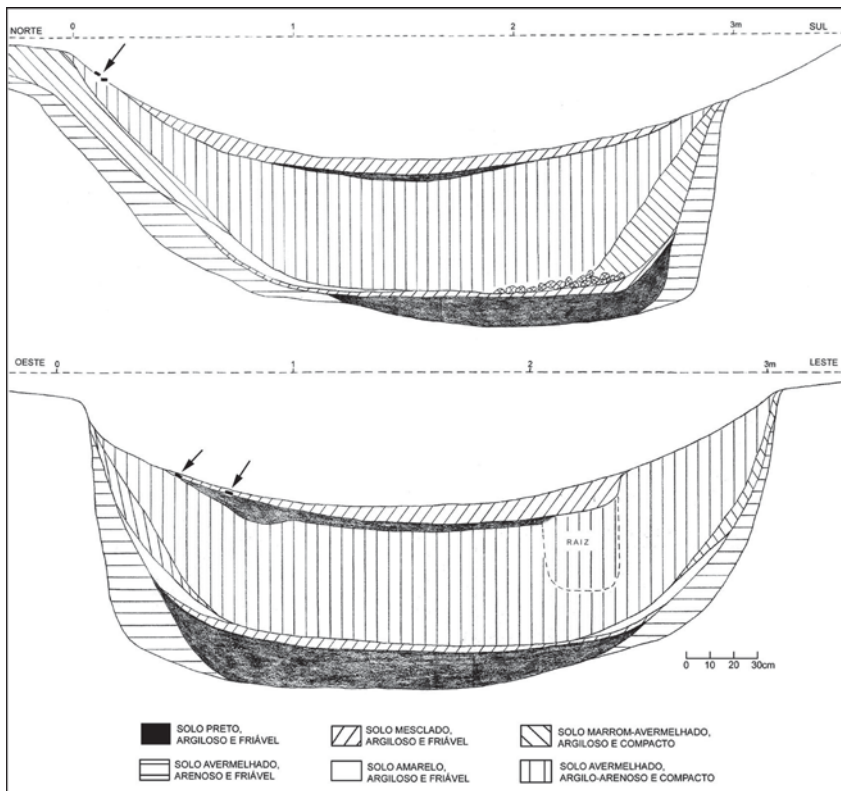


Figura 6. Cortes norte-sul e leste-oeste da estrutura subterrânea do sítio PR CT 90. Os retângulos pretos assinalados na superfície dos depósitos representam fragmentos cerâmicos da tradição Itararé.

**PR CT 93: Rio das Onças-5 N°C 4045 a 4066 e 4083
(ex-indício C 11) (Município de Mandirituba)
UTM: 0665892 - 7153919**

Sítio cerâmico localizado a 1.100m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 74m da margem direita de um córrego (Figs. 3 e 7). Encontrava-se no platô de uma crista alongada, 12m acima do nível das águas do curso fluvial menor (923m s.n.m.).

O local estava coberto por macega. A oeste o terreno, anteriormente utilizado para práticas agrícolas, estava com vegetação rasteira, gramíneas e restos de antigas plantações de milho. Capões de mata

com araucárias foram preservados a sudoeste e, estreita faixa de mata secundária, nas margens do córrego.

O solo era de coloração marrom-avermelhado e textura argilosa, com pontos isolados de cascalhos.

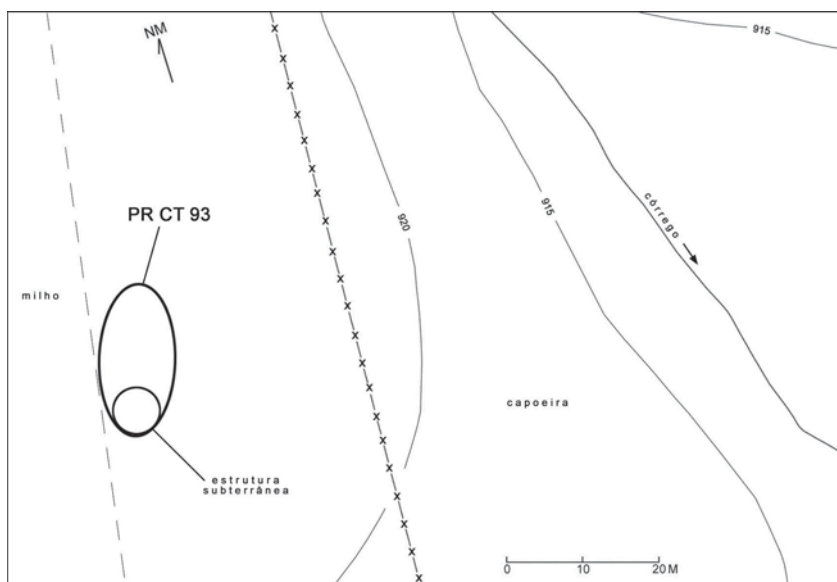


Figura 7. Planta do sítio PR CT 93: Rio das Onças-5. O círculo branco assinala o espaço da estrutura subterrânea.

Superficialmente o material era esparso e o sítio foi delimitado através da abertura de inúmeros cortes-experimentais. O material arqueológico ocupava uma área com 20 x 10m (157m²).

No extremo sul do sítio, uma depressão com 6,30 x 6,20m (30,66m²) e 2m de profundidade foi registrada, caracterizando-se uma estrutura habitacional relacionada a uma habitação subterrânea.

Perturbada pela deposição de entulhos retirados quando da limpeza do terreno, representados por galhos, folhas, pedras e carvões de queimadas recentes, foi possível, ainda, a escavação de seu interior e, a exposição de 13 níveis de ocupações separados por estratos delgados de areia grossa resultantes de enxurradas e, de terra marrom-avermelhado e argilosa, depositada pela erosão das paredes da habitação. A profundidade das ocupações foi determinada através do estabelecimento de duas linhas mestras dispostas nos sentidos norte-sul e leste-oeste, a partir da superfície atual do terreno.

Como se planejara a escavação de toda a estrutura e, tendo-se em vista a complexa estratigrafia encerrada, adotou-se a técnica de decapagem para retirada dos depósitos, o mesmo procedimento praticado para o estudo da estrutura subterrânea do sítio PR CT 90. Não sendo o espaço circular suficientemente amplo para que a escavação fosse realizada em quadrantes, fato agravado pela acentuada inclinação da parede, optou-se pela sua divisão em metades leste e oeste. Os trabalhos iniciais concentraram-se na metade leste, quando foram removidas as camadas estéreis superficiais, até o surgimento das evidências relacionadas à ocupação arqueológica. Depois da retirada das camadas correspondentes na metade oeste, as escavações prosseguiram expondo o piso da ocupação detectada na metade anterior. Uma vez expostos todos os componentes desse piso nas metades, praticou-se o seu registro topográfico e fotográfico. Após o recolhimento do material, iniciou-se a escavação da camada seqüente, primeiro em um lado e depois em outro, repetindo-se os procedimentos de registro. Constatada a camada de ocupação mais profunda, realizaram-se cortes-experimentais em vários pontos; estes revelaram, um pouco abaixo, embasamento rochoso.

A técnica empregada possibilitou o acompanhamento da microestratigrafia da estrutura que está representada na Figura 8. As camadas de ocupação foram numeradas de acordo com a ordem natural de deposição; as camadas superficiais e estéreis foram alfabetadas na mesma ordem.

As plantas das camadas de ocupação correspondem às Figuras 9 a 21. Para não sobrecarregá-las, evitou-se a representação de curvas plani-altimétricas. As profundidades básicas foram explicitadas em metros nos extremos e no centro do piso arqueológico.

Na descrição das características apresentadas pelas camadas naturais e arqueológicas a seguir, foi obedecida a ordem da sua escavação, isto é, à partir da superfície da estrutura.

Após a limpeza de seu interior, foi retirada uma camada superficial de terra argilosa marrom, com restos de roças e carvões. Denominada C, essa camada atingia 2,14m de profundidade e afilava para os lados, não chegando a alcançar a parede. Abaixo caracterizou-se uma linha com carvões e folhas em decomposição com 2cm na parte central. Sob ela a terra era argilosa e mesclada, com solos de tonalidades marrom e preta. Esta camada, denominada B, ocorria desde a borda da estrutura, que tinha paredes inclinadas, até o centro, com espessuras variáveis. Na parte mais profunda alcançou 2,26m.

Na seqüência surgiu a camada A, de coloração cinza-escuro tendendo para o preto, ainda com detritos como galhos, nós de pinhos

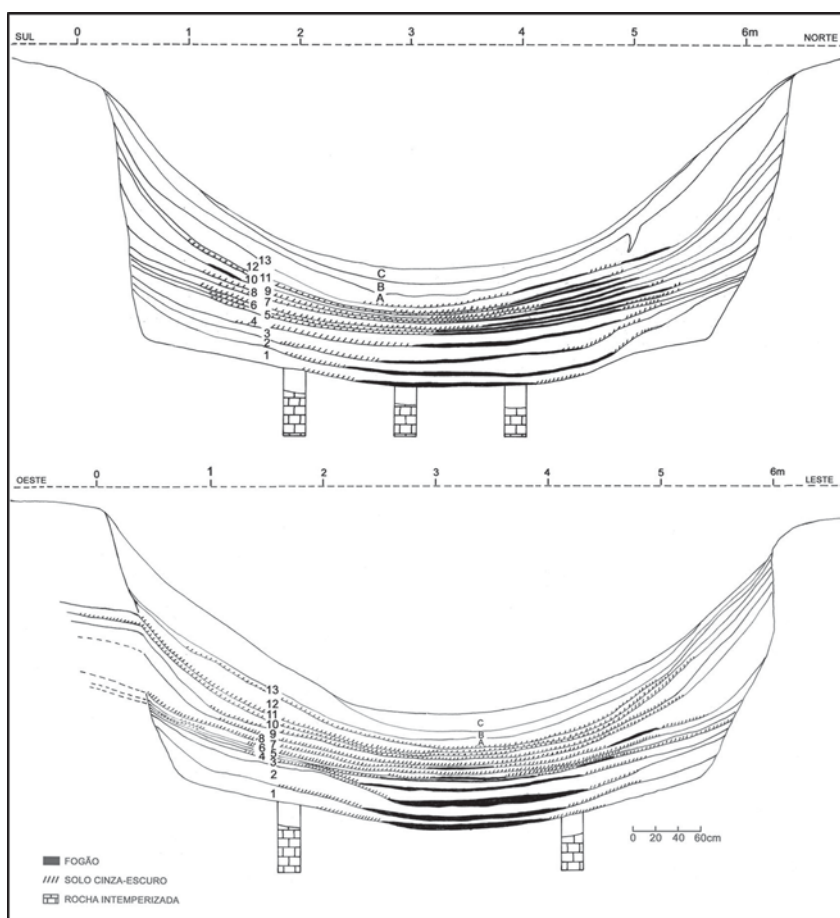


Figura 8. Cortes norte-sul e leste-oeste da estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93. As camadas de ocupação e de deposição superior foram numeradas e alfabetadas conforme a ordem natural de formação.

e carvões de queimadas; era mais espessa no lado norte da depressão, diminuindo para o centro e lados. Aprofundou-se até 2,32m.

A base da camada A estava disposta diretamente sobre as evidências da ocupação indígena mais recente, a 13ª na ordem de implantação. Fogões associados com blocos de rochas e fragmentos de terra queimada dispunham-se na metade norte do piso exposto; uma pequena estrutura de combustão também ocorreu na porção central.

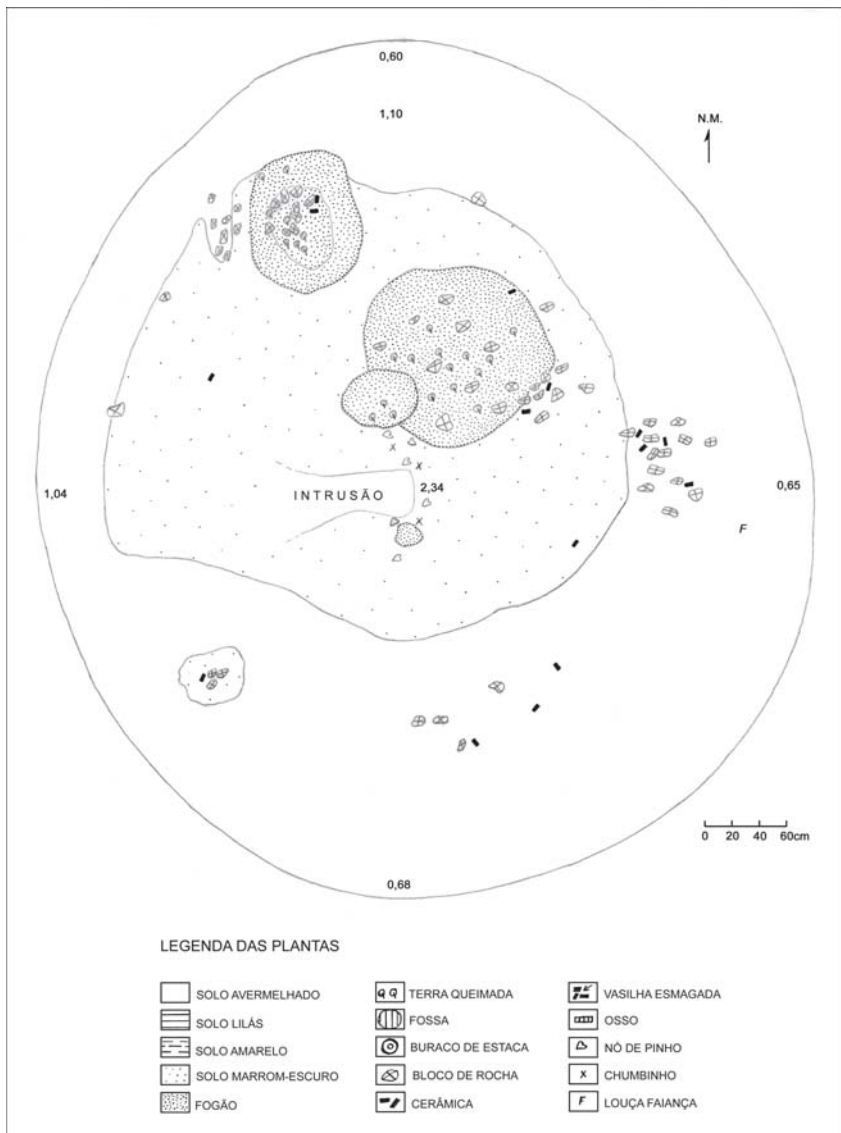


Figura 9. Planta do piso da camada de ocupação 13, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93. Os números, nos extremos e centro da planta, indicam as profundidades do piso em metros.

Os fogões estavam englobados por mancha de terra argilosa cinza-

escuro, com carvões esparsos, que se estendia para os lados e para o sul. Entre o solo escuro e a periferia o terreno era arenoso e de cor marrom-avermelhado. Fragmentos cerâmicos foram encontrados nos fogões, no solo escuro e no avermelhado; neste caso, ocorriam junto a agrupamentos de pedras. No solo avermelhado, ainda, havia uma pequena concentração de terra escura, com carvões, pedras e cerâmica.

Na porção central do piso, situado na profundidade de 2,34m, foram registrados nós de pinho e chumbinhos de espingarda. Na parede do extremo leste ocorreu um fragmento de louça faiança. Do lado oeste da estrutura para o centro, no ponto onde se concentravam os chumbinhos e os nós de pinho, estendia-se uma faixa de terra vermelha; era uma intrusão que já se manifestara, também de forma alongada e direcionada de oeste para leste, na camada A.

O piso da camada 13 era acentuadamente côncavo, abrangendo uma área com 6,30 x 5,70m (Fig. 9).

Alguns centímetros mais abaixo caracterizou-se a camada de ocupação 12, com 6,10 x 5,60m de área. Era mais espessa nos lados sul e oeste, adelgaçando-se em outras partes. Na porção central atingiu a profundidade de 2,38m. No piso do lado norte configurou-se um fogão alongado e em diagonal. Era contornado por solo argiloso marrom-escuro, que se direcionava para as porções centrais e para o extremo oeste. Neste trecho delineou-se uma rampa ascendente, já no solo avermelhado. Em dois pontos da possível rampa havia porções de solo marrom-escuro com carvões; um deles encerrava cerâmica. No interior da habitação e, em frente à rampa, encontravam-se agrupamentos de pedras. Foram mais comuns no solo escuro, mas também dispersavam-se pelo solo avermelhado contíguo. Outro aglomerado de pedras foi registrado entre o limite do solo escuro, à leste, e a parede da estrutura. No espaço do fogão foram comuns os blocos de rocha e fragmentos de terra queimada; a cerâmica ocorreu de forma esparsa. No solo escuro, ainda, ao sul do fogão, foi registrada uma pequena fossa (Fig. 10).

A camada relativa à ocupação 11, também com área de 6,10 x 5,60m, revelou-se delgada em toda a extensão da estrutura. Na parte central a camada atingiu 2,42m de profundidade, elevando-se consideravelmente para os lados. O piso, como os anteriores, era côncavo. Um grande fogão ocupava parte do lado norte do piso; continha pedras, terra queimada e cerâmica. Para o sul e lados, estendia-se a terra argilosa de cor marrom-escuro. Nos seus limites leste, sul e oeste havia concentrações de pedras associadas com fragmentos cerâmicos. As do lado oeste aglomeravam-se na rampa e no piso ao seu lado. Poucas pedras e fragmentos cerâmicos foram constatados no solo arenoso

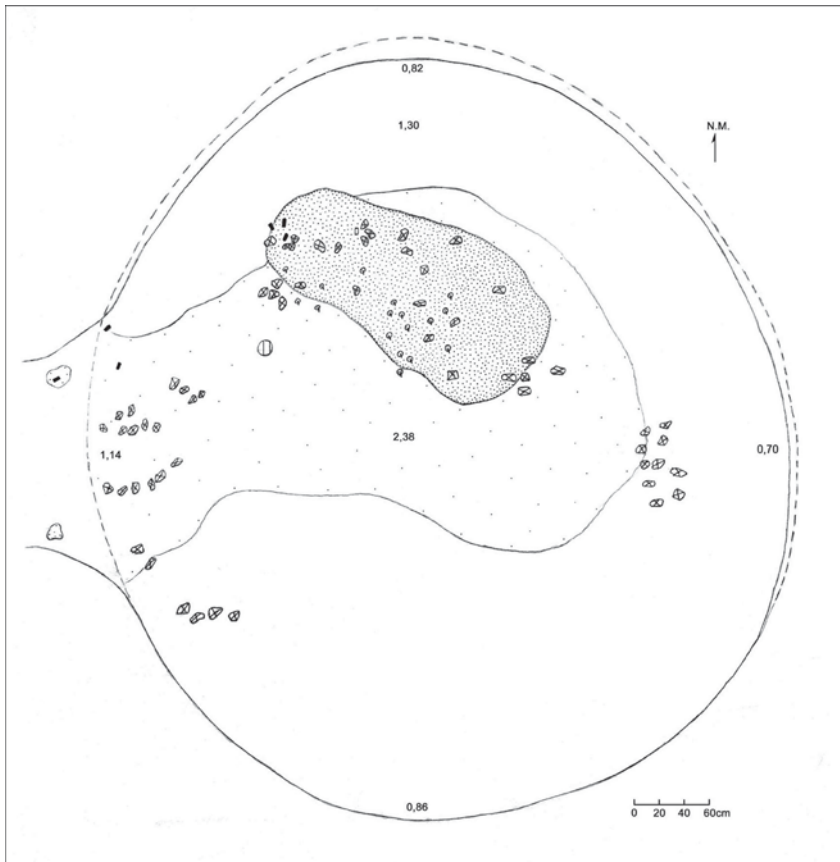


Figura 10. Planta do piso da camada de ocupação 12, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

avermelhado da periferia. Nó de pinho foi registrado na porção central do piso (Fig. 11).

A camada de ocupação 10 era delgada nas porções centrais, adquirindo maior espessura para os lados ascendentes. Abarcava uma área com 5,90 x 5,60m. No piso, cuja profundidade central era de 2,45m, caracterizaram-se dois fogões: um ao sul e, outro, ao norte. Em ambos havia pedras e cerâmica. Fragmentos de terra queimada foram registrados somente no espaço do fogão situado ao norte. A terra argilosa marrom-escuro que o envolvia, prolongou-se para as porções centrais e laterais do piso. Blocos de pedra ocorreram nos extremos leste e

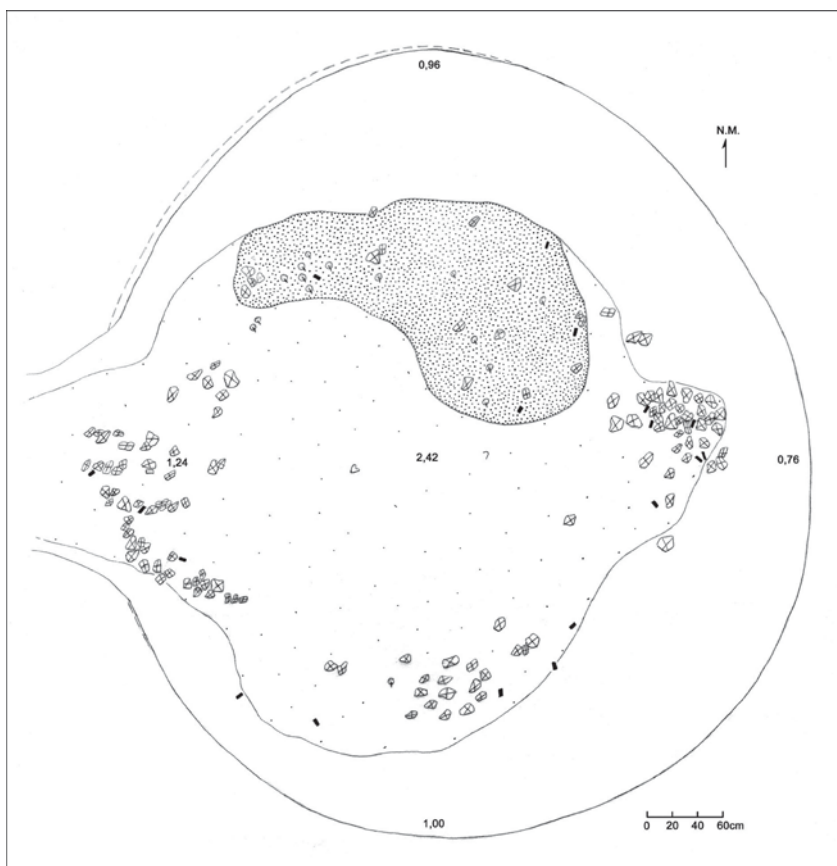


Figura 11. Planta do piso da camada de ocupação 11, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

oeste da terra escura, estendendo-se para os espaços dominados pela terra arenosa avermelhada (Fig. 12).

A camada de ocupação 9 revelou-se também delgada nas porções centrais e, um pouco mais espessa nas laterais em aclave. Estendia-se por uma área com 5,80 x 5,60m. No piso, situado a 2,48m de profundidade no centro, ocorreu um fogão com pedras formando agrupamentos ou dispersas, terra queimada e cerâmica. Estava ao lado norte e era alongado, dispondo-se de leste para oeste. O solo argiloso marrom-escuro que o cercava parcialmente, estendia-se para o sul, cobrindo grande área. Pedras agrupadas ou isoladas encontravam-se nesse espaço, com exceção do lado oeste; neste ponto havia prolonga-

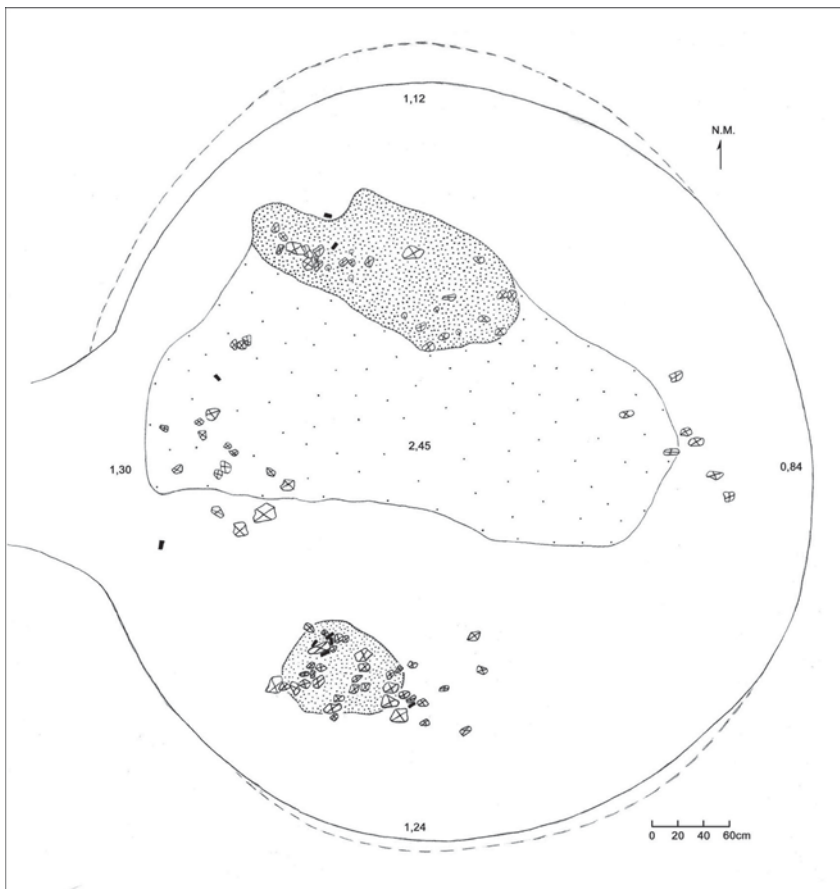


Figura 12. Planta do piso da camada de ocupação 10, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

mentos elípticos de terra escura. Fragmentos cerâmicos foram comuns no solo escuro e, raras no arenoso avermelhado. Na porção central foi evidenciado um nó de pinho. A rampa do lado oeste não pode ser determinada (Fig. 13).⁵

⁵ Como o trecho compreendido pelo sítio ainda não estivesse integrado à área do empreendimento, os seus proprietários não permitiram que as escavações se estendessem para as laterais da estrutura subterrânea. Por este motivo a rampa situada no lado oeste foi exposta parcialmente; no perfil da parede leste havia indícios da existência de outra rampa de acesso, diametralmente oposta àquela.

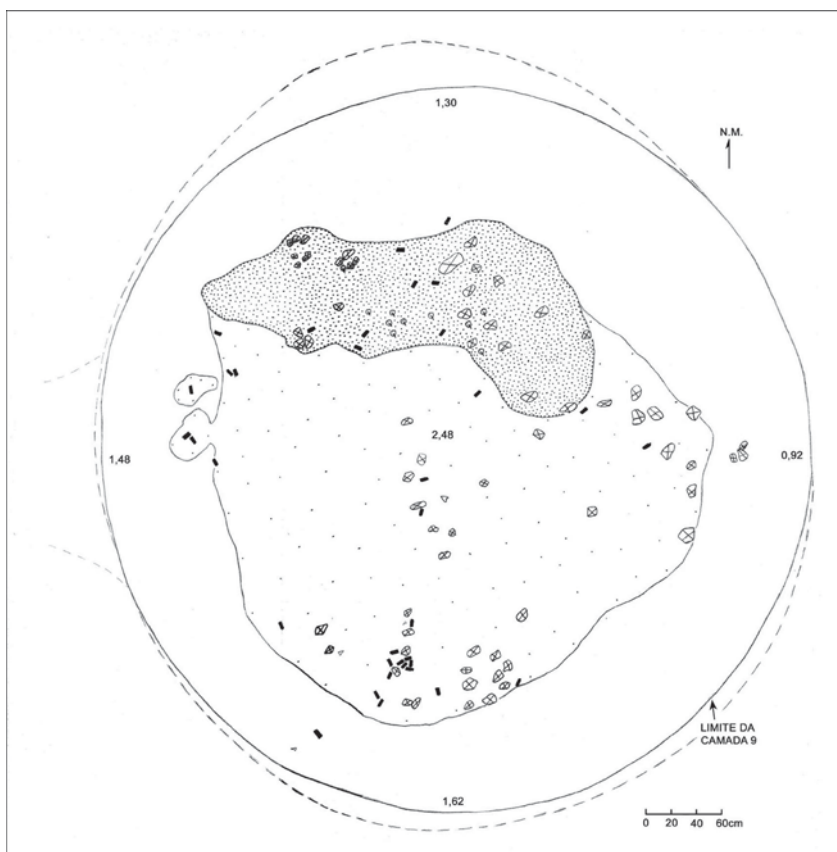


Figura 13. Planta do piso da camada de ocupação 9, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

A camada de ocupação 8 era delgada na porção central e, mais espessa nas laterais, especialmente nos extremos leste e oeste. Abrangia uma área com 5,80 x 5,50m. A profundidade máxima verificada na parte central do piso foi de 2,50m. Um grande fogão de formato quase circular foi registrado do centro para o norte. Três outros, menores, dispunham-se a sudeste, entre os solos marrom-escuro e avermelhado. O solo escuro circundava o fogão maior, estendendo-se para o sul e lados. No lado oeste, estreitando-se, prolongava-se em direção à rampa que não foi exposta. Outro prolongamento, embora não chegando até à parede, foi registrado no extremo leste. Havia poucas pedras no fogão maior; estavam ausentes nos

espaços dos menores, mas ocorreram nas suas proximidades. As pedras foram comuns no lado oeste do fogão maior e, no lado sul dominado pelo solo escuro; algumas foram registradas no solo arenoso avermelhado. A cerâmica foi, também, mais expressiva ao lado dos fogões. Nós de pinho dispunham-se nas porções centrais do piso.

Nesta camada surgiram, ao norte e a leste, porções de solos de colorações diferentes. Situavam-se entre o solo escuro e a parede. A do norte tinha coloração lilás e, a sua textura era argilosa. No extremo leste havia uma porção de solo siltoso amarelo ao lado de outro, argiloso e marrom-escuro (Fig. 14).

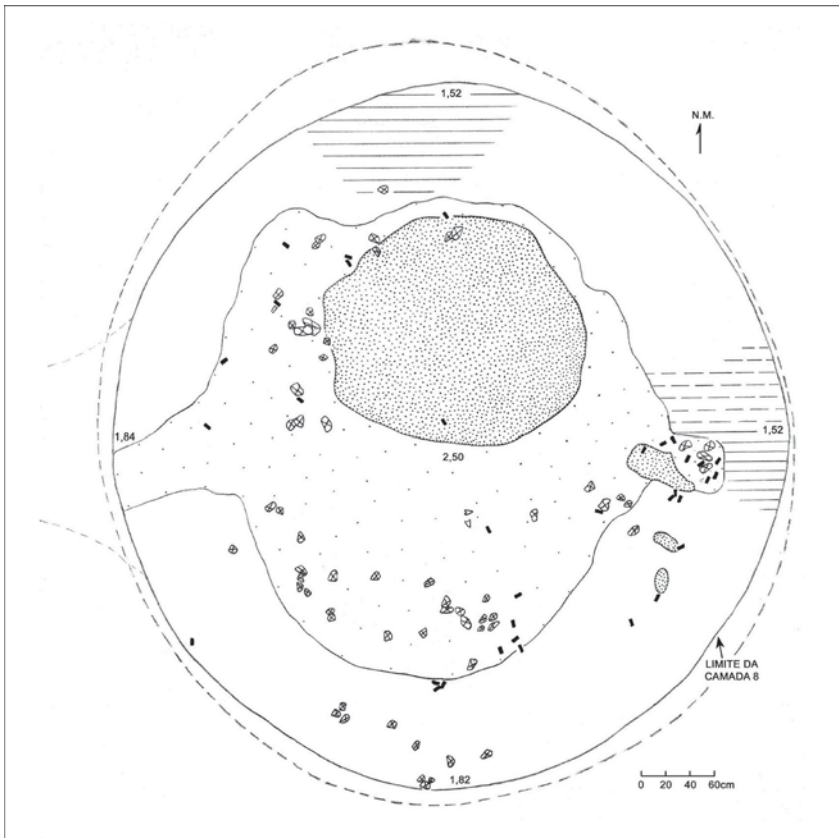


Figura 14. Planta do piso da camada de ocupação 8, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

A camada de ocupação 7 era, igualmente, delgada no centro e mais espessa nas laterais. Abrangia uma área com 5,70 x 5,34m e aprofundava até 2,54m. Quase toda a porção norte do piso estava dominada por um fogão associado com pedras agrupadas e esparsas, terra queimada e cerâmica. Outros, menores, dispunham-se em pares ao sul e a leste. Situavam-se, tanto estes como aquele, no espaço caracterizado pelo solo argiloso marrom-escuro. Pedras, terra queimada e cerâmica distribuíam-se nesse espaço, entre as estruturas de combustão. No extremo leste, junto à uma concentração cerâmica, ocorreu um osso de animal silvestre. No lado oeste, quase no limite do solo escuro, foi constatada uma antiga perturbação causada por árvores;

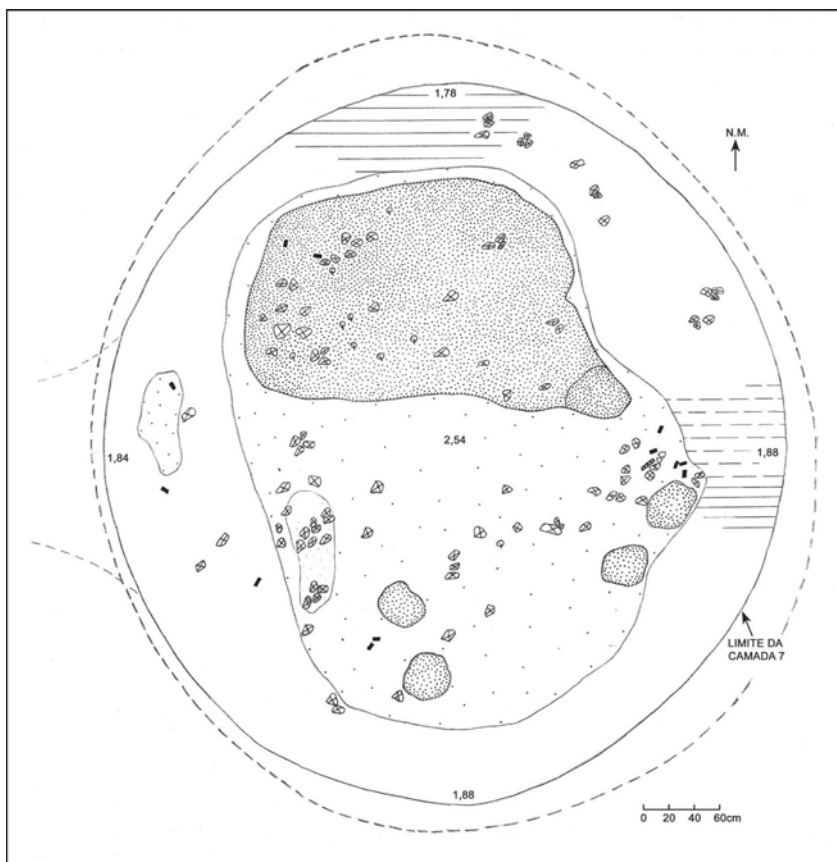


Figura 15. Planta do piso da camada de ocupação 7, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

neste trecho, de formato alongado, o solo era mais escuro, arenoso e friável. Continha pedras. No solo arenoso e avermelhado da periferia, além da continuidade dos solos de coloração diferente constatados na camada anterior, havia poucas pedras agrupadas e esparsas e, fragmentos cerâmicos. Estes só ocorreram a oeste, nas proximidades de uma mancha de terra escura, em frente à rampa não exposta (Fig. 15).

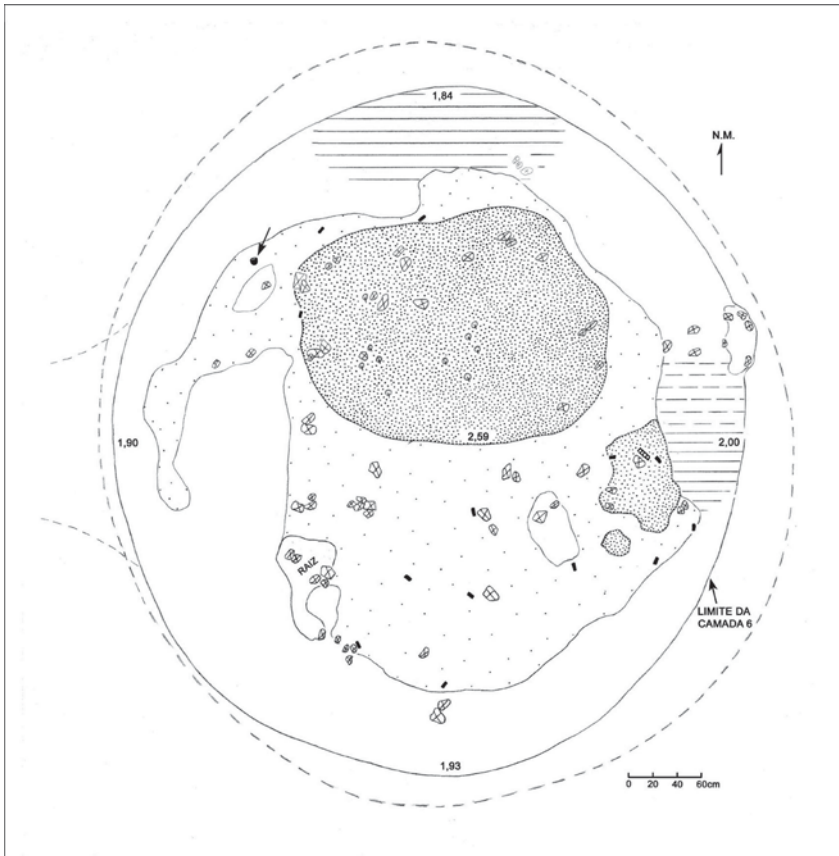


Figura 16. Planta do piso da camada de ocupação 6, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93. A seta assinala ocorrência de recipiente cerâmico intacto.

A camada de ocupação 6 mostrou-se delgada em toda a sua extensão. A sua convexidade tornou-se menos acentuada. Na parte central a camada aprofundou até 2,59m. Abarcava uma área com

5,65 x 5,20m. No piso, um grande fogão dispunha-se do centro para o norte; era de formato elíptico e continha, além dos carvões, como nos constatados anteriormente, pedras e fragmentos de terra queimada. Fogões menores foram registrados a sudeste. O maior deles continha pedras, cerâmica e osso de animal silvestre. Os fogões eram contornados por solo argiloso marrom-escuro que se estendia para o sul e oeste; neste ponto o solo escuro formava uma projeção em arco, na direção da rampa não exposta. A sudeste, no limite entre o solo escuro e o arenoso avermelhado, havia uma perturbação antiga de árvore. Ao

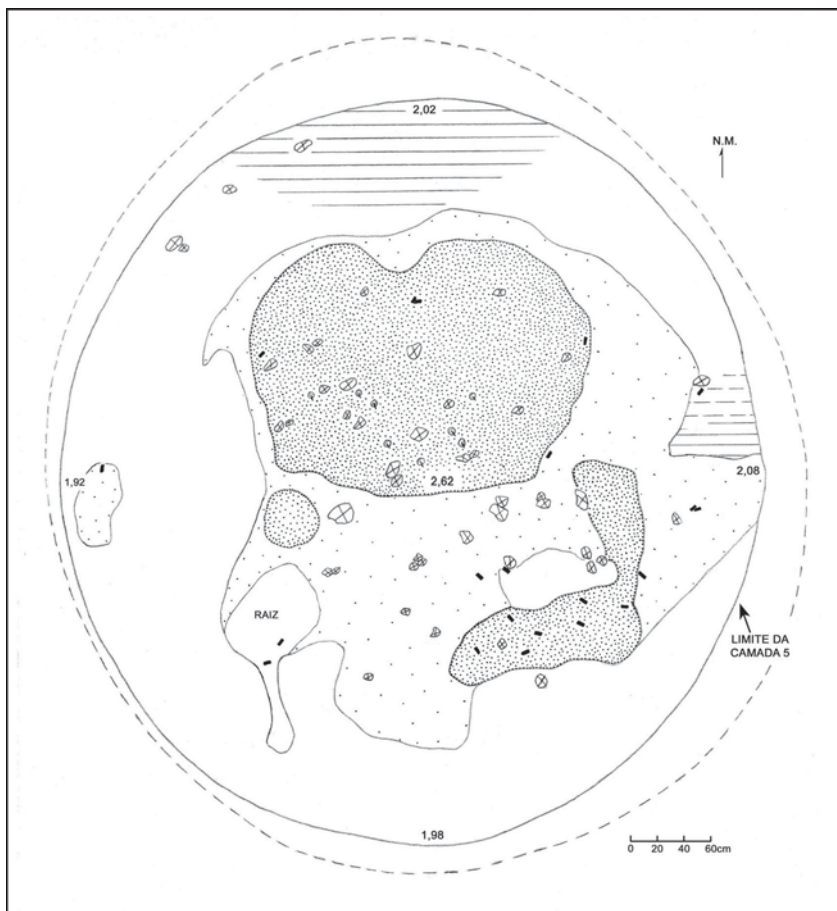


Figura 17. Planta do piso da camada de ocupação 5, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

lado dos fogões pequenos e, do maior, foram constatados espaços elípticos de solo avermelhado. A noroeste, quase no limite do solo escuro, ocorreu uma vasilha cerâmica intacta. Sua posição está assinalada por seta na Figura 16. Fragmentos cerâmicos e pedras dispunham-se junto aos fogões e, na parte sul do solo escuro. Poucas pedras foram constatadas no solo avermelhado da periferia; uma concentração delas foi registrada na parede do extremo leste, em um espaço perturbado por árvore. Os solos lilás, amarelo e marrom-escuro continuaram ocorrendo ao norte e a leste, respectivamente.

Com exceção do lado norte, a camada de ocupação 5 apresentou-se delgada; naquela parte era mais espessa. Abrangia uma área com 5,60 x 5,20m. Nas porções centrais o piso atingiu 2,62m. Do centro para o norte, dispunha-se um grande fogão de formato ligeiramente quadrangular. Estava associado com pedras, terra queimada e cerâmica. Outros foram registrados mais ao sul: um era pequeno e circular e, outro, maior e alongado. Este era em forma de L invertido e compreendia pequenos fogões unidos pela base. Continha pedras e cerâmica em maior quantidade. Todos os fogões estavam englobados pelo solo argiloso marrom-escuro que ocupava grande parte do piso; chegava a encostar na parede do extremo leste. No espaço do solo escuro ao sul do fogão maior foram notados, além de um trecho com solo avermelhado e, outro, perturbado por raiz, pedras e cerâmica. No extremo oeste, ao lado da rampa não exposta, havia mancha de terra escura com cerâmica. Poucas pedras e cerâmica foram encontradas no solo arenoso avermelhado e periférico. Algumas estavam nos solos lilás e amarelo, ao norte e a leste (Fig. 17).

A camada de ocupação 4 era delgada no lado oeste e, mais espessa em outras partes. Na central, que atingiu 2,70m de profundidade, apresentou a maior espessura da estrutura. A camada compreendia uma área com 5,54 x 5,10m. No seu piso, um grande fogão dispunha-se mais centralizado. De formato quase circular, o fogão continha pedras, terra queimada e cerâmica de maneira agrupada e esparsa. Fogões menores, alongado e circular, foram anotados a leste e a oeste do anterior; um deles estava no solo arenoso avermelhado. Alguns continham cerâmica, terra queimada e pedras. Os fogões mais centralizados dispunham-se no solo argiloso marrom-escuro. Na parte sul desse solo havia pedras e cerâmica. Espaço alongado de solo avermelhado foi registrado no lado leste, entre os fogões menores e, no sudoeste, espaço alongado perturbado por raiz. Fragmentos cerâmicos estavam nesse ponto. Pedras e cerâmica ocorreram, ainda, no solo avermelhado, especialmente no lado sul. Ao norte e a leste havia porções de solo lilás, amarelo e marrom-escuro (Fig. 18).

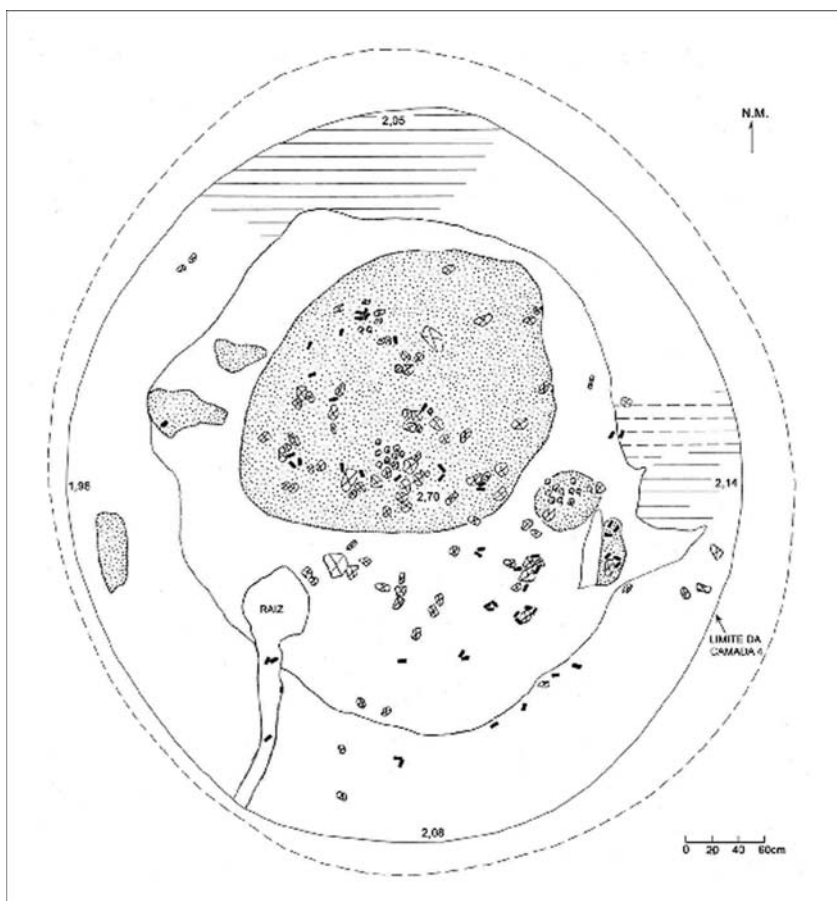


Figura 18. Planta do piso da camada de ocupação 4, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

A camada de ocupação 3 mostrou-se delgada a nordeste, apresentando espessura maior em outras partes, especialmente na central. Nesta atingiu 2,85m.

A camada abrangia uma área com 5,54 x 5,10m. Um grande fogão dispunha-se quase no centro do piso. Foi possível perceber, no seu espaço quase circular, a existência de bases de pequenos fogões, dois deles geminados. Este fato já havia sido notado nos espaços dos grandes fogões suprajacentes. Pedras e fragmentos cerâmicos dispunham-se na sua área; uma vasilha esmagada ocorreu no seu

extremo norte. Outro fogão circular e menor foi registrado mais a sudeste, também envolvido pelo solo argiloso marrom-escuro e dois ainda menores no extremo oeste, já no solo arenoso avermelhado. Todos estavam associados com cerâmica. O solo escuro ocupava as porções centrais do piso e, encerrava blocos de pedras e cerâmica. Ao norte do fogão maior foi detectado um buraco-de-estaca e, a oeste, no limite com o solo avermelhado, uma fossa. Poucos fragmentos cerâmicos e blocos de rocha foram assinalados no solo avermelhado. Na periferia, os solos lilás, amarelo e marrom-escuro continuaram ocorrendo nas mesmas posições das camadas anteriores (Fig. 19).

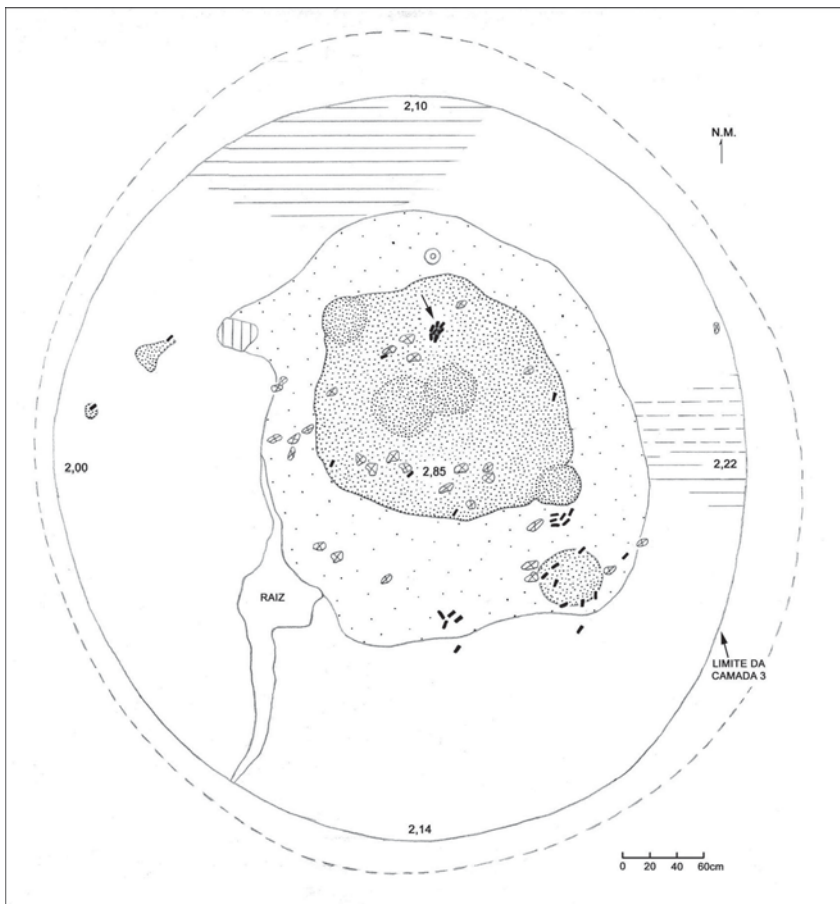


Figura 19. Planta do piso da camada de ocupação 3, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

A camada de ocupação 2 era espessa em toda a sua extensão. Aprofundou-se até 2,98m. A camada compreendia uma área com 5,50 x 5,10m. Na parte central do piso configurou-se um grande fogão de formato elíptico. Raros fragmentos cerâmicos e blocos de rocha ocorreram no seu interior. Estava circundado por solo argiloso marrom-escuro, que se estendia para os lados de forma irregular. Pequenos fogões situavam-se a leste do maior, junto ao solo escuro ou além dele, no solo arenoso avermelhado. Outros dispunham-se a sudoeste, também no solo avermelhado. Pedras e fragmentos cerâmicos, inclusive os de uma

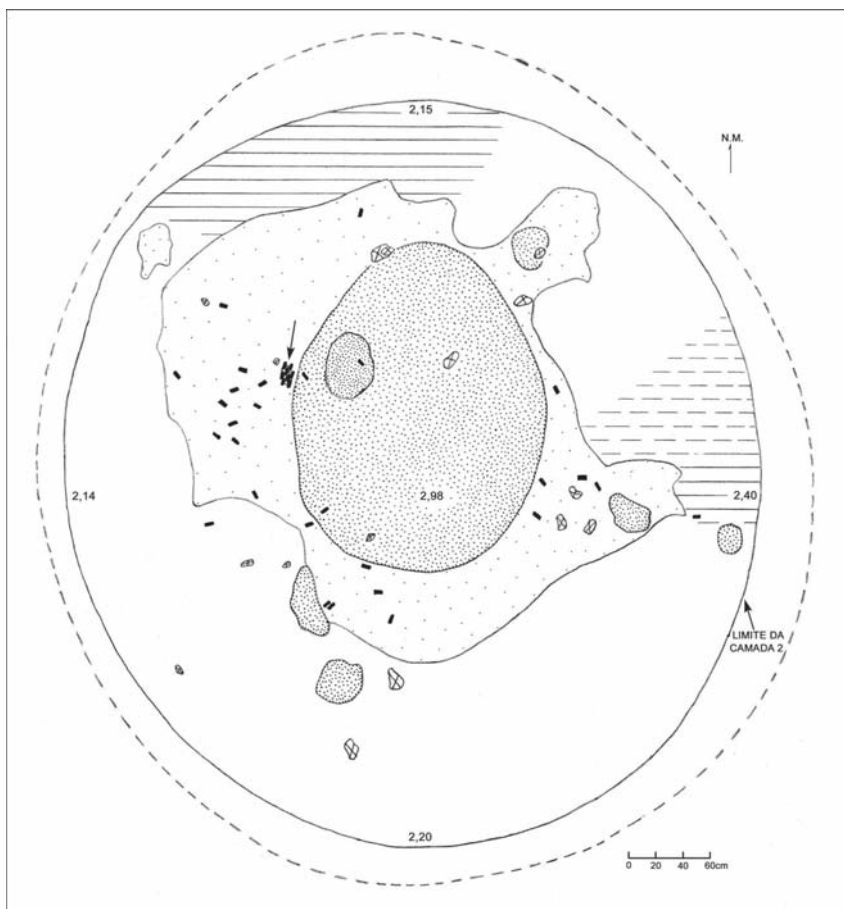


Figura 20. Planta do piso da camada de ocupação 2, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

proximidades das estruturas de combustão; foram mais raros junto ao solo avermelhado. Os espaços ocupados pelos solos lilás e amarelo tornaram-se maiores ao norte e ao sul (Fig. 20).

A camada de ocupação 1 apresentou-se, também, espessa em toda a sua extensão, atingindo no centro, 3,06m de profundidade. No piso, que apresentava uma área com 5,10 x 4,74m, caracterizou-se um fogão central de formato elíptico.

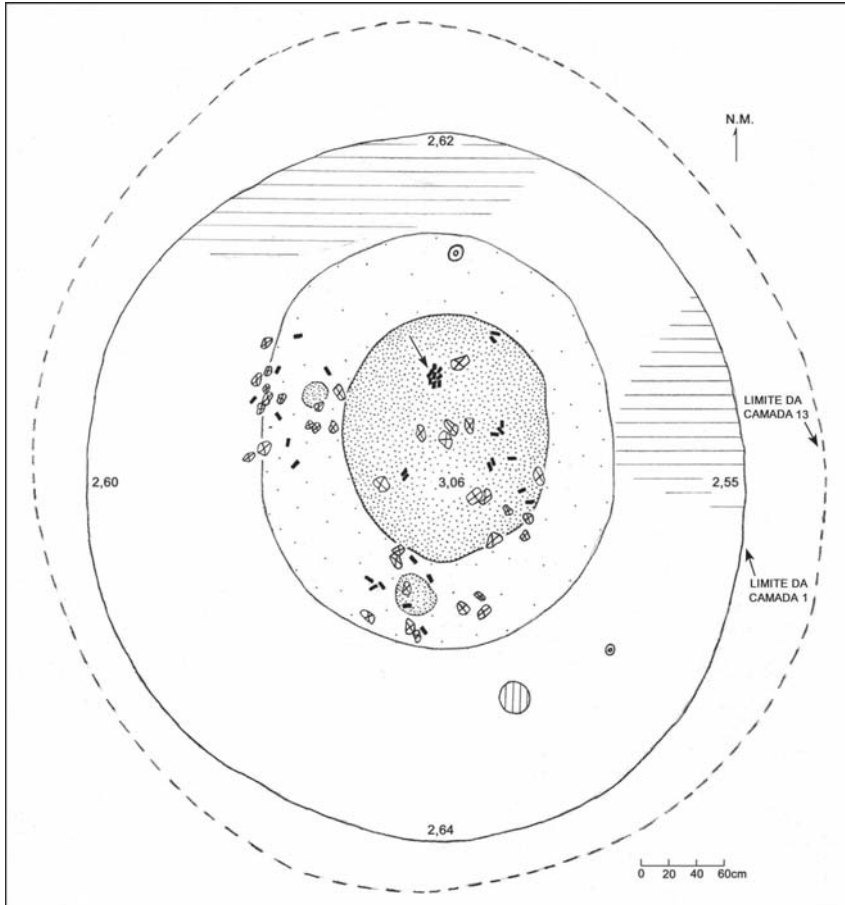


Figura 21. Planta do piso da camada de ocupação 1, na estrutura habitacional subterrânea do sítio PR CT 93.

Encerrava pedras e fragmentos cerâmicos, entre os quais o de uma vasilha esmagada. O fogão era contornado por solo argiloso

marrom-escuro, igualmente de formato elíptico. Comportava, ainda, dois fogões menores, um ao sul e outro a oeste. No entorno dessas estruturas de combustão havia blocos de rocha e cerâmica. Ao norte do fogão maior, ainda em meio ao solo escuro, ocorreu um buraco-de-estaca. Outro foi localizado a sudeste, no solo arenoso avermelhado; este situava-se próximo a uma fossa. Ao norte, registrou-se o solo lilás e, a leste, somente o solo marrom-escuro (Fig. 21).

No solo avermelhado da metade sul da estrutura foram notadas pequenas depressões preenchidas com areia grossa de enxurradas. Essas depressões também ocorreram nas camadas 2 e 3.

Os cortes-experimentais praticados após a escavação da camada de ocupação 1 revelaram a incidência do solo avermelhado até 3,20m de profundidade. Para baixo, caracterizou-se o embasamento rochoso intemperizado (Fig. 8).

Ocupações relacionadas à tradição Itararé foram localizadas 58m ao norte e 73m ao sul. Correspondem aos sítios PR CT 94: Rio das Onças-6 e PR CT 90: Rio das Onças-2, respectivamente.

**PR CT 94: Rio das Onças- 6 N°C 4067 a 4079
(ex-indício C 12) (Município de Mandirituba)
UTM: 0665872 - 7154025**

Sítio cerâmico localizado a 1.800m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 34m da margem direita de uma nascente (Figs. 3 e 22). Ocupava o topo de uma elevação e parte de sua encosta sul, 9m acima do nível das águas da nascente (928m s.n.m.).

O local estava com gramíneas e árvores esparsas, remanescentes de mata secundária. Nos arredores, a oeste, situava-se a casa do proprietário, pequeno paiol e, área mecanizada com restos de cultivo de milho. Ao norte a área era cortada por uma estrada secundária e uma vala utilizada, no passado, para delimitação de propriedades. Junto à nascente e, acompanhando as margens do córrego havia capoeira.

O solo era de coloração cinza - escuro e textura argilosa.

O material arqueológico ocorria em uma área elíptica com 74 x 26m (1.387,88m²).

Perturbações causadas pela ocupação moderna eram visíveis no sítio. Representadas pela instalação de cercas, a construção de um paiol, este em suas porções centrais, abertura de estradas e valas, os danos, no entanto, não o descaracterizaram completamente e, duas

áreas mostraram maior número de evidências, formando concentrações. A concentração “A” foi localizada no extremo sul do sítio e media 31 x 23m (559,70m²). A concentração “B”, com 26 x 16m (356,26m²), situava-se 22m ao norte da concentração “A”.

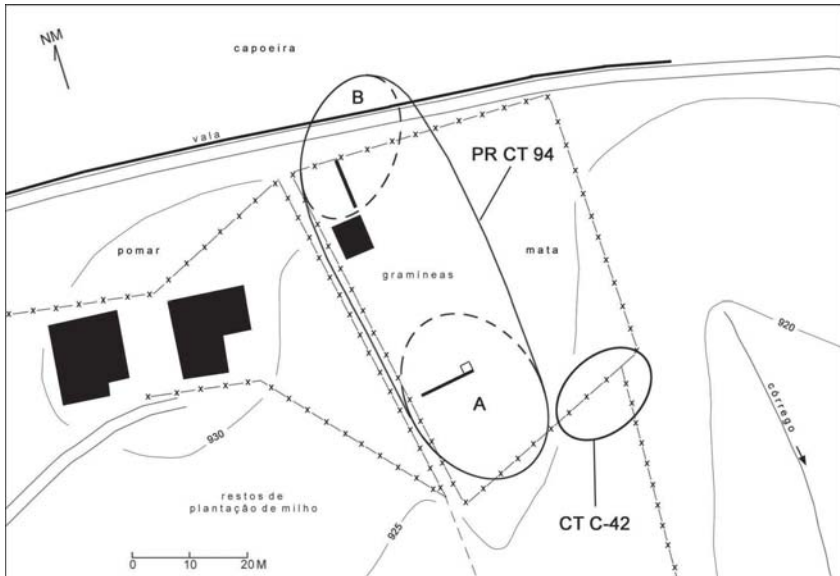


Figura 22. Planta do sítio PR CT 94: Rio das Onças-6 e, dos indícios cerâmicos PR CT C-42. Na área do sítio, as elipses tracejadas indicam área com concentração de material arqueológico. Na concentração “A”, o quadrado branco assinala área onde foram efetuados cortes-estratigráficos e, o traço escuro, a trincheira aberta. Na concentração “B”, o quadrado escuro representa construção moderna e, o traço escuro, área de trincheira.

No sítio, além de coletas superficiais, cortes-estratigráficos e trincheiras foram executados.

Os cortes foram efetuados nas porções centrais da concentração “A”, junto à parede norte da trincheira, sendo exposta uma área com 6m². Todos estavam com a superfície coberta por gramíneas e apresentaram a mesma estratigrafia: solo marrom, areno-argiloso até 25cm de profundidade, com raízes, radículas e pontos de carvão. O material arqueológico ocorria entre 8 e 21cm de profundidade, mostrando-se mais numeroso entre 15 e 18cm.

Ainda junto à concentração “A”, trincheira no sentido leste-

oeste foi aberta. Media 10m de comprimento e 0,50m de largura. O solo era de coloração marrom e textura areno-argilosa, com radículas. O material arqueológico foi registrado a partir da parede leste da trincheira, por uma extensão de 6m, tornando-se rarefeito até o seu limite oeste, aos 10m de comprimento. Era esparso e não chegou a formar piso.

Na concentração “B”, que mostrava maiores perturbações, somente uma trincheira com 9m de extensão e 0,50m de largura, foi realizada no seu lado sul. Orientada em sentido norte-sul, apresentava terreno plano coberto por gramíneas. O solo, de coloração cinza-escuro e textura argilosa, era granuloso até 25cm de profundidade. Abaixo tornava-se marrom-avermelhado, sem modificação na sua textura. O material arqueológico dispunha-se de forma esparsa entre 12 e 18cm de profundidade. Era mais comum a partir da parede sul da trincheira até suas porções medianas. Desse ponto, em direção norte, era raro.

Relacionados à mesma tradição cultural, foram registrados ao sul os sítio cerâmicos PR CT 93: Rio das Onças-5 e PR CT 90: Rio das Onças-2. Situavam-se a 58m e 151m, respectivamente.

**PR CT 96: Rio Maurício-2 N°C 4081 e 4082
(ex-índice C 16) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666572 - 7154308**

Sítio cerâmico localizado a 1.080m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 38m da margem esquerda de uma nascente (Figs. 3 e 22). Situava-se em área plana de um topo alongado, estendendo-se pela encosta, 9m acima do nível das águas da nascente (911m s.n.m).

O local, utilizado para práticas agrícolas, encontrava-se coberto por vegetação rasteira, com arbustos e restos de antigo cultivo de milho. Nos arredores viam-se capões de mata e, margeado a nascente e o córrego por ela formado, faixa de capoeira.

O solo mostrava tonalidade marrom-claro e textura argilosa, com pequena quantidade de cascalho.

O material arqueológico dispunha-se esparsa e superficialmente em uma área com 32 x 23m (577,76m²).

A ocupação moderna, com a implementação de práticas agrícolas, resultou na desestruturação da camada arqueológica. As evidências mostravam-se dispersas e de pequenas dimensões, fragmentadas que foram pela ação do arado.

Cortes-experimentais realizados evidenciaram somente um pequeno espaço com 1,80 x 0,90m (1,27m²) situado quase nas porções

centrais do sítio, onde o material era encontrado até 15cm de profundidade. Nele raspagem foi realizada para coleta das evidências.

Reocupação do local por grupo da tradição Neobrasileira foi constatada das porções centrais do sítio em direção ao seu lado sul. Corresponde ao sítio PR CT 95: Rio Maurício-1.

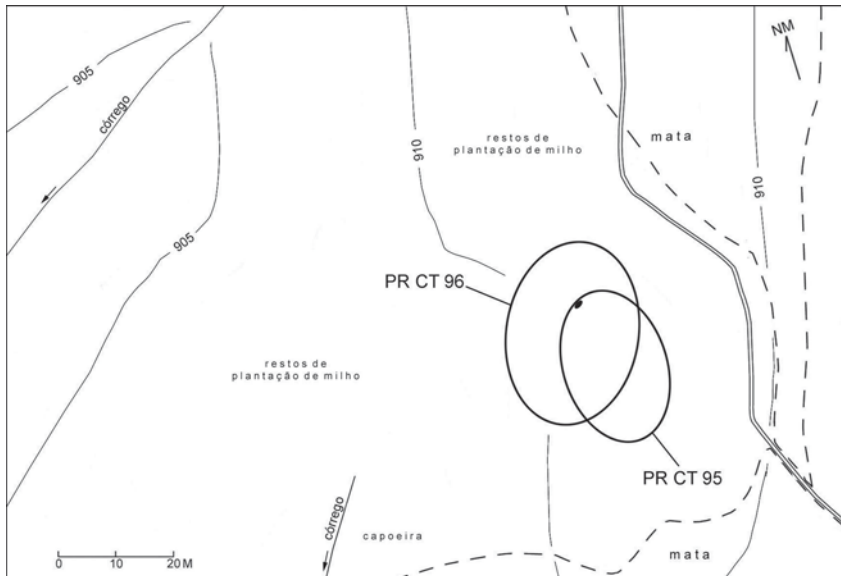


Figura 23. Localização dos sítios cerâmicos PR CT 95: Rio Maurício-1, de tradição Neobrasileira e, PR CT 96: Rio Maurício-2, de tradição Itararé. O ponto escuro indica área onde foram efetuadas raspagens no sítio PR CT 96.

**PR CT C - 41 N°C 4092
(ex-índice C 7) (Município de Mandirituba)
UTM: 0665806 - 7153478**

Indícios cerâmicos localizados a 810m da margem direita do rio Diamantes, afluente da margem direita do rio das Onças ou ribeirão Botiatuva e, a 75m de uma nascente (921m s.n.m.). Situavam-se na encosta suave de uma elevação voltada para a nascente (Fig. 3).

O local e as proximidades, atualmente abandonados, encontravam-se cobertos por capim alto. A oeste era cortado por uma estrada secundária. Na margem oposta da estrada, faixa rarefeita de mata secundária fora preservada.

O solo, de coloração marrom-claro, mostrava textura argilosa.

As evidências arqueológicas, esparsas e superficiais, ocorriam em uma área elíptica com 19 x 13m (193,89m²).

Cortes-experimentais executados nos arredores mostraram-se estéreis.

O ponto estava a sudeste dos sítios PR CT 90: Rio das Onças-2, PR CT 93: Rio das Onças-5 e PR CT 94: Rio das Onças-6, relacionados à mesma tradição cultural. Encontrava-se a 335m, 460m e 538m de distância, respectivamente. Situava-se 822m a noroeste dos indícios cerâmicos PR CT C-51.

DESCRIÇÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO DA TRADIÇÃO ITARARÉ

A cerâmica

As evidências recolhidas nos sítios PR CT 90, PR CT 93, PR CT 94 e PR CT 96 e, nos indícios PR CT C-41 correspondem, predominantemente, a fragmentos de recipientes cerâmicos. Apenas uma vasilha foi encontrada inteira e outras duas, resgatadas em pedaços, puderam ser restauradas. Partes de tigelas e jarros também resultaram do trabalho de restauração; representam as porções superiores, laterais ou inferiores dos recipientes. A peça inteira ou aquelas reconstruídas total ou parcialmente procederam da estrutura habitacional subterrânea, do sítio PR CT 93.

As coletas superficiais e os cortes-estratigráficos praticados proporcionaram 993 peças. Computando-se os fragmentos que durante a preparação das coleções foram unidos, possibilitando a reconstrução parcial ou total de recipientes, o número de fragmentos recolhidos ascende a 1.814. No espaço dos indícios PR CT C-41 foram coletados 4 fragmentos de recipientes.

Quase todos os fragmentos apresentam acabamento superficial simples. Muitos, entretanto, como já se comentou, mostravam-se trincados ou erodidos. Este fato dificultou a quantificação confiável de outros acabamentos verificados, como os que mostram lustro e/ou enegrecimento de toda a superfície de jarros, geralmente sobre a face de coloração marrom-claro e não confundível com mancha de queima ou acúmulo de fuligem. Algumas peças, igualmente bem conservadas, permitiram a observação de uma película resinosa amarelo-claro, resistente como glasura, aplicada na face interna de tigelas. Fragmentos que conservam delgada camada de pasta avermelhada nas faces

foram considerados como tipo, embora também não permitam quantificação correta.

A técnica empregada para a confecção das vasilhas foi a acordelada; em muitos casos essa técnica foi de difícil constatação em consequência da compactação das paredes.

Os núcleos apresentam colorações cinza-escuro ou cinza-claro. São igualmente numerosos os núcleos de cores marrom-claro e marrom-avermelhado. Na superfície, as peças ostentam colorações cinza-escuro, cinza-claro, marrom-claro e marrom-avermelhado, predominando as três últimas. Nestas, inclusive, ocorrem manchas de queima. Foram comuns, ainda, peças com colorações claras na face externa e escura na interna. Muitas conservam restos de fuligem nas porções inferiores dos recipientes; a fuligem incide, principalmente, na face interna.

A dureza da superfície das peças varia de 2,5 a 3, conforme a escala de MOHS. Devido à erosão, que expôs os grânulos de quartzo, esse registro ficou limitado àqueles fragmentos que possuíam faces bem conservadas.

A análise da pasta dos fragmentos revelou que o antiplástico é constituído por grânulos arredondados e angulosos de quartzo cristalino e leitoso. A granulometria desse antiplástico é variável e serviu para o estabelecimento de três variantes. Poucos encerram na pasta pequenos grânulos arredondados de hematita. Observou-se, também, que a matéria-prima básica é constituída, em alguns casos, por argila pura, à qual foram adicionados antiplásticos e, na maioria, por argila naturalmente misturada com areia muito fina; nesta, da mesma forma, foram acrescentados os grânulos de quartzo.

As variedades da cerâmica simples, com relação à granulometria do antiplástico, compreendem: a fina, quando não ultrapassam 1mm de comprimento, a média, quando atingem 2mm e a grossa, quando ultrapassam os 2mm. Nesta categoria foram constatados, em poucos casos, quartzos que medem até 5mm de comprimento.

Outra particularidade observada quanto à presença do antiplástico é relacionada à sua frequência. Em algumas peças ocorrem raros grânulos de quartzo e, em outras, há grande quantidade deles.

A cerâmica simples com antiplástico fino representa 40,99% (407 peças) das coleções, a com antiplástico médio 38,27% (380) e a com antiplástico grosso 18,63% (185).

Os fragmentos que puderam ser separados por apresentarem engobo vermelho na face interna e/ou externa, representam 1,71% do acervo (17 peças).

As variedades cerâmicas foram arroladas nos Quadros 1 e 2. A relação do Quadro 2 corresponde às coleções provenientes da escavação realizada na habitação subterrânea (sítio PR CT 93).

A morfologia dos recipientes cerâmicos foi estabelecida com base em recipientes completos e de porções que continuamente apresentavam borda, bojo e base, borda e bojo e bojo e base. Manifestaram-se tigelas fundas com bojo cilíndrico ou um pouco globular, configurando formas intermediárias entre estas e os jarros. Os bojos dos jarros tendem para as formas elípticas, ovais e ligeiramente globulares.

Foram classificadas 14 formas de tigelas e 11 de jarros (Fig. 24a). As primeiras representam 37,20% das vasilhas reconstruídas e, os últimos, 62,80%. Nessa classificação, além do aspecto funcional dos recipientes, enfatizou-se o detalhe tecnológico mostrado pelas suas bordas. As 25 formas estabelecidas apresentam, portanto, maior variação na sua porção superior. Foram constatadas bordas diretas, inclinadas externamente, extrovertidas, expandidas, reforçadas externamente e, reforçadas externa e internamente. Entre as tigelas fundas e alguns jarros ocorreram bordas introvertidas.

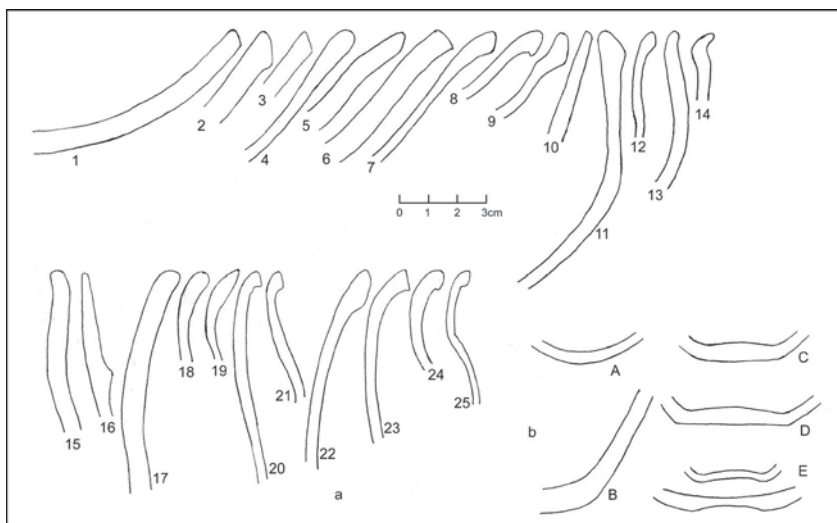


Figura 24. Perfis de bordas correspondentes às formas 1 a 25 (a) e das bases A a E (b), classificados na cerâmica de tradição Itararé.

Os lábios são planos, arredondados, apontados e biselados.

As bases registradas são convexas, cônicas, planas, planas formando angulação com o bojo e côncavas. Ocorrem paredes de base

com espessura regular, em continuidade com a do bojo e, as espessuras internamente (Fig. 24b).

Para a obtenção da espessura da parede dos recipientes, as medidas foram tomadas sempre na porção do bojo, uma vez que em direção à borda ou à base, algumas peças tendem a apresentar espessuras maiores. Nas várias coleções, as espessuras variaram de 2 a 11mm, predominando 4mm. As maiores espessuras de parede foram constatadas na cerâmica que encerrava antiplásticos grossos, embora se manifestassem também naqueles com antiplásticos médios e finos. Estes são representados geralmente por fragmentos de tigelas. Jarros com paredes medindo entre 7 e 8mm de espessura foram detectados unicamente nas camadas 1 e 2 da habitação subterrânea, independentemente da granulometria do antiplástico.

As 14 formas de tigelas apresentam os seguintes diâmetros na boca e percentuais na coleção:

- Forma 1, 13 e 22cm=1,20%
- Forma 2, entre 14 e 28cm, predominando entre 22 e 28cm=9,04%
- Forma 3, 14 e 18cm=1,20%
- Forma 4, 14 e 18cm=1,20%
- Forma 5, 22 e 24cm=1,20%
- Forma 6, 20cm=0,60%
- Forma 7, entre 10 e 28cm, predominando entre 20 e 28cm=4,22%
- Forma 8, entre 12 e 20cm=1,81%
- Forma 9, 13 e 14cm=1,20%
- Forma 10, entre 10 e 16cm=1,81%
- Forma 11, entre 9 e 24cm=1,81%
- Forma 12, entre 7 e 22cm, predominando entre 10 e 14cm=4,22%
- Forma 13, entre 5 e 12cm, predominando 12cm=3,01%
- Forma 14, entre 9 e 12cm=1,81%

As 11 formas de jarros apresentam os seguintes diâmetros na boca e percentuais na coleção:

- Forma 15, 11cm= 0,60%
- Forma 16, 9cm=0,60%
- Forma 17, entre 8 e 14cm, predominando entre 10 e 12cm=9,64%
- Forma 18, entre 7 e 14cm, predominando entre 10 e 12cm= 13,25%
- Forma 19, entre 8 e 14cm, predominando 10cm=3,62%
- Forma 20, entre 12 e 13cm=1,81%
- Forma 21, entre 5 e 14cm, predominando entre 10 e 12cm=4,82%
- Forma 22, entre 6 e 14cm, predominando entre 12 e 14cm=12,65%

Quadro 1. Frequência do material cerâmico nos sítios da tradição Itararé

	SIMPLES FINO	SIMPLES MÉDIO	SIMPLES GROSSO	VERMELHO	MODELAGEM	TOTAL	%
PR CT 90 SUP 4019	4	4	3	-	-	11	2,10
PR CT 90 CS1-N1 4020	-	1	-	-	-	1	0,19
PR CT 90 T1=0-30 4022	28	9	6	-	-	43	8,22
PR CT 90 T2=0-30 4023	1	-	-	-	-	1	0,19
PR CT 90 T3=0-25 4024	2	3	-	-	-	5	0,96
PR CT 90 T4=0-30 4025	7	4	4	-	-	15	2,87
PR CT 90 Q2=10-15 4027	1	3	-	-	-	4	0,76
PR CT 90 Q2=15-25 4028	3	5	2	-	-	10	1,91
PR CT 90 Q1=15-25 4105	12	27	13	-	-	52	9,94
PR CT 90 Q1=25-70 4106	1	1	-	-	-	2	0,38
PR CT 90 T5=0-12 4107	2	1	3	-	-	6	1,15
PR CT 94 SUP 4067	7	1	2	-	-	10	1,91
PR CT 94 CONC.A T=0-15 4068	11	13	2	-	-	26	4,97
PR CT 94 CONC.A T=15-25 4069	10	10	2	-	1	23	4,40
PR CT 94 CONC.A Q1=0-15 4070	2	5	-	-	-	7	1,34
PR CT 94 CONC.A Q1=15-25 4071	1	2	2	-	-	5	0,96
PR CT 94 CONC.A Q2=10-20 4073	21	12	3	1	-	37	7,07
PR CT 94 CONC.A Q2=20-25 4074	17	10	-	-	-	27	5,16
PR CT 94 CONC.A Q3=10-20 4076	6	7	2	-	-	15	2,87
PR CT 94 CONC.A Q3=20-25 4077	6	4	2	-	-	12	2,29
PR CT 94 CONC.B T=0-15 4078	13	29	15	2	-	59	11,28
PR CT 94 CONC.B T=15-30 4079	3	4	2	-	-	9	1,72
PR CT 96 SUP 4081	59	52	10	-	-	121	23,14
PR CT 96 RASP 4082	9	11	2	-	-	22	4,21
TOTAL	226	218	75	3	1	523	
%	43,21	41,68	14,34	0,57	0,19		100%

Quadro 2. Frequência do material cerâmico no sítio PR CT 93, da tradição Itararé.

		SIMPLES FINO	SIMPLES MÉDIO	SIMPLES GROSSO	VERMELHO	MODELAGEM	TOTAL	%	TOTAL GERAL	%
CAMADAS	SÍTIO PR CT 93									
1	LADO LESTE 4066	1	2	5	-	-	8	1,72	22	4,72
	LADO OESTE 4065	2	4	7	-	1	14	3,00		
2	LADO LESTE 4064	16	12	12	-	-	40	8,58	68	14,59
	LADO OESTE 4063	12	8	7	1	-	28	6,01		
3	LADO LESTE 4062	26	22	5	1	-	54	11,59	77	16,52
	LADO OESTE 4061	9	9	4	1	-	23	4,94		
4	LADO LESTE 4060	16	14	9	2	-	41	8,80	76	16,31
	LADO OESTE 4059	9	11	10	4	1	35	7,51		
5	LADO LESTE 4058	8	4	2	-	-	14	3,00	17	3,65
	LADO OESTE 4057	-	2	1	-	-	3	0,64		
6	LADO LESTE 4056	4	4	-	-	-	8	1,72	26	5,58
	LADO OESTE 4055	6	8	4	-	-	18	3,86		
7	LADO LESTE 4054	1	3	-	-	-	4	0,86	14	3,00
	LADO OESTE 4053	3	7	-	-	-	10	2,15		
8	LADO OESTE 4052	7	6	2	2	-	17	3,65	38	8,15
	LADO LESTE 4051	9	8	3	1	-	21	4,51		
9	LADOS LESTE E OESTE 4050	9	9	6	2	-	26	5,58	26	5,58
10	LADOS LESTE E OESTE 4049	2	3	7	-	-	12	2,58	12	2,58
11	LADO OESTE 4048	-	1	4	-	-	5	1,07	40	8,58
	LADO LESTE 4083	18	12	4	-	1	35	7,51		
12	LADOS LESTE E OESTE 4047	1	3	3	-	-	7	1,50	7	1,50
13	LADO OESTE 4046	2	1	8	-	-	11	2,36	29	6,22
	LADO LESTE 4045	10	5	3	-	-	18	3,86		
	SUP 4043	8	3	3	-	-	14	3,00	14	3,00
	TOTAL	179	161	109	14	3	466		466	

Forma 23, entre 8 e 13cm, predominando entre 12 e 14cm=4,82%
 Forma 24, entre 8 e 14cm=3,01%

Forma 25, entre 7 e 11cm=2,41%

Nas peças completas e restauradas verificou-se uma pequena distorção no diâmetro da boca, conferindo-lhe formato ligeiramente elíptico: 5,50 x 5,00cm, 9,50 x 9,00cm, 11,50 x 11,00cm e 12,50 x 11,50cm. Notou-se em alguns poucos casos, também, que o perfil da borda variava; em um dos extremos da restauração ou do fragmento o perfil da borda podia corresponder à forma 21 e, no outro, à 20. Para classificá-lo, optou-se pela forma predominante no exemplar.

Com exceção do sítio PR CT 93, a distribuição das formas cerâmicas nos outros sítios registrados na área da pesquisa, é a seguinte:

No sítio PR CT 90, estão presentes as tigelas de formas 2 e 12 e, os jarros de formas 17, 20, 21, 22 e 23.

No sítio PR CT 94, estão presentes as tigelas 1, 2, 4, 12 e 14 e, os jarros 17, 18, 19, 21, 22 e 24.

No sítio PR CT 96, estão presentes as tigelas 10 e 14 e, os jarros 17, 18, 19, 21 e 25.

Nos indícios PR CT C-41, está presente somente a forma de jarro 18.

Considerando-se a incidência das formas em relação aos tipos cerâmicos, a sua distribuição nesses locais é a seguinte:

No tipo Simples Fino do sítio PR CT 90, estão presentes a tigela de forma 2 e os jarros de formas 21 e 22. No tipo Simples Médio, a tigela 12 e os jarros 18, 21 e 22. No tipo Simples Grosso, a tigela 2 e os jarros 18, 20, 21, 22 e 23.

No tipo Simples Fino do sítio PR CT 94, estão presentes as tigelas de formas 1, 2, 4 e 14 e, os jarros de formas 17, 18, 19, 21, 22 e 24. No tipo Simples Médio, a tigela 4 e, os jarros 17, 18 e 22. No tipo Simples Grosso, as tigelas 2, 4 e 12 e, os jarros 17, 22 e 24.

No tipo Simples Fino do sítio PR CT 96, estão presentes as tigelas de formas 10 e 14 e, o jarro de forma 17. No tipo Simples Médio, estão presentes apenas os jarros 17, 18, 19, 21 e 25. Nenhuma forma foi reconstruída no tipo Simples Grosso.

Nos indícios cerâmicos C-41, somente o jarro de forma 18 ocorreu no tipo simples Médio.

Representando quase a metade do universo amostral cerâmico dos sítios Itararé na área da pesquisa, nas várias camadas de ocupação da habitação subterrânea estava, também, o maior número de formas. Delas, com exceção da camada 7, procederam as 101 formas completas, restauradas ou reconstruídas graficamente. As coleções dos demais sítios e indícios permitiram a classificação de 61 formas. Na

camada 7 da habitação subterrânea não ocorreram bordas, somente fragmentos relacionados a bojos de jarros e tigela. As peças que permitiram a representação foram mais numerosas nas camadas 2, 3 e 4 ultrapassando, cada uma delas, a uma vintena. Nas demais, não atingiram uma dezena. Elas encerravam, também, poucos fragmentos de outras partes de recipientes, o que poderia indicar o descarte, para fora da habitação, das peças quebradas. Esta suposição baseia-se no fato de que todo o espaço interno da habitação subterrânea foi escavado e, que as evidências retiradas das várias camadas foram cotejadas no momento da análise.

Porções de tigelas procedentes das camadas 2 e 4, por exemplo, foram restauradas e correspondem a 1/3 das vasilhas. Um jarro da camada 3, depois de restaurado, configurou apenas a borda e o pescoço completos e pequenas porções imediatas do bojo. Em nenhuma das camadas das peças exemplificadas foram encontrados os fragmentos que permitissem a complementação ou que, pela semelhança, a eles fossem associados.

O deslocamento ou “migração” de fragmentos foi constatado em dois pontos da estrutura: um estava situado no seu lado oeste e outro no leste. No primeiro caso, as porções que foram unidas ocorreram na camada 2 e na camada 8. No segundo, os fragmentos da mesma peça encontravam-se nas camadas 2 e 3. O deslocamento do lado oeste pode ser atribuído a árvore antiga, cuja perturbação era bem visível na estratigrafia. A “migração” do lado leste, em camadas superpostas, talvez se deva a alguma interferência da ocupação superior ou à ação de animais cavadores, como o tatu.

Como quase todas as camadas foram escavadas respeitando-se as metades, verificou-se que raramente havia dispersão de fragmentos da mesma peça de um lado para o outro.

As formas do vasilhame da habitação subterrânea estão representadas nas Figuras 25 a 31, de acordo com a sua procedência, inclusive as que se repetem. Assim, a ocorrência das formas nas várias camadas de ocupação, é a seguinte:

Na camada 1, estão presentes a tigela de forma 1 e os jarros de formas 17, 20 e 21.

Na camada 2, as tigelas 2, 4, 9, 11, 12 e 13 e, os jarros 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24 e 25.

Na camada 3, as tigelas 2, 4, 7, 8, 9, 11, e 12 e, os jarros 18, 19, 21, 22, 23 e 25.

Na camada 4, as tigelas 2, 3, 7 e 10 e, os jarros 17, 18, 19, 21, 22, 23 e 25.

Na camada 5, a tigela 8.

Na camada 6, as tigelas 5 e 13.

Na camada 7, os fragmentos recolhidos não possibilitaram a reconstrução da tigela e, os jarros foram representados por porções de seus bojos.

Na camada 8, as tigelas 2, 5, 7 e 8, os jarros 18, 22 e 24.

Na camada 9, as tigelas 2 e 14 e, os jarros 17, 21, 22 e 23.

Na camada 10, a tigela 7 e o jarro 23.

Na camada 11, a tigela 4.

Na camada 12, o jarro 22.

Na camada 13, a tigela 13 e os jarros 20, 21 e 22.

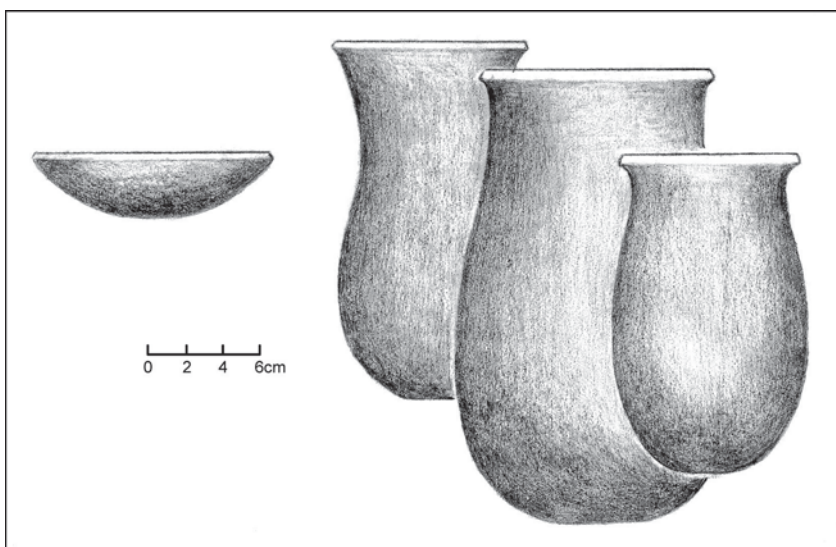


Figura 25. Vasilhas cerâmicas relativas à camada de ocupação 1, no sítio PR CT 93.

Quanto à frequência das formas em relação aos tipos cerâmicos, a sua distribuição na estrutura subterrânea é a seguinte:

No tipo Simples Fino da camada 1 nenhuma vasilha pôde ser reconstruída. No tipo Simples Médio, ocorreu o jarro de forma 20. No tipo Simples Grosso, a tigela 1 e os jarros 17 e 21.

No tipo Simples Fino da camada 2, foram registradas as tigelas 2, 4, 9, 11 e 12 e, os jarros 16, 19, 21, 24 e 25. No Simples Médio, a tigela 2 e, os jarros 15, 17, 19, 21 e 22. No Simples Grosso, as tigelas 2, 6, 11, 12 e 13 e, o jarro 18.

No tipo Simples Fino da camada 3, ocorreram as tigelas 4, 10,

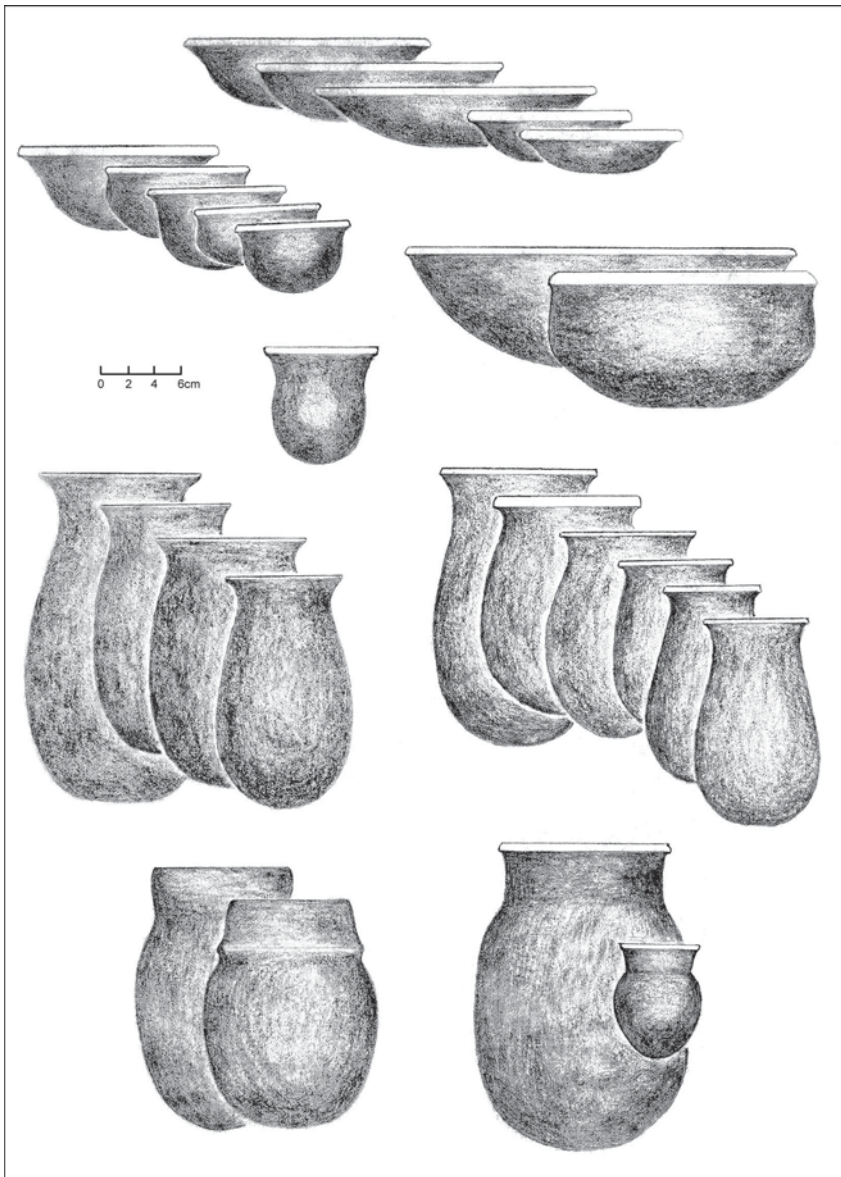


Figura 26. Vasilhas cerâmicas relativas à camada de ocupação 2, no sítio PR CT 93.

11 e 12 e, os jarros 18, 22, 23 e 25. No Simples Médio, as tigelas 7, 8,

9 e 12 e, os jarros 18, 19, 21 e 22. No Simples Grosso, as tigelas 2 e 12 e, o jarro 21.

No tipo Simples Fino da camada 4, foram reconstruídas as tigelas 7 e 10 e, os jarros 18, 19, 20, 24 e 25. No Simples Médio, a tigela 2 e os jarros 18, 21 e 23. No Simples Grosso, a tigela 2 e o jarro 22.

Na camada 5, a única forma reconstruída, da tigela 5, está relacionada ao tipo Simples Fino.

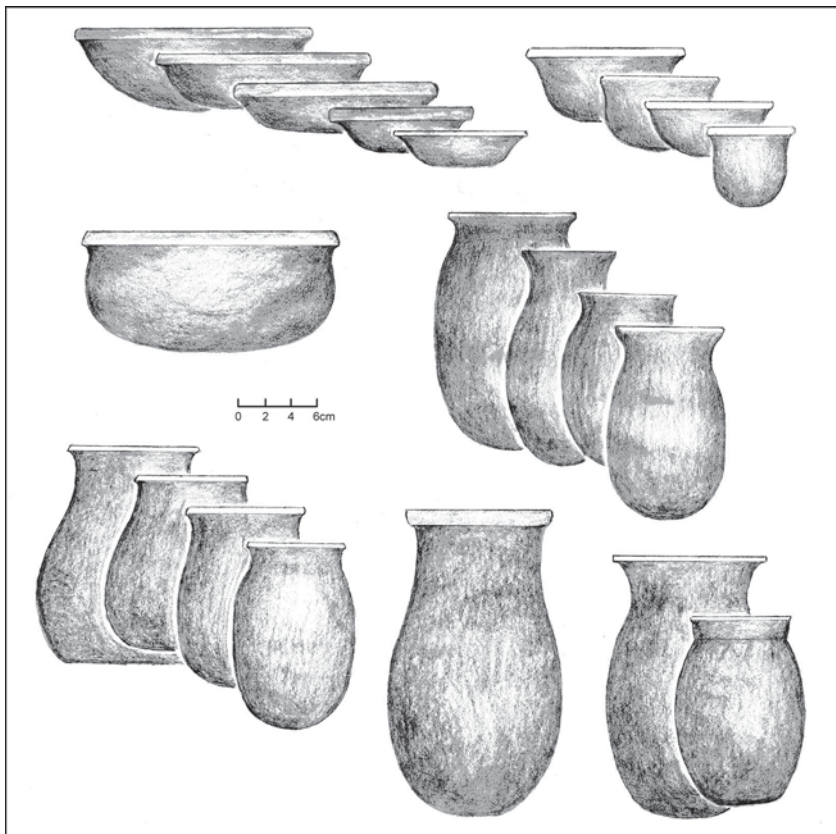


Figura 27. Vasilhas cerâmicas relativas à camada de ocupação 3, no sítio PR CT 93.

Na camada 6, a tigela de forma 13 está ligada ao tipo Simples Médio e, a tigela 10 ao tipo Simples Grosso.

Na camada 7, não foi possível a reconstrução de formas.

No tipo Simples Fino da camada 8, estão presentes as tigelas 2

e 7 e, os jarros 22 e 24. No tipo Simples Médio, as tigelas 5 e 8 e, o jarro 18. No tipo Simples Grosso, a tigela 7.

No tipo Simples Fino da camada 9, estão presentes a tigela 14 e o jarro 22. No tipo Simples Médio, os jarros 12, 21 e 23. No tipo Simples Grosso, os fragmentos não possibilitaram a reconstrução de formas. No tipo Simples com Engobo Vermelho, foi registrada a tigela 2.

Na camada 10, foi possível a reconstrução da tigela 7 no tipo Simples Médio e, do jarro 23, no tipo Simples Grosso.

Na camada 11, a única forma reconstruída é a da tigela 4, no tipo Simples Grosso.

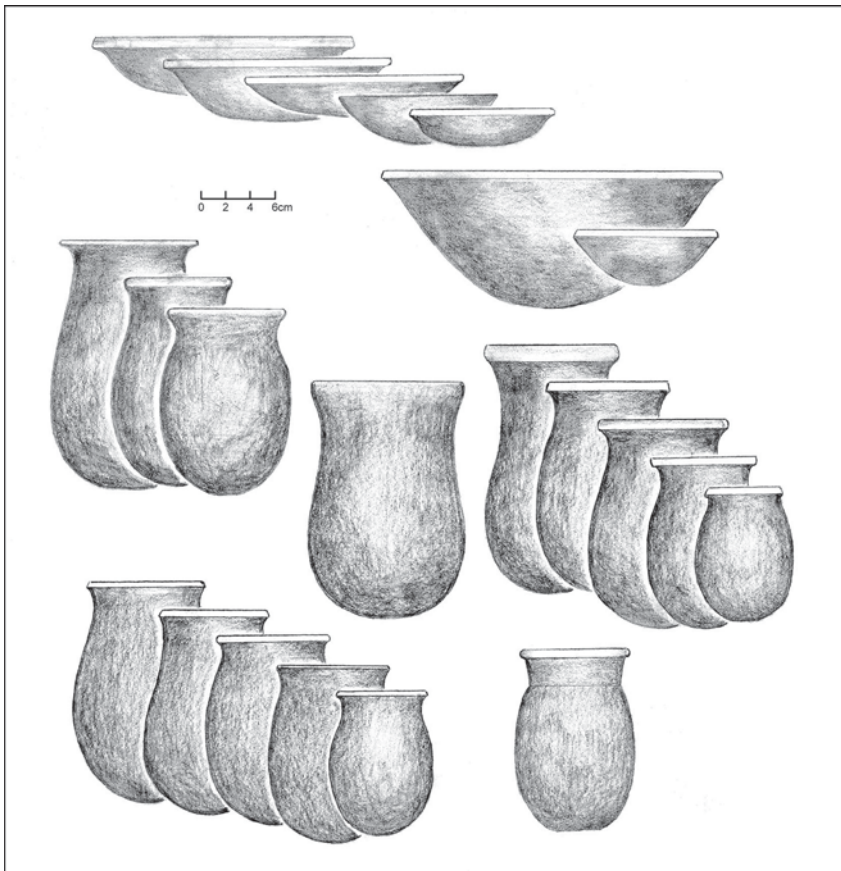


Figura 28. Vasilhas cerâmicas relativas à camada de ocupação 4, no sítio PR CT 93.

Na camada 12, foram reconstruídas as tigelas 2 e 3, nos tipos Simples Médio e Simples Grosso, respectivamente e, o jarro 22, no segundo tipo.

No tipo Simples Fino da camada 13, ocorreram os jarros 20 e 22. No tipo Simples Médio, a tigela 13 e, no tipo Simples Grosso, o jarro 21.

Entre o material recolhido no entorno da habitação subterrânea foram registradas, no tipo Simples Fino, as formas de tigela 7 e

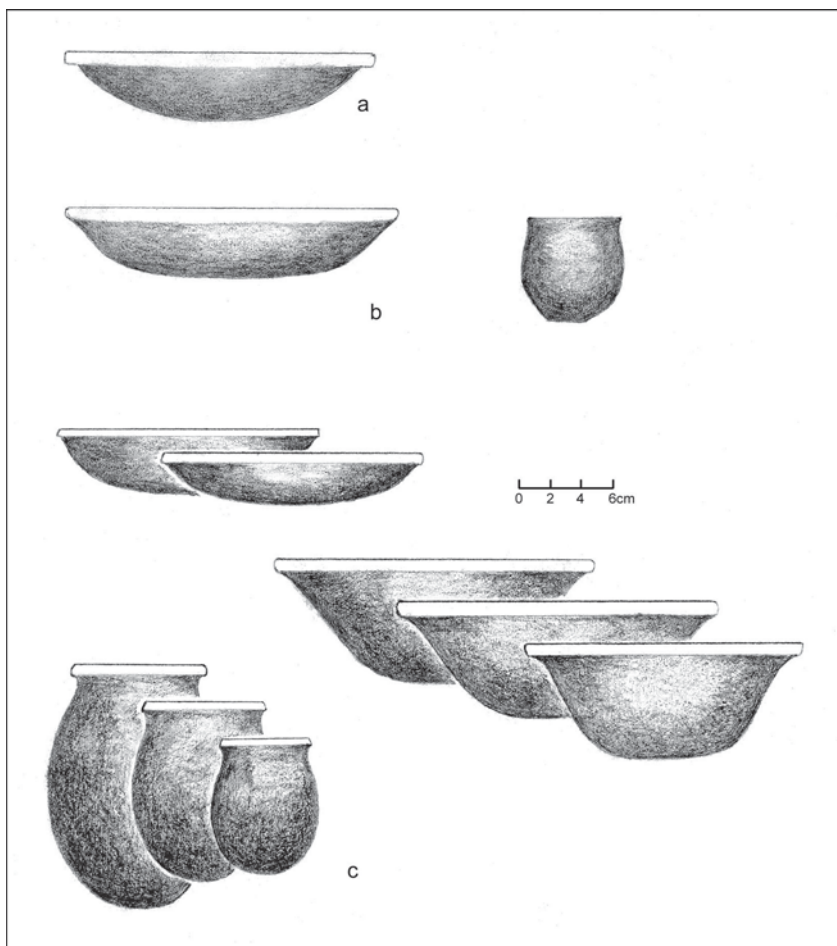


Figura 29. Vasilhas cerâmicas relativas às camadas de ocupação 5 (a), 6 (b) e 8 (c), no sítio PR CT 93.

jarro 21, no tipo Simples Médio, de jarro 18 e, no Simples Grosso, da tigela 13.

Com exceção do sítio PR CT 93, a distribuição das formas nos outros registrados, é a seguinte:

No sítio PR CT 90, estão presentes as tigelas 2 e 12 e, os jarros de formas 17, 20, 21, 22 e 23.

No sítio PR CT 94, estão presentes as tigelas 1, 2, 4, 12 e 14 e, os jarros 17, 18, 19, 21, 22 e 24.

No sítio PR CT 96, estão presentes as tigelas 10 e 14 e, os jarros 17, 18, 19, 21 e 25.

Nos indícios C-41, está presente somente a forma de jarro 18.

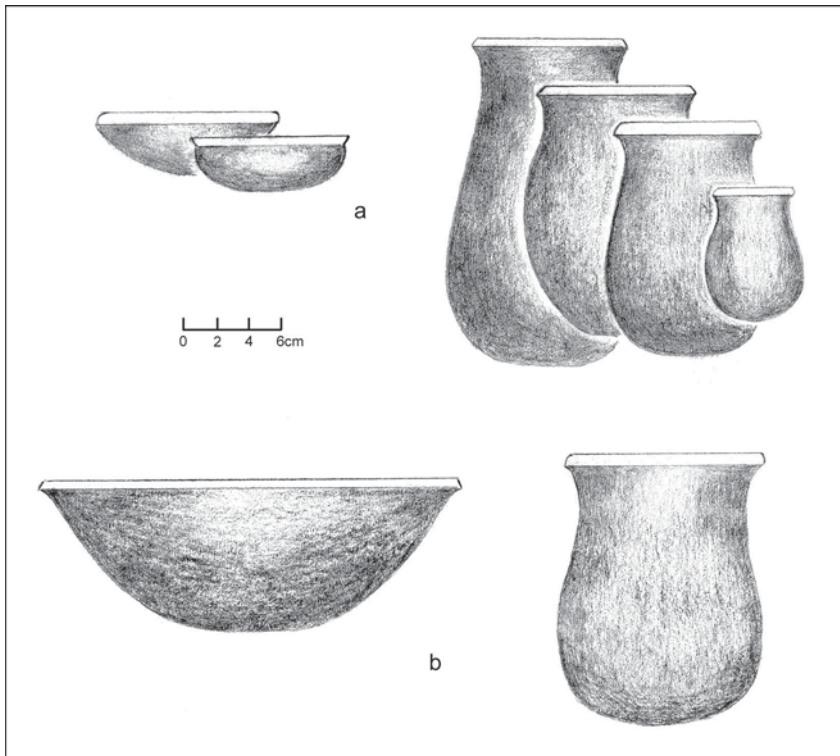


Figura 30. Vasilhas cerâmicas relativas às camadas de ocupação 9 (a) e 10 (b), no sítio PR CT 93.

Considerando-se a incidência das formas em relação aos tipos cerâmicos, a sua distribuição nos sítios é a seguinte:

No tipo Simples Fino do sítio PR CT 90 estão presentes a tigela de forma 2 e os jarros de formas 21 e 22. No tipo Simples Médio, a tigela 12 e os jarros 18, 21 e 22. No tipo Simples Grosso, a tigela 2 e os jarros 18, 20, 21, 22 e 23.

No tipo Simples Fino do sítio PR CT 94 estão presentes as tigelas de formas 1, 2, 4 e 14 e, os jarros 17, 18, 19, 21 e 24. No tipo Simples Médio, a tigela 4 e os jarros 17, 18 e 22. No tipo Simples Grosso, as tigelas 2, 4 e 12 e, os jarros 17, 22 e 24.

No tipo Simples Fino do sítio PR CT 96, estão presentes as tigelas de formas 10 e 14 e, o jarro de forma 17. No tipo Simples Médio, estão presentes apenas os jarros 17, 18, 19, 21 e 25. Nenhuma forma foi reconstruída no tipo Simples Grosso.

Nos indícios cerâmicos PR CT C-41 apenas a forma de jarro 18



Figura 31. Vasilhas cerâmicas relativas às camadas de ocupação 11 (a), 12 (b) e 13 (c), no sítio PR CT 93.

ocorreu no tipo Simples Médio.

A incidência de tigelas e jarros nos vários sítios e indícios, têm a seguinte proporção:

No sítio PR CT 90: 8 tigelas e 20 jarros.

Na habitação subterrânea do sítio PR CT 93: 46 tigelas e 55 jarros; no entorno deste sítio: 2 tigelas e 2 jarros.

No sítio PR CT 94: 8 tigelas e 20 jarros.

No sítio PR CT 96: 2 tigelas e 13 jarros.

Nos indícios PR CT C-41: 1 jarro.

Resumindo, constatou-se que as 25 formas classificadas, quando consideradas em conjunto, ocorreram nas diversas camadas da estrutura subterrânea do sítio PR CT 93. Nela, a tigela de forma 2 e os jarros de formas 19 e 20 são as mais populares. Nos outros sítios, a tigela 2 e os jarros 16 e 20 (PR CT 90), tigela 4 e jarros 15 e 20 (PR CT 94) e jarro 15 (PR CT 96) são as formas mais populares.

Completam o acervo cerâmico 4 modelagens (0,40%), representadas por restos de cordéis de pasta queimada. Três delas estavam nas camadas 1, 4 e 11 da habitação subterrânea e, outra, no sítio PR CT 94, entre 15 e 25cm de profundidade.

A terra queimada

Em todas as camadas da habitação subterrânea e, nas trincheiras e quadras praticadas no sítio PR CT 94, foram constatados fragmentos de terra queimada junto a fogões. Eram pedaços de placas com a face externa plana na qual ocorriam impressões de gravetos e folhas como se, no solo argiloso, antes da atividade de combustão, o pisoteio as tivesse marcado. A coloração externa era marrom-claro ou marrom-tijolo. Internamente a coloração mudava para o cinza-escuro. Englobavam em muitos casos, grânulos de areia grossa.

O lítico

Nas áreas dos sítios e indícios foram constatados pequenos blocos de rocha integrando normalmente o solo. Alguns, entretanto, estavam associados a estruturas de combustão e seus arredores, mas não apresentavam disposição especial.

Sessenta e oito blocos de rocha, que haviam sido recolhidos

durante a escavação da habitação subterrânea, não mostravam indícios de utilização como instrumento e foram considerados atípicos. A matéria-prima predominante foi o quartzito (58 peças), seguida pelo granito (6), gnaiss, limonita, argilito e concreção (1 de cada).

Outros 6 blocos procedentes da mesma estrutura subterrânea estavam alterados pela ação do fogo; dois eram de granito, dois de quartzito, um de silexito e um de gnaiss. Nove nódulos ou seixos-rolados provieram da camada 3, sendo oito de quartzito e um de silexito.

Poucas peças apresentaram alguma evidência de trabalho representando, a maioria, resíduos de lascamento. Cinco lascas simples com crosta foram encontradas nas camadas 4, 8 e 9 da estrutura subterrânea. Obtidas de seixos-rolados de quartzito (4) e silexito (1), duas possuem o ponto de percussão puntiforme e, três, espatifado.

Três lascas simples em forma de cunha ocorreram em três sítios: PR CT 90, PR CT 93 (camada 13) e PR CT 96. Duas foram retiradas de seixos-rolados de quartzito e uma de granito; duas têm ponto de percussão espatifado e, uma, puntiforme.

Quatro lascas preparadas procedem do sítio PR CT 93 (camadas 9, 10 e 11) e do PR CT 94. Três são de quartzito e uma de arenito silicificado; três delas têm ponto de percussão espatifado e, uma, puntiforme.

Entre as microlascas, 9 foram recolhidas no sítio PR CT 93 (camadas 2, 5, 7, 8, 11 e 13) e 2 no sítio PR CT 90. Uma delas é de silexito; as demais são de quartzito. Todas mostram-se como lascas preparadas. Em três o ponto de percussão é puntiforme e, em sete, espatifado.

As 2 lâminas foram encontradas na camada 4 do sítio PR CT 93 e, no sítio PR CT 96. Uma é de granito e outra de quartzito, com ponto de percussão puntiforme. Uma configura-se como lasca simples em forma de cunha e, outra, como lasca preparada.

Na camada 4 do sítio PR CT 93 ocorreu um núcleo esgotado de quartzito. Ostenta lascamentos por percussão direta.

Três núcleos com sinais de utilização foram encontrados na camada 5 do sítio PR CT 93 e, no sítio PR CT 96. Os da estrutura subterrânea, de quartzito, foram classificados como percutores e apresentam arestas esmagadas. O terceiro é um abrasador plano de granito. Tem forma tabular e foi utilizado em uma face. Este mede 100mm de comprimento, 75mm de largura e 35mm de espessura e, aqueles, 78 x 50 x 30mm e 75 x 65 x 50mm.

O único artefato foi localizado superficialmente no sítio PR CT 96 e representa um fragmento de lâmina de machado de granito. Falta-lhe a extremidade proximal (talão). Foi bem alisada, quase polida. O

gume é convexo, com 80°. A secção do corpo é elíptica. A peça era petalóide. Mede: ? (85) x 85 x 40mm.

Os ossos

Somente nas camadas 4, 6 e 7 da estrutura subterrânea foram detectados fragmentos de ossos de animais silvestres. Estavam junto a estruturas de combustão, mas não se apresentavam carbonizados. Mostravam-se frágeis e em deterioração. Dois fragmentos correspondiam à parte de mandíbula, com dentes. O terceiro era um fragmento de osso longo. Pertenciam, provavelmente, a antas.

As sementes

Sementes carbonizadas foram recolhidas nos sítios PR CT 90 e PR CT 93. As duas encontradas no primeiro sítio têm formato arredondado, uma mostrando superfície rugosa e, a outra, lisa. Medem 3 e 4mm de diâmetro, respectivamente.

Na camada 2 do segundo sítio ocorreu um fragmento de pinhão e, na camada 7, um de coquinho jerivá. Nas camadas 12 e 13 foram recolhidas 15 sementes da mesma espécie. Estas e as do sítio PR CT 90 não puderam ser classificadas pelo especialista consultado.

Os nós de pinho

A ocorrência de nós de pinho foi muito comum na área da pesquisa, uma vez que ela está inserida na paisagem dominada pelo pinheiro do Paraná. Representando os resíduos da decomposição das árvores, os nós resultantes foram encontrados na superfície revolvida do terreno ou em profundidade.

Durante a limpeza da habitação subterrânea vários exemplares foram localizados nas camadas A, B e C, juntamente com outros detritos de roça. As escavações os revelaram nas camadas 8, 9, 11 e 13, geralmente nas suas porções centrais. Foram mais comuns na camada 13, dispondo-se aos lados de uma intrusão de terra avermelhada. Os das camadas mais inferiores, porém, encontravam-se assentados nos seus pisos e devem estar associados aos seus contextos.

Não haviam sofrido queima e alguns estavam em avançado estado de desagregação.

Os carvões

Em todos os sítios escavados, fragmentos de carvão vegetal ocorreram, especialmente junto a estruturas de combustão. Foram muito numerosos na habitação subterrânea. Nas suas camadas 3 e 4 foram registradas, ainda, lascas carbonizadas de taquara e, na 3, de hastes de folhas de xaxim.

O material intrusivo

Evidências arqueológicas intrusivas foram constatadas na camada 13 da estrutura subterrânea. Uma delas referia-se a um fragmento de prato de louça faiança. Na face interna conservaram-se faixas paralelas de diferentes tons azuis. Sua pasta é branca e friável.

As outras evidências referem-se a 5 esferas de chumbo de arma de fogo. Estão oxidadas, com coloração esbranquiçada. Medem entre 3 e 4mm de diâmetro.

DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS E INDÍCIOS ARQUEOLÓGICOS DA TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA

PR CT 85: Rio dos Patos-1 N°C 3996
(ex- índice C 1) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666800 - 7152993

Sítio cerâmico localizado a 1.250m da margem esquerda do rio dos Patos, afluente do rio Maurício e, a 71m da margem direita de um córrego (Figs. 3 e 32). Ocupava a face sul de um platô alongado com encosta suave voltada para o curso fluvial menor, 6m acima do nível de suas águas (903m s.n.m).

O local, anteriormente utilizado para práticas agrícolas, fora mecanizado. Encontrava-se, no momento das pesquisas, coberto com capim alto e arbustos esparsos. Nos arredores predominava capoeira; somente à leste fora preservada área de mata secundária, com a presença de araucárias. Nas margens do córrego, o terreno, típico de várzea, conservava restos de mata ciliar.

O solo, de coloração cinza-claro e textura argilosa, mostrava pequenos afloramentos de cascalho.

O material arqueológico ocorria esparsa e superficialmente em uma área com 30 x 16m (376,80m²).

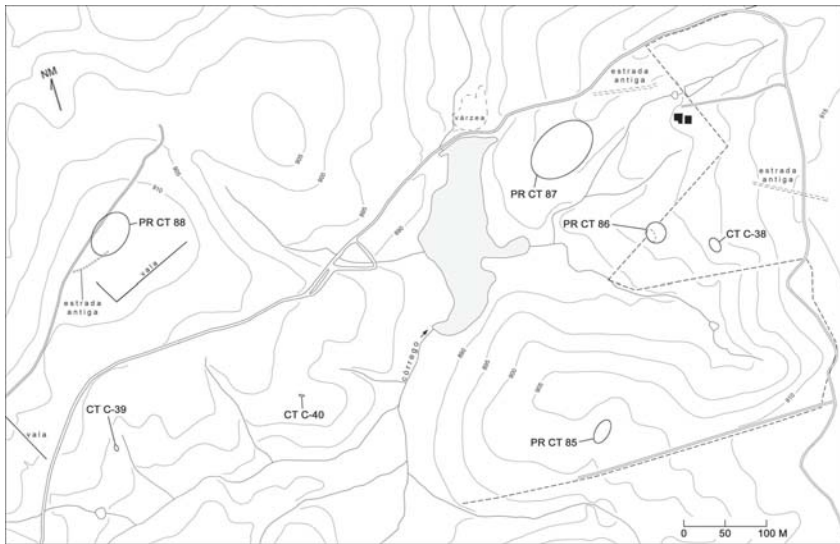


Figura 32. Localização dos sítios cerâmicos PR CT 85: Rio dos Patos-1, PR CT 86: Rio dos Patos-2, PR CT 87: Rio dos Patos-3 e PR CT 88: Ganchinho e, dos indícios cerâmicos PR CT C-38, PR CT C-39 e PR CT C-40.

As intensivas práticas agrícolas ocasionaram a descaracterização do sítio. Cortes-experimentais realizados para sua delimitação nada evidenciaram em profundidade.

Vinculados à mesma tradição cultural, foram registrados nas proximidades 3 sítios e três pontos com indícios de ocupação. Correspondem aos sítios PR CT 86: Rio dos Patos-2, situado 221m a nordeste, ao sítio PR CT 87: Rio dos Patos-3, localizado 298m ao norte e, ao sítio PR CT 88: Ganchinho, constatado 613m a noroeste. Os indícios registrados como PR CT C-38, estavam 240m a nordeste e, os indícios PR CT C-40 e PR CT C-39, 352m e 573m a oeste, respectivamente.

**PR CT 86: Rio dos Patos-2 N°C 3998 a 4004
(ex-indício C 3) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666945 - 7153262**

Sítio cerâmico localizado a 1.200m da margem esquerda do rio dos Patos, afluente do rio Maurício e, a 46m da margem esquerda de

um córrego (Figs. 3 e 32). Disponha-se na face sudeste de uma encosta suave voltada para o pequeno curso fluvial, 3m acima do nível de suas águas (897m s.n.m).

O local, apesar de mostrar a superfície coberta por capim alto e com arbustos esparsos permitia, ainda, a visualização de marcas resultantes da utilização de arados mecânicos quando da preparação do solo para cultivo. Nos arredores viam-se espaços arados e, outros, tomados por macegas. Somente à leste fora preservado capão com mata secundária. Margeando o córrego havia capoeira.

O solo era de tonalidade cinza-claro e textura argilosa.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 25 x 24m (471m²). Estava revolvido, pois o terreno era arado há vários anos.

Apesar das perturbações sofridas, cortes-experimentais realizados para a sua delimitação evidenciaram uma pequena área de solo escuro com maior incidência de indícios. Situava-se no lado oeste do sítio e media 15 x 9m (105,97m²). Nesse ponto, além de raspagens para coleta de material, trincheiras e corte-estratigráfico com 4m² puderam ser executados (Fig. 33).

O corte-estratigráfico foi aberto na parte central da mancha. Apresentou solo argilo-arenoso e de coloração cinza-escuro tendendo para o preto até 21cm de profundidade. Abaixo tornava-se marrom-avermelhado, mantendo a mesma textura. O material arqueológico ocorria entre 4 e 20cm de profundidade. No canto noroeste do corte, bolsão com 25 x 15cm foi registrado. Nele o solo escuro mesclava com avermelhado e, as evidências arqueológicas foram encontradas até 26cm de profundidade.

Partindo do corte, trincheiras com 0,50m de largura foram abertas junto às paredes norte, leste e oeste. A primeira atingiu 6,5m de extensão. Nela, o solo cinza-escuro e argilo-arenoso foi registrado linearmente por 4m, tornando-se, então, marrom-avermelhado. A segunda compreendeu 2,80m e, a terceira, 1,50m de comprimento. Ambas foram interrompidas no limite dos solos escuro e vermelho, quando tornavam-se estéreis de evidências arqueológicas. Em todas o material arqueológico foi constatado em meio ao solo escuro, o qual atingiu 30cm de profundidade junto à trincheira 2, e 20cm nas demais.

Duas raspagens foram efetuadas, ainda, em meio à mancha de solo escuro totalizando 6,10m² de área exposta. Uma foi executada junto à parede sul do corte, em uma área com 1,60m² e, a outra, com 4,50m², 2,90m a sudoeste. O solo, em ambas, era cinza-escuro tendendo para o preto, de textura argilo-arenosa e com pontos de carvão. O material arqueológico ocorria desde a superfície até 30cm de profundidade, mostrando-se mais numeroso entre 5 e 23cm.

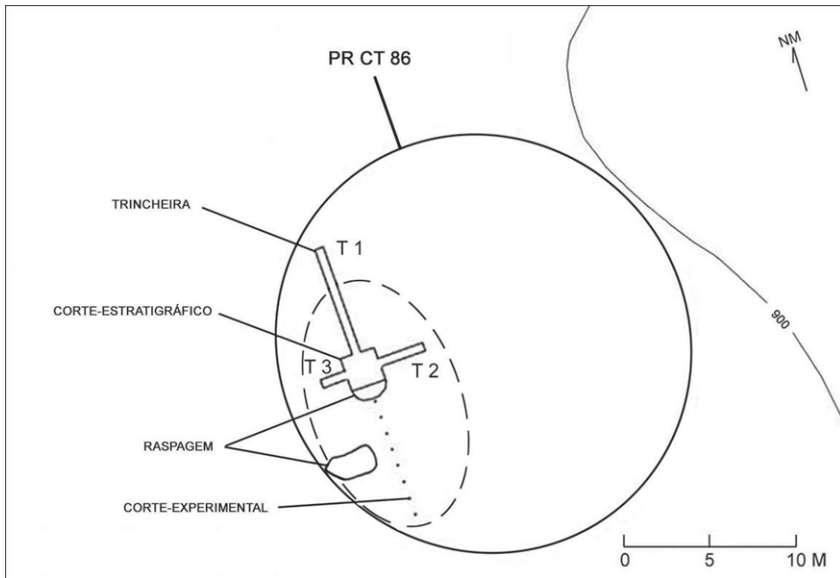


Figura 33. Planta do sítio cerâmico PR CT 86: Rio dos Patos-2, com a localização dos diversos procedimentos efetuados. A elipse tracejada indica área com solo escuro.

Partindo do corte, trincheiras com 0,50m de largura foram abertas junto às paredes norte, leste e oeste. A primeira atingiu 6,5m de extensão. Nela, o solo cinza-escuro e argilo-arenoso foi registrado linearmente por 4m, tornando-se, então, marrom-avermelhado. A segunda compreendeu 2,80m e, a terceira, 1,50m de comprimento. Ambas foram interrompidas no limite dos solos escuro e vermelho, quando tornavam-se estéreis de evidências arqueológicas. Em todas o material arqueológico foi constatado em meio ao solo escuro, o qual atingiu 30cm de profundidade junto à trincheira 2, e 20cm nas demais.

Duas raspagens foram efetuadas, ainda, em meio à mancha de solo escuro totalizando 6,10m² de área exposta. Uma foi executada junto à parede sul do corte, em uma área com 1,60m² e, a outra, com 4,50m², 2,90m a sudoeste. O solo, em ambas, era cinza-escuro tendendo para o preto, de textura argilo-arenosa e com pontos de carvão. O material arqueológico ocorria desde a superfície até 30cm de profundidade, mostrando-se mais numeroso entre 5 e 23cm.

Em todos os procedimentos adotados, intrusão de material re-

cente representado por fragmentos de telhas francesas e plástico foram constatados. Estavam aos 10 e 18cm de profundidade.

Relacionados à tradição Neobrasileira, foram registrados 110m a noroeste o sítio PR CT 87: Rio dos Patos-3, 221m a sudoeste o sítio PR CT 85: Rio dos Patos-1 e, 623m a oeste o sítio PR CT 88: Ganchinho. Indícios de outras ocupações também foram registrados 56m a sudeste e, 455m e 686m a sudoeste. Correspondem aos indícios cerâmicos PR CT C-38, PR CT C-40 e PR CT C-39, respectivamente.

Restos de antigo caminho colonial foram constatados 121m a leste do sítio. Provavelmente era utilizado como acesso à habitação e, como meio de comunicação com os demais estabelecimentos situados nas proximidades.

**PR CT 87: Rio dos Patos-3 N°C 4005
(ex-indício C 4) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666845 - 7153373**

Sítio cerâmico localizado a 1.325m da margem esquerda do rio Maurício, afluente da margem esquerda do rio Iguaçu e, a 35m da margem direita de um córrego (Figs. 3, 32 e 34). Ocupava a face sudoeste de uma encosta suave voltada para o curso fluvial menor, 6m acima do nível de suas águas (897m s.n.m).

O local, assim como os arredores, explorados agricolamente há vários anos, encontravam-se recobertos por capim alto e arbustos. Somente ao norte foi preservado um pequeno capão de mata. Nas margens do córrego via-se faixa com capoeira alta.

O solo, com pequenos fragmentos de quartzo, apresentava coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa.

As evidências arqueológicas dispunham-se esparsa e superficialmente por uma área elíptica com 85 x 55m (3.669,87m²).

Perturbado em conseqüência da ocupação moderna, representada pelo desenvolvimento de práticas agrícolas, os cortes-experimentais efetuados revelaram-se estéreis em profundidade.

Pertencente à mesma tradição cultural foram registrados, 110m e 178m a sudeste, o sítio PR CT 86: Rio dos Patos-2 e, os indícios cerâmicos PR CT C-38. Ao sul, a 298m de distância situava-se o sítio PR CT 85: Rio dos Patos-1 e, a 491m a oeste, o sítio PR CT 88: Ganchinho. A sudoeste, a 386m e 602m, foram localizados, respectivamente, os indícios cerâmicos PR CT C-40 e PR CT C-39.

A nordeste do sítio, a 34m, evidências de uma estrada antiga

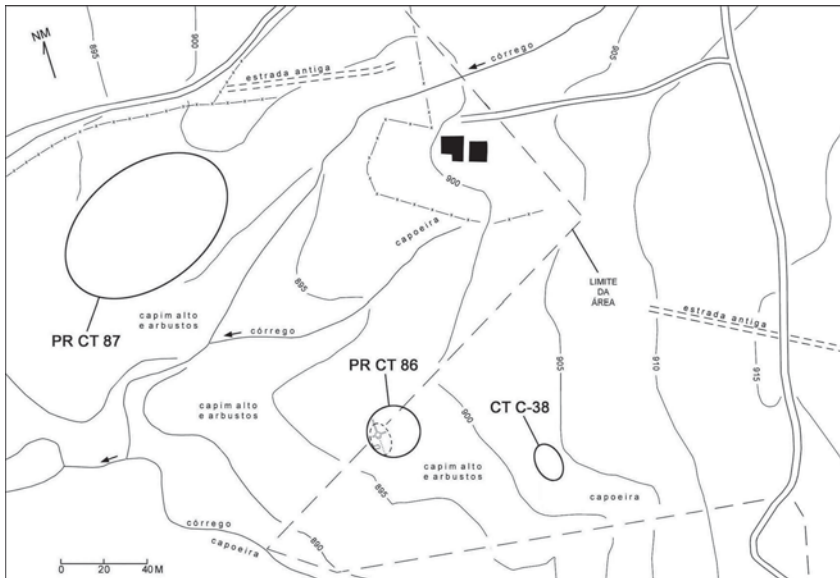


Figura 34. Localização dos sítios cerâmicos PR CT 86: Rio dos Patos-2 e PR CT 87: Rio dos Patos-3 e, dos indícios cerâmicos PR CT C-38.

foram constatadas. Possivelmente está relacionada à mesma época da ocupação e, servia como meio de acesso e comunicação com os demais moradores.

**PR CT 88: Ganchinho Nº C 4006
(ex-indício C 6) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666252 - 7153232**

Sítio cerâmico localizado a 1.800m da margem esquerda do rio Maurício, afluente da margem esquerda do rio Iguaçu e, a 108m da margem direita de pequeno córrego (Figs. 3, 32 e 35). Ocupava a porção plana de uma crista alongada, 16m acima do nível das águas do curso fluvial mais próximo (914m s.n.m.).

O local encontrava-se quase que totalmente coberto por mata secundária. Mostrava evidências de ter sido mecanizado somente em direção ao norte, que estava tomado por capim alto e arbustos e, era cortado por uma estrada secundária. Margeando o córrego havia capoeira alta.

O solo era de coloração cinza-escuro e textura argilosa, com

pequena quantidade de quartzo.

As evidências arqueológicas espalhavam-se por uma área com 56 x 39m (1.714,44m²). Eram esparsas e superficiais.

Diversos cortes-experimentais foram efetuados na área para delimitação do sítio e, à procura de espaço intacto que permitisse a abertura de corte-estratigráfico. Revelaram no entanto que, mesmo coberto com mata, havia sofrido perturbações e a camada de ocupação fora descaracterizada. Indícios de habitação moderna também foram constatados superficialmente nas porções centrais do sítio. Eram representados por restos de fundações e fossa. Outra evidência de que o local fora ocupado anteriormente foi registrada 47m a leste do sítio. Corresponde a uma vala comumente utilizada no século XIX e início do XX, para delimitação de propriedades.

No lado sudoeste do sítio uma depressão de antiga estrada foi registrada. Atualmente coberta por mata, deveria ter sido utilizada como meio de acesso à habitação mais antiga.

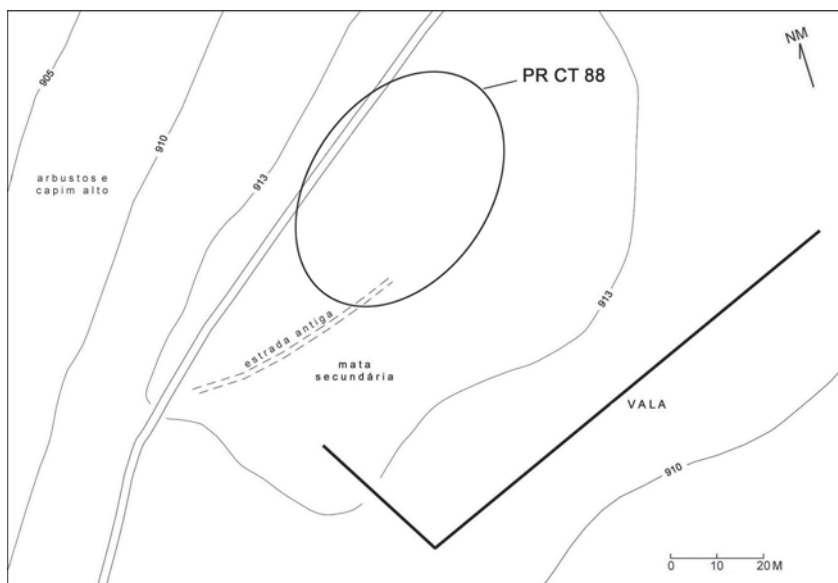


Figura 35. Localização do sítio cerâmico PR CT 88: Ganchinho, de vala demarcadora de propriedade e, de antiga estrada.

Sítios relacionados à tradição Neobrasileira foram localizados a leste e sudeste. Encontravam-se a 491m, 623m e 613m de distância e

correspondem aos sítios PR CT 87: Rio dos Patos-3, PR CT 86: Rio dos Patos-2 e PR CT 85: Rio dos Patos-1, respectivamente. Indícios de ocupações foram constatadas 229m ao sul (PR CT C-39), 280m a sudeste (PR CT C-40) e 700m a leste (PR CT C-38).

**PR CT 89: Rio das Onças-1 N°C 4007 a 4018
(ex-indício C 8) (Município de Mandirituba)
UTM: 0665953 - 7153677**

Sítio cerâmico localizado a 1.841m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 58m da margem esquerda de um córrego (Figs. 3 e 36). Encontrava-se na porção plana de uma crista alongada, 7m acima do nível das águas do córrego (911m s.n.m.).

O terreno, coberto por macega, já fora utilizado agricolamente. Era possível ainda visualizar, em alguns pontos, marcas deixadas pelo arado. Nos arredores, além de espaços com gramíneas e árvores esparsas conservavam-se, a oeste, trechos com mata secundária. Junto às nascentes do córrego havia uma faixa de mata ciliar.

O solo apresentava coloração marrom e textura argilo-arenosa, com afloramento de cascalho a oeste. Na periferia era de tonalidade marrom-avermelhado, mantendo a mesma textura.

O material arqueológico ocupava uma área com 38 x 36m (1.073,88m²) cortada, no extremo norte, por uma estrada secundária.

Cortes-experimentais efetuados para sua delimitação evidenciaram pequeno espaço onde o material mostrava-se mais numeroso, formando concentração. Dispunha-se nas porções centrais do sítio e media 15 x 8m (94,20m²). Nele foram executadas raspagens no canto norte. Nesse espaço, com 7,06m², o solo mostrava coloração cinza-claro e textura argilosa, com grânulos de carvão até 12cm de profundidade. Abaixo tornava-se cinza-escuro até 25cm. As evidências arqueológicas ocorriam desde a superfície até 20cm de profundidade. Eram mais freqüentes da superfície até 12cm. Em meio à terra escura era esparso.

Trincheiras também foram abertas na área do sítio. Duas iniciaram a partir do centro da concentração. A primeira (T1) seguiu direção sudoeste e, a segunda (T2), direção leste. Mediam 15m de comprimento e 0,50m de largura, e atingiram 30cm de profundidade. Ambas apresentaram solo de coloração marrom e textura argilo-arenosa até a base do nível aos 30cm, quando tornava-se marrom-avermelhado, argiloso. O material foi constatado desde a superfície até 25cm de profundidade.

Era mais numeroso nas proximidades da área de raspagem. Mostrava-se esparso em direção ao limite oposto da trincheira, por uma extensão de 11m, tornando-se depois, rarefeito.

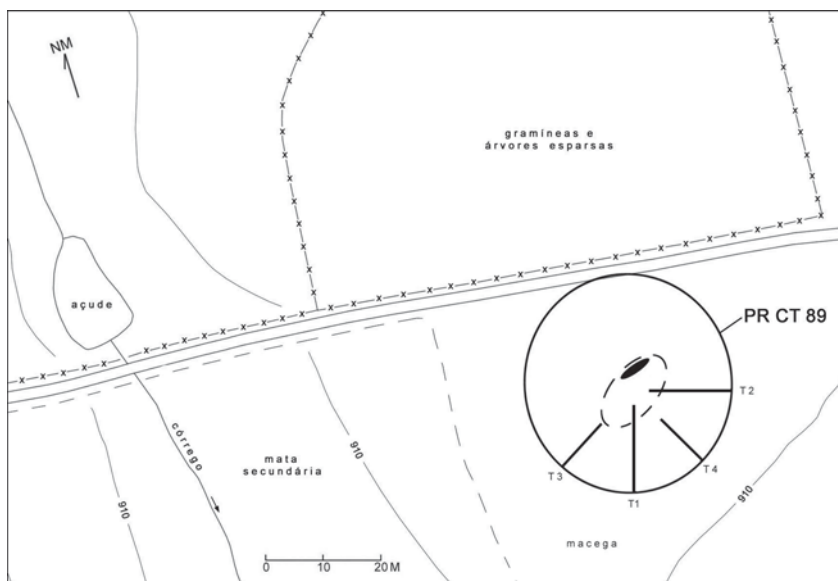


Figura 36. Planta do sítio PR CT 89: Rio das Onças-1. A elipse tracejada assinala área com concentração de material arqueológico. A elipse escura indica área onde foi efetuada raspagem e, os traços, as trincheiras abertas.

As trincheiras T3 e T4, com 10m de comprimento, 0,50m de largura e 25cm de profundidade, foram executadas a partir da área de concentração, seguindo as direções sudoeste e sudeste, respectivamente. Nas duas o solo mostrava tonalidade marrom e textura argilo-arenosa. Na base do nível mostrava-se marrom-avermelhado e argiloso. As evidências arqueológicas ocorriam esparsamente até 25cm de profundidade. Foram registradas por uma extensão de 6,5m na trincheira 3 e, 5m na trincheira 4. A partir desses pontos eram raras.

A nordeste, a 110m e 105m de distância encontravam-se os sítios PR CT 91: Rio das Onças-3 e PR CT 92: Rio das Onças-4, respectivamente e, ainda a nordeste, a 306m, os indícios cerâmicos PR CT C-42, todos de tradição Neobrasileira.

**PR CT 91: Rio das Onças-3 N°C 4029 a 4044
(nova ocorrência) (Município de Mandirituba)
UTM: 0665935 - 7153795**

Sítio cerâmico localizado a 1.825m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguaçú e, a 92m da margem direita de um córrego (Figs. 3 e 37). Disponha-se na porção plana de uma crista alongada com leve declividade para o sul, 13m acima do nível das águas do córrego (917m s.n.m.).

O terreno mostrava-se coberto por gramíneas baixas e, com árvores esparsas. Nos arredores viam-se capões de mata secundária e um bosque, entremeados com espaços arados ao norte, leste e oeste, que conservavam, ainda, restos de antigas plantações de milho.

O solo era de coloração marrom e textura argilo-arenosa.

As evidências arqueológicas espalhavam-se por uma área com 20 x 15m (235,50m²) que, de acordo com informações do proprietário, não fora mecanizada.

Sobrepondo-se ao lado sul do sítio de tradição Itararé PR CT 90: Rio das Onças-2 e, sobreposto no seu lado leste pelo sítio PR CT 92: Rio das Onças-4, de tradição Neobrasileira, mas correspondente a uma ocupação mais recente, alterações foram constatadas na sua camada arqueológica. Essas perturbações foram evidenciadas nos cortes-experimentais efetuados para a delimitação da área do sítio e caracterizaram-se, principalmente, pela mistura de material relacionado às outras duas ocupações. Os cortes-experimentais, no entanto, revelaram também, a possibilidade de abertura de cortes-estratigráficos em dois pontos distintos: um abrangendo uma depressão localizada no lado sudoeste do sítio e correspondente a um depósito relacionado à ocupação Neobrasileira e, outro, ao lado de uma estrutura subterrânea vinculada à tradição Itararé.

Junto à depressão foram expostos 6m² (Quadra 1). Ao seu lado o terreno era plano e coberto com pasto. Retirada a camada de humus, o solo era de coloração marrom e textura areno-argilosa até 15cm de profundidade nas partes planas, situadas junto às paredes norte e oeste da área escavada. No restante, inclusive na depressão, era argiloso. O material arqueológico ocorria esparsamente a partir de 7cm de profundidade, acompanhando o declive do terreno em direção à depressão, até 17cm de profundidade. Nessa profundidade, no lado norte, formou-se um piso relacionado à ocupação Itararé. Índícios neobrasileiros tornaram-se raros e, foram constatados na encosta da depressão. O corte, a partir de 25cm de profundidade, acompanhou a

deposição de material junto ao bolsão. Este tinha forma de buraco circular, com paredes verticais a norte e oeste e, um pouco inclinada no início da parede leste. Media 1m de diâmetro. O solo marrom-escuro, com material arqueológico foi registrado aos 45cm de profundidade. Era argiloso, com muitos fragmentos cerâmicos e carvões até 60cm de profundidade. Tornava-se então, até 65cm, mais arenoso, como de enxurrada, com freqüência menor de evidências. Essas, no entanto, eram de maiores dimensões. Foram registrados, ainda, lascas grandes de basalto, porções de argila crua temperada e uma foice metálica. Entre 65 e 70cm de profundidade, o solo mesclava com marrom-avermelhado, que servia de base a blocos de basalto. As evidências arqueológicas tornaram-se raras. Na base do nível, aos 70cm, raros fragmentos de tradição Itararé ocorreram intrusivamente (Fig. 5).

No corte aberto no lado sudoeste da estrutura subterrânea foram expostos 3m² (Quadra 2). O solo mostrava tonalidade marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa até a base do nível, aos 25cm de profundidade. O material arqueológico foi registrado a partir da superfície até 17cm. Abaixo, até 25cm, somente evidências relacionadas à tradição Itararé foram registradas.

Na depressão correspondente à estrutura subterrânea relacionada à tradição Itararé, cortes-experimentais efetuados na sua base evidenciaram, a 1,16m de profundidade, contados a partir da superfície atual do terreno, a presença de material Neobrasileiro. Esse encontrava-se a 1,18m de profundidade, sob uma camada de terra marrom-avermelhado, areno-argilosa, estéril, com 50cm de espessura, em meio a solo avermelhado mesclado com preto, que formava estreita faixa com 3cm de espessura. Abaixo, o solo tornava-se preto, com evidências arqueológicas, e aprofundava, no lado sul da casa até 1,33m, quando passava, novamente, a avermelhado (Fig. 6).

Além dos cortes-estratigráficos, trincheiras foram abertas na área do sítio: duas iniciaram junto às paredes da estrutura subterrânea, nos sentidos oeste e sul respectivamente (T1 e T3) e, uma foi executada no extremo oeste da área de ocorrência (T5).

As primeiras, com 8m e 6,30m de comprimento respectivamente, 0,50m de largura e 30cm de profundidade, apresentaram solo marrom-avermelhado, argilo-arenoso. As evidências, na trincheira sul, foram mais numerosas a partir da casa, estendendo-se por 3,20m de comprimento; tornavam-se depois, rarefeitas. Na trincheira oeste, o material foi registrado esparsamente em toda a sua extensão, até 16cm de profundidade.

A última, aberta no lado oeste do sítio, apresentou 3m de comprimento, 1m de largura e atingiu 20cm de profundidade. O solo, de

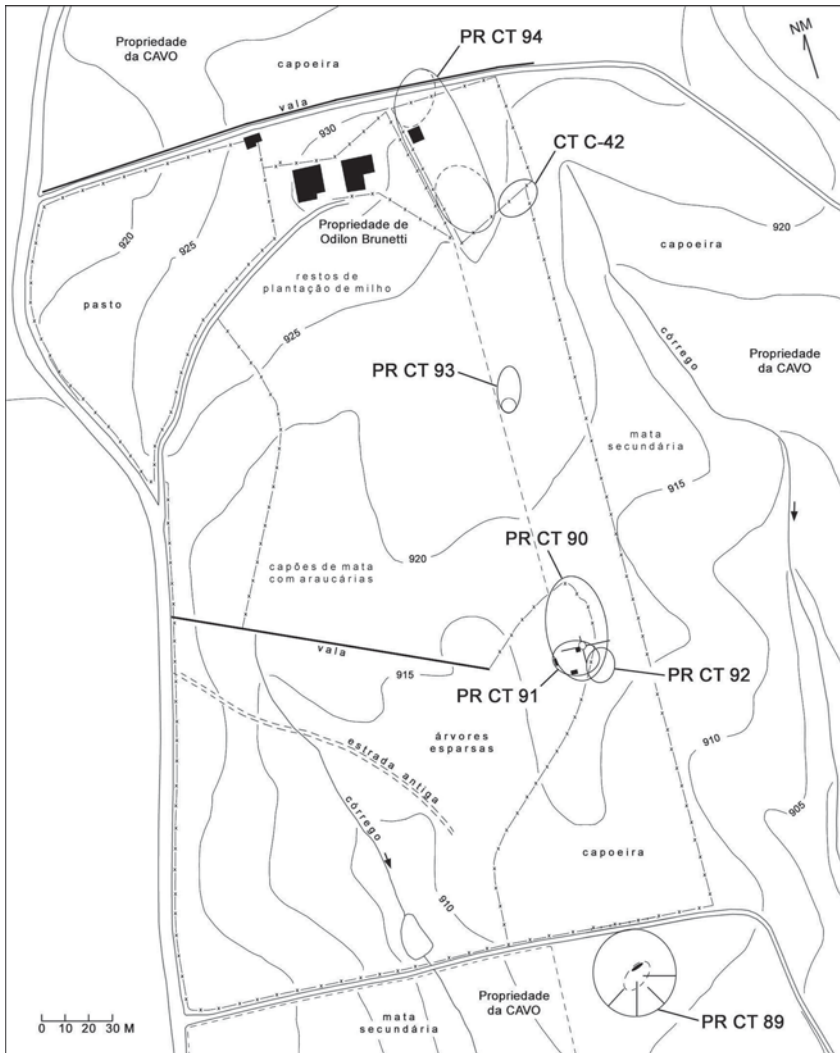


Figura 37. Localização dos sítios cerâmicos PR CT 89: Rio das Onças-1, PR CT 90: Rio das Onças-2, PR CT 91: Rio das Onças-3, PR CT 92: Rio das Onças-4, PR CT 93: Rio das Onças-5 e PR CT 94: Rio das Onças-6 e, dos indícios cerâmicos PR CT C-42.

tonalidade marrom-avermelhado e compacto, era de textura argilo-arenosa até 20cm de profundidade, quando tornava-se arenoso. Os indícios foram registrados ao longo da trincheira, entre 11 e 18cm de

profundidade. Eram mais frequentes entre 12 e 15cm.

A 27m a oeste do sítio, vala de demarcação de propriedade foi registrada e, 79m a sudoeste, restos de antiga estrada, que deveria servir como meio de comunicação entre as várias habitações constatadas na área.

Além de sobreposto pelo sítio PR CT 92: Rio das Onças-4, ocupações da tradição Neobrasileira foram localizadas nos arredores. Ao sul, a 110m de distância encontrava-se o sítio PR CT 89: Rio das Onças-1 e, 182m ao norte, os indícios cerâmicos PR CT C-42.

**PR CT 92: Rio das Onças-4 N°C 4042
(ex-indício C 10) (Município de Mandirituba)
UTM: 0665940 - 7153813**

Sítio cerâmico localizado a 1.810m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguazu e, a 87m da margem direita de um córrego (Figs. 3 e 37). Situava-se em uma crista alongada, com leve declividade para o sul, 13m acima do nível das águas do curso fluvial mais próximo (917m s.n.m.).

O terreno era cortado por uma cerca no seu lado noroeste, a qual delimitava espaço arado com restos de plantação de milho, de pequeno bosque. Nos arredores havia capões de mata secundária e áreas agrícolas.

O solo, de tonalidade marrom-claro, mostrava textura argilosa.

As evidências arqueológicas dispunham-se em uma área elíptica com 15 x 12m (141,30m²). Eram esparsas e superficiais.

O local fora completamente descaracterizado em consequência das intensivas práticas agrícolas.

Cortes-experimentais realizados para a delimitação da área de ocorrência evidenciaram a desestruturação da camada arqueológica e, a reocupação do espaço por outros grupos. O sítio sobrepunha-se ao lado leste do sítio PR CT 91: Rio das Onças-3, também de tradição Neobrasileira, mas representando período mais antigo e, ao lado sudeste do sítio PR CT 90: Rio das Onças-24, de tradição Itararé.

Vala, comumente utilizada no passado para demarcação de propriedade, foi registrada 42m a oeste do sítio. A sudeste, a 87m, foi localizada uma depressão correspondente a antiga estrada.

Ocupações relacionadas à mesma tradição foram registradas 105m ao sul e 186m ao norte. Correspondem ao sítio PR CT 89: Rio das Onças-1 e aos indícios cerâmicos PR CT C-42.

PR CT 95: Rio Maurício-1 N°C 4080
(ex-índice C 15) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666579 - 7154287

Sítio cerâmico localizado a 1.100m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 46m da margem esquerda de uma nascente, formadora de pequeno córrego (Figs. 3 e 23). Disponha-se em área plana de um topo alongado, 9m acima do nível das águas do curso fluvial mais próximo (911m s.n.m.).

O terreno fora arado. Encontrava-se, no momento dos trabalhos, coberto por vegetação rasteira em meio a resíduos de antiga plantação de milho. Ao norte, a leste e ao sul, conservavam-se capões de mata secundária. Contornando a nascente e, às margens do córrego, havia capoeira.

O solo, de textura argilosa e com pequena quantidade de cascalho, era de coloração marrom-claro.

As evidências arqueológicas espalhavam-se por uma área com 27 x 18m (381,51m²). Eram esparsas e superficiais.

As atividades agrícolas desenvolvidas no local ocasionaram a descaracterização da camada de ocupação e, os diversos cortes-experimentais efetuados na área nada revelaram em profundidade.

O sítio sobrepunha-se, de suas porções centrais em direção norte, ao sítio PR CT 96: Rio Maurício-2, de tradição Itararé.

PR CT C-38 N°C 4089
(ex-índice C 2) (Município de Mandirituba)
UTM: 0667030 - 7152267

Índícios cerâmicos localizados a 1.150m da margem esquerda do rio dos Patos, afluente do rio Maurício e, a 50m de um córrego (899m s.n.m.). Disponham-se em uma encosta suave voltada para o córrego (Figs. 3 e 32).

O local estava arado. Nos arredores, além de espaços arados viam-se, a leste e ao sul, capões de mata secundária.

O solo, detrítico, apresentava coloração marrom-claro e textura argilosa.

O material arqueológico, esparso e superficial, ocorria por uma área elíptica com 18 x 12m (169,56m²).

O ponto está, provavelmente, relacionado a uma ocupação neobrasileira destruída em consequência das atividades agrícolas modernas.

Vinculados à tradição Neobrasileira encontravam-se, 240m a sudoeste o sítio PR CT 85: Rio dos Patos-1, 56m a noroeste o sítio PR CT 86: Rio dos Patos-2, 178m a noroeste o sítio PR CT 87: Rio dos Patos-3 e, 700m a oeste o sítio PR CT 88: Ganchinho. Indícios foram registrados a sudoeste. Estavam a 528m e 764m de distância e correspondem aos indícios cerâmicos PR CT C-40 e PR CT C-39, respectivamente.

Depressão de antiga estrada foi constatada 92m a leste.

PR CT C-39 N°C 4090
(ex-indício C 5) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666303 - 7152962

Indícios cerâmicos localizados a 1.800m da margem esquerda do rio dos Patos, afluente do rio Maurício e, a 10m da margem direita de um córrego (897m s.n.m). Ocupavam a porção inferior de uma encosta voltada para o córrego (Figs. 3 e 32).

O terreno estava com capim ralo. Nas proximidades, em meio à várzeas de córregos, havia pastagem e capoeira. À nordeste fora preservada pequena e rarefeita faixa de mata secundária.

O solo, de tonalidade cinza-escuro, era granuloso.

As evidências espalhavam-se superficialmente em uma área com 8 x 5m (31,40m²).

Inúmeros cortes-experimentais foram efetuados nos arredores, mas nada revelaram em profundidade.

O ponto situava-se 229m ao sul do sítio PR CT 88: Ganchinho, 602m a sudoeste do sítio PR CT 87: Rio dos Patos-3, 686m a sudoeste do sítio PR CT 86: Rio dos Patos-2 e, a 573m a oeste do sítio PR CT 85: Rio dos Patos-1, todos de tradição Neobrasileira. Encontrava-se, ainda, 230m a oeste dos indícios cerâmicos PR CT C-40 e, 764m a sudoeste dos indícios cerâmicos PR CT C-38.

PR CT C-40 N°C 4091
(nova ocorrência) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666521 - 7153058

Indícios cerâmicos localizados a 1.600m da margem esquerda do rio dos Patos, afluente do rio Maurício e, a 80m da margem esquerda de um córrego (897m s.n.m.) (Figs. 3 e 32).

Encontravam-se no lado sul de um platô alongado, em terreno

coberto por capim baixo. Nos arredores predominavam áreas anteriormente utilizadas para agricultura. No momento das pesquisas mostravam-se abandonadas e, com a superfície tomada por vegetação rasteira. Acompanhando as margens do córrego havia faixa de capoeira.

O solo apresentava textura argilo-arenosa e coloração marrom-claro, com fragmentos de quartzo.

O material arqueológico dispunha-se em uma área com 7 x 3m (16,48m²). Era esparsa e superficial.

Relacionados à mesma tradição cultural foram constatados, nos arredores, os sítios PR CT 88: Ganchinho, PR CT 87: Rio dos Patos-3, PR CT 86: Rio dos Patos-2 e PR CT 85: Rio dos Patos-1. Encontravam-se, respectivamente, a 280m a noroeste, 388m a nordeste, 450m a leste e, 352 a sudeste do ponto. Locais somente com indícios de ocupação foram assinalados 528m a leste e, 230m a oeste. Correspondem aos indícios cerâmicos PR CT C-38 e PR CT C-39.

PR CT C-42 N°C 4093
(ex-indício C 13) (Município de Mandirituba)
UTM: 0665906 - 7154022

Indícios cerâmicos localizados a 1.775m da margem esquerda do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 15m de uma nascente (920m s.n.m.). Encontravam-se na encosta suave de uma elevação (Figs. 3 e 37).

O local e, os arredores, apresentavam as porções voltadas para o norte com gramíneas e árvores esparsas, remanescentes de mata secundária e, ao sul, aradas e cobertas com capim alto. Margeando a nascente havia capoeira.

O solo, de coloração marrom-claro, era argiloso.

As evidências arqueológicas ocupavam uma área com 13 x 8m (81,64m²).

Descaracterizado em consequência da ocupação recente, nos cortes-experimentais efetuados, material arqueológico foi localizado somente junto à área com mata, que se mostrava mais preservada.

Ao norte, a 52m, vala característica de demarcação de propriedade foi constatada. Pode estar ligada à essa ocupação Neobrasileira.

Sítios relacionados à mesma tradição cultural foram localizados 183m, 188m e 310m ao sul. Correspondem aos sítios PR CT 91: Rio das Onças-3, PR CT 92: Rio das Onças-4 e PR CT 89: Rio das Onças-1, respectivamente. À sudeste, a 336m, encontravam-se os indícios cerâmicos PR CT C-43.

**PR CT C-43 N°C 4094
(ex-índice C 14) (Município de Mandirituba)
UTM: 0666122 - 7153740**

Índice cerâmico localizado a 1.675m da margem esquerda do rio Maurício e, a 75m da margem esquerda de um córrego (910m s.n.m.) (Fig. 3).

Encontrava-se na encosta de suave elevação voltada para o córrego, em terreno abandonado e coberto por capim alto. Margeando o córrego fora preservada faixa estreita de mata secundária.

O solo, com cascalho, era de coloração marrom-avermelhado e textura argilosa.

Situava-se 182m a nordeste do sítio PR CT 89: Rio das Onças-1, 196m a sudeste do sítio PR CT 91: Rio das Onças-3, 190m a sudeste do sítio PR CT 92: Rio das Onças-4 e, a 336m a sudeste dos índices cerâmicos PR CT C-42, todos de tradição Neobrasileira.

DESCRIÇÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO DA TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA

As intervenções praticadas nos vários sítios e índices ligados à ocupação do período histórico, resultaram na reunião de diversificado material elaborado localmente e do introduzido na área por meio de comércio (Quadro 3). A produção local está representada pelos resíduos de cerâmica artesanal e demais objetos confeccionados rudimentarmente à partir da argila. Uma parte do introduzido refere-se a artefatos destinados a edificações, cuja elaboração restringia-se às olarias das imediações. A outra parte constitui utensílios, ferramentas e acessórios fabricados em estabelecimentos mais complexos, alguns situados fora das fronteiras do país.

A cerâmica

As evidências mais numerosas nos locais estudados correspondem a fragmentos de recipientes cerâmicos. Em geral, por estarem muito próximos da superfície do terreno e terem sofrido com os trabalhos agrícolas posteriores, os fragmentos apresentam-se danificados e com dimensões pequenas. O material obtido na escavação do depósito de lixo e na base da estrutura subterrânea do sítio PR CT 91, por se encontrar em profundidades maiores, estava bem conservado e

com dimensões maiores.

Nos diversos sítios foram coletados 2.518 fragmentos de recipientes e modelagens. O número real de fragmentos recolhidos foi de 2.661. Os indícios proporcionaram 37 fragmentos de recipientes.

O vasilhame foi confeccionado pela técnica acordelada. As suas bases planas e em pedestal foram modeladas.

As análises da pasta revelaram uniformidade quanto ao emprego de grânulos arredondados e angulosos de quartzo como antiplástico da argila. Registrou-se, também, a presença de fragmentos de carvão vegetal, hematita e mica. Em algumas coleções foram notadas diferentes composições de antiplásticos: somente grânulos de quartzo (PR CT 95), quartzo e hematita (PR CT 85 e PR CT 86); quartzo e carvão (PR CT 92), quartzo, hematita e carvão (PR CT 87, PR CT 88 e PR CT 91) e, quartzo, hematita, mica e carvão (PR CT 89).

Uma acurada análise de tais composições, que podem estar indicando tendências de ordem temporal, como a reocupação do espaço, foi prejudicada pela amostragem insuficiente de muitas coleções.

No sítio PR CT 89, por exemplo, as coleções obtidas superficialmente ou por meio de raspagem na porção central do espaço delimitado, apresentaram quartzo, hematita e mica na pasta da cerâmica. As procedentes das trincheiras abertas na parte sul do sítio mostram outra combinação de componentes. No nível de 0 a 10 ou 15cm de profundidade das trincheiras 2 e 3 (Fig. 36), ocorrem quartzo e hematita, enquanto nas trincheiras centrais 1 e 4 somente aparece o quartzo. Quartzo, hematita, carvão e mica foram comuns nas profundidades maiores da trincheira 2, quartzo e hematita na trincheira 4 e, somente quartzo nas trincheiras 1 e 3.

A utilização, pela ceramista, de antiplástico selecionado conforme a granulometria determinou, na classificação laboratorial, a sua separação. Assim, foram considerados grossos os grânulos de quartzo que na pasta mediam mais de 1,5mm de comprimento e, finos, os que não ultrapassavam de 1,4mm. Esse critério serviu de base para o estabelecimento de dois tipos na cerâmica simples: Simples Grosso e Simples Fino.

Os núcleos têm, predominantemente, a cor cinza-escuro, denotando queima redutora; alguns os mostram de cores cinza-claro e marrom-claro.

A maioria dos fragmentos apresenta-se mal alisada, principalmente na face externa. Ostentam pequenas depressões resultantes do processo de compactação das paredes e, estrias deixadas pelos objetos usados para a regularização da superfície. Nos fragmentos referentes a recipientes de pequenas dimensões, o acabamento das faces é mais

regular. A coloração da superfície é geralmente marrom-claro ocorrendo, também, as cores marrom-avermelhado, cinza-claro e cinza-escuro. Enegrecimento provavelmente causado pela aplicação de impermeabilizante resinoso, foi constatado na face interna de várias peças. Fuligem incide nas porções inferiores do bojo e na base.

A dureza da superfície, conforme a escala de MOHS, varia de 3 a 3,5, predominando a última.

A espessura da parede do bojo varia de 4 a 17mm, predominando entre 7 e 10mm.

Além dos tipos Simples Grosso e Simples Fino, que representam, respectivamente, 70,06% e 5,64% do acervo, nas coleções dos sítios foram registradas outras formas de acabamento da superfície: Engobo Vermelho (9,21%), Corrugado Ungulado (0,08%), Corrugado Leve (2,18%), Corrugado Complicado (8,22%), Corrugado Simples (0,32%), Corrugado Imbricado (0,04%), Corrugado Espatulado (0,12%), Escovado (1,03%), Inciso (0,08%), Entalhado (0,04%), Ponteadado (0,32%), Digitado (0,04%), Digitungulado (0,12%), Pinçado (0,08%), Penteadado (0,04%) e Marcado com Cestaria (0,04%). Com exceção do Engobo Vermelho, as demais decorações tácteis incidem na face externa dos recipientes. Outras duas modalidades decorativas identificadas limitam-se à parte superior da borda: Lábio Entalhado (0,16%) e Lábio Digitado (0,04%) (Quadro 4).

Foi registrado um único fragmento de recipiente com engobo branco na face interna (PR CT 85); a erosão danificou os traços de tinta que poderiam existir sobre o engobo. Apesar disso, foi classificado como tipo Pintado (0,04%).

O engobo vermelho foi aplicado diretamente na face interna e/ou externa da vasilha. As decorações tácteis podem incidir em toda a superfície externa das peças, ou limitar-se às porções do pescoço ou do bojo. São freqüentes, nas variedades da cerâmica corrugada, associações com outras técnicas decorativas, como lábios entalhados e digitados e, engobo vermelho. Um fragmento escovado apresenta engobo vermelho associativamente.

Entre os indícios cerâmicos, os 37 fragmentos coletados apresentam a seguinte tipologia: Simples Grosso (83,78%), Simples Fino (10,82%), Corrugado Leve (2,70%) e Corrugado Complicado (2,70%). Neles, somente os indícios PR CT C-40 encerram na pasta grânulos de quartzo e hematita; nos demais foram adicionados apenas grânulos de quartzo.

Nas vasilhas ocorrem, também, modelagens em forma de asas aplicadas na borda ou na linha do ombro. Existem evidências de alças e cabos destinados, da mesma forma, à suspensão de vasilhas.

Quadro 3. Frequência do material vítreo, metálico e ósseo nos sítios da tradição Neobrasileira.

	CERÂMICA MANUFATURADA	TELHA GOIVA	TELHA FRANCESA	TUOLO MAÇICO	TUOLO PIRADO	MANILHA	CERÂMICA VIDRADA	CERÂMICA TORNEADA	LOUÇA GRÉS	LOUÇA FAIANÇA	LOUÇA MEIA-FAIANÇA	LOUÇA FAIANÇA FINA	LOUÇA PORCELANA	VIDRO	METAL	OSSO	TOTAL	%
PR CT 85 SUP 3996	130	48	-	2	-	-	-	-	1	-	7	24	4	2	1	-	219	5,76
PR CT 86 SUP 3997	14	65	3	2	4	-	-	-	-	-	7	51	6	13	3	-	168	4,42
PR CT 86 RASP.1 3998	11	20	5	1	-	-	-	-	1	-	3	46	1	12	6	-	106	2,79
PR CT 86 RASP.2 3999	79	95	10	3	2	-	7	2	2	3	13	176	5	15	18	-	430	11,32
PR CT 86 TRINCH.1 4000	1	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	3	-	-	14	0,37
PR CT 86 TRINCH.2 4001	2	15	3	1	-	-	-	-	-	-	2	11	-	4	-	-	38	1,00
PR CT 86 TRINCH.3 4002	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	-	-	-	7	0,18
PR CT 86 Q1=0-10 4003	18	107	7	2	-	-	-	-	-	-	-	11	1	2	5	3	156	4,11
PR CT 86 Q1=10-20 4004	17	59	9	4	2	-	-	-	-	-	1	21	-	10	4	1	128	3,37
PR CT 87 SUP 4005	152	44	-	1	-	-	-	-	2	-	-	10	-	4	-	1	214	5,63
PR CT 88 SUP 4006	136	56	-	-	1	1	-	-	1	1	1	27	-	4	-	-	228	6,00
PR CT 89 SUP 4007	391	9	-	1	-	-	-	-	1	-	-	12	-	3	2	-	419	11,03
PR CT 89 RASP. 4008	240	4	-	-	1	-	-	-	-	-	-	19	-	1	-	-	265	6,98
PR CT 89 T1=0-10 4009	78	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	83	2,18
PR CT 89 T1=10-20 4010	109	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	-	1	-	-	113	2,97
PR CT 89 T1=20-30 4011	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	0,18
PR CT 89 T2=0-10 4012	66	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	70	1,84
PR CT 89 T2=10-20 4013	71	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	76	2,00
PR CT 89 T2=20-30 4014	32	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	34	0,89
PR CT 89 T3=0-15 4015	128	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	133	3,50

segue

continuação

PR CT 89 T3=15-25 4016	63	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	69	1,82
PR CT 89 T4=0-15 4017	31	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2	-	36	0,95
PR CT 89 T4=15-25 4018	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	3	-	-	22	0,58
PR CT 91 Q1=0-10 4029	103	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	105	2,76
PR CT 91 Q1=10-15 4030	70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	71	1,87
PR CT 91 Q1=15-25 4031	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	0,34
PR CT 91 Q1=25-70 4032	187	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	1	-	193	5,08
PR CT 91 Q3=0-12 4033	33	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	33	0,87
PR CT 91 Q3=12-30 4034	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,03
PR CT 91 T5=10-15 4037	39	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	40	1,05
PR CT 91 T5= 15-20 4038	50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	52	1,37
PR CT 91 T3=0-20 4039	109	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	1	1	116	3,05
PR CT 91 T1=0-20 4040	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	11	0,29
PR CT 91 CASA1- BASE	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	1	9	34	0,89
PR CT 91 Q2=0-10 4108	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,13
PR CT 91 Q2=10-15 4109	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	0,32
PR CT 91 Q2=15-25 4110	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	0,11
PR CT 92 SUP 4042	46	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2	-	2	-	-	53	1,40
PR CT 95 SUP 4080	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21	0,55
TOTAL	2518	540	37	18	10	1	7	2	12	4	35	449	18	87	46	15	3799	
%	66,28	14,21	0,97	0,47	0,26	0,03	0,18	0,05	0,32	0,11	0,92	11,82	0,47	2,29	1,21	0,39		100%

Quadro 4. Frequência do material artesanal dos sítios da tradição Neobrasileira.

	SIMPLES GROSSO	SIMPLES FINO	VERMELHO	PINTADO	CORRUGADO LINGULADO	CORRUGADO LEVE	CORRUGADO COMPLICADO	CORRUGADO SIMPLES	CORRUGADO IMBRICADO	CORRUGADO ESPATULADO	ESCOVADO	INCISO	ENTALHADO	PONTEADO	DIGITADO	DITUNGULADO	PINCADO	PIENTEADO	MARCADO COM CESTARIA	LÁBIO ENTALHADO	LÁBIO DIGITADO	MODELAGEM	TOTAL	%	
PR CT 85 SUP 3996	105	9	1	1	-	5	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	5	130	5,16	
PR CT 86 SUP 3997	10	-	2	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	0,56
PR CT 86 RASP.1 3998	7	1	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	0,44
PR CT 86 RASP.2 3999	59	-	8	-	-	-	8	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	79	3,14
PR CT 86 TRINCH.1 4000	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,04
PR CT 86 TRINCH.2 4001	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,08
PR CT 86 TRINCH.3 4002	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,04
PR CT 86 Q1=0-10 4003	13	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	0,71
PR CT 86 Q1=10-20 4004	14	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17	0,68
PR CT 87 SUP 4005	112	3	8	-	-	9	15	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	152	6,04
PR CT 88 SUP 4006	117	10	4	-	-	3	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	136	5,40
PR CT 89 SUP 4007	257	23	31	-	-	9	58	-	-	-	2	1	-	-	-	2	1	-	-	-	-	-	9	381	15,53
PR CT 89 RASP. 4008	153	17	44	-	-	4	15	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	240	9,53
PR CT 89 T1=0-10 4009	45	8	15	-	-	2	7	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	78	3,10
PR CT 89 T1=10-20 4010	78	7	20	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	109	4,33
PR CT 89 T1=20-30 4011	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	0,28
PR CT 89 T2=0-10 4012	48	5	7	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	86	2,62
PR CT 89 T2=10-20 4013	54	3	4	-	-	-	7	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	71	2,82
PR CT 89 T2=20-30 4014	23	3	1	-	-	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32	1,27
PR CT 89 T3=0-15 4015	76	14	13	-	-	4	10	-	-	-	6	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	3	128	5,08

segue

continuação

PR CT 89 T3=15-25 4016	35	4	14	-	-	4	2	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	63	2,50	
PR CT 89 T4=0-15 4017	21	3	4	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	31	1,23	
PR CT 89 T4=15-25 4018	15	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17	0,68	
PR CT 91 Q1=0-10 4029	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	103	4,08
PR CT 91 Q1=10-15 4030	62	-	-	-	-	3	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	70	2,78
PR CT 91 Q1=15-25 4031	8	-	1	-	2	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	0,52	
PR CT 91 Q1=25-70 4032	113	7	10	-	-	29	5	-	1	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	19	187	7,43
PR CT 91 Q3=0-12 4033	27	1	4	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	33	1,31	
PR CT 91 Q3=12-30 4034	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,04	
PR CT 91 T5=10-15 4037	34	2	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	39	1,55	
PR CT 91 T5=15-20 4038	31	-	10	-	-	7	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	50	1,99	
PR CT 91 T3=0-20 4039	57	2	19	-	-	4	20	-	-	3	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	109	4,33
PR CT 91 T1=0-20 4040	8	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	0,40	
PR CT 91 CASA1- BASE	9	2	3	-	-	1	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	21	0,83
PR CT 91 Q2=0-10 4108	4	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,20	
PR CT 91 Q2=10-15 4109	8	1	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	0,48	
PR CT 91 Q2=15-25 4110	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	0,16	
PR CT 92 SUP 4042	36	4	-	-	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	46	1,83	
PR CT 85 SUP 4090	15	1	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	21	0,83	
TOTAL	1764	142	232	1	2	55	207	8	1	3	26	2	1	8	1	3	2	1	1	4	1	53	2518
%	70,08	5,94	9,21	0,04	0,08	2,18	8,22	0,32	0,04	0,12	1,03	0,08	0,04	0,32	0,04	0,12	0,08	0,04	0,04	0,16	0,04	2,10	100%

Foram classificados 11 tipos de bordas relativas a recipientes com a função de tigelas, panelas e jarro, que apresentam contorno simples, composto e infletido. As bordas são diretas, inclinadas interna e externamente, extrovertidas e expandidas. Predominam os lábios arredondados; raros são planos (Fig. 38a).

As bases dos recipientes são convexas (A), planas (B), em pedestal (C) e anelar (D) (Fig. 38b). Quase todos os exemplares identi-

ficados correspondem ao tipo C; poucos são do tipo B e raros os dos tipos A e D.

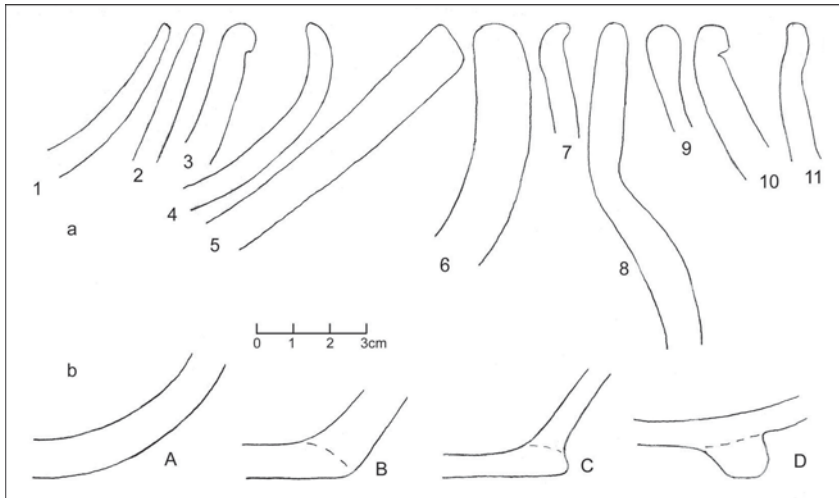


Figura 38. Perfis de bordas correspondentes às formas 1 e 11 (a) e das bases A a D (b), classificados na cerâmica de tradição Neobrasileira.

Os recipientes classificados como tigelas (Fig. 39, 1 a 4), torradores (5 e 6), panelas (7 a 10) e jarro (11), apresentam os seguintes diâmetros na boca e percentagem na coleção:

Forma 1, entre 12 e 20cm, predominando 14cm=12,12%

Forma 2, 12cm=3,03%

Forma 3, 16cm=3,03%

Forma 4, entre 12 e 16cm, predominando 14cm=33,34%

Forma 5, 34 e 44cm=6,06%

Forma 6, entre 36 e 46cm, predominando 40cm=12,12%

Forma 7, 10cm=3,03%

Forma 8, entre 18 e 26cm, predominando 20cm=15,15%

Forma 9, 18cm=3,03%

Forma 10, 30cm=3,03%

Forma 11, 14cm=3,03%

Uma forma permanece sem classificação=3,03%.

A distribuição das formas nos sítios é a seguinte:

No PR CT 86, a torradeira de forma 6(2), a panela de forma 10 e a forma inclassificada.

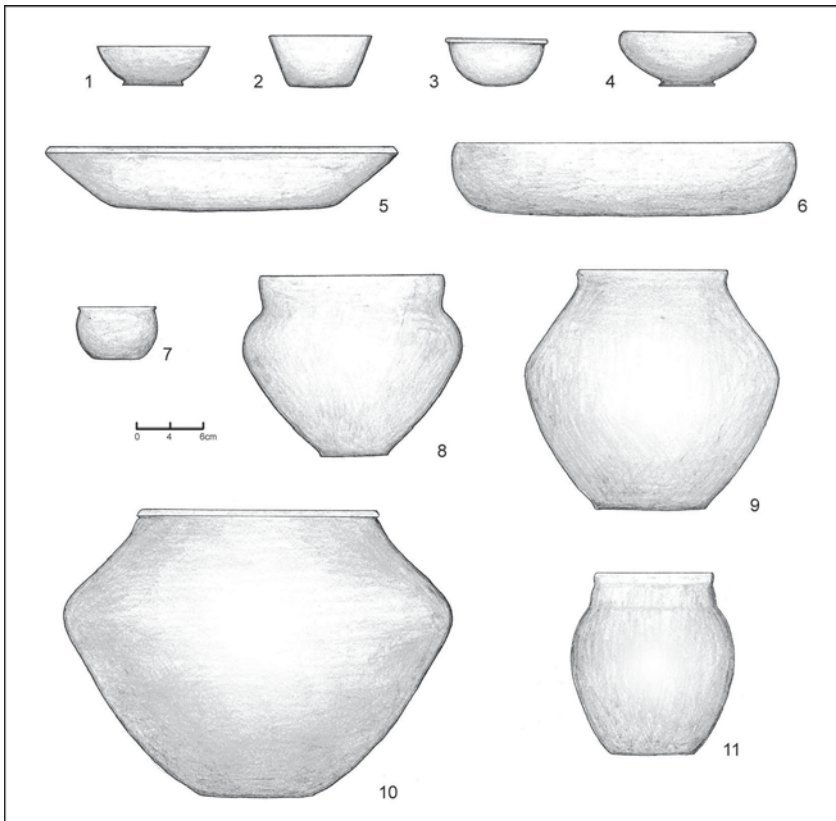


Figura 39. Vasilhas reconstruídas nos sítios da tradição Neobrasileira: tigelas (1 a 4), torradeiras (5 e 6), panelas (7 a 10) e jarro (11).

No PR CT 87, as panelas de formas 8 e 9.

No PR CT 88, a tigela de forma 1.

No PR CT 89, as tigelas de formas 1(2), 2, 3 e 4(8), a torradeira de forma 5 e o jarro de forma 11.

No PR CT 91, as tigelas de forma 1 e 4(3), as torradeiras de formas 5 e 6 e, as panelas de formas 7 e 8(4).

Os indícios cerâmicos não forneceram bordas que permitissem a classificação de formas.

Considerando-se a incidência das formas em relação aos tipos cerâmicos, a sua distribuição nos sítios é a seguinte:

No tipo Corrugado Complicado do sítio PR CT 86, está presente a torradeira de forma 6 e, no tipo Lábio Entalhado, a panela de forma

10 e o recipiente não classificado.

No tipo Engobo Vermelho do sítio PR CT 87, está presente a panela de forma 9 e, no tipo Lábio Entalhado, a panela de forma 8.

No tipo Simples Fino do sítio PR CT 88, está presente a tigela de forma 1.

No tipo Simples Grosso do sítio PR CT 89, estão presentes as tigelas de formas 1, 3 e 4, a torradeira de forma 5 e o jarro de forma 11. No tipo Simples Fino, as tigelas de formas 1 e 2 e, no tipo Engobo Vermelho, a tigela de forma 4.

No tipo Simples Grosso do sítio PR CT 91, está presente a tigela de forma 4. No tipo Engobo Vermelho, as tigelas de formas 1 e 4. No tipo Corrugado Leve, a torradeira de forma 6. No tipo Corrugado Complicado, a panela de forma 8. No tipo Corrugado Simples, a torradeira de forma 6. No tipo Corrugado Espatulado, a torradeira de forma 5. No tipo Digitungulado, a panela de forma 8 e, no tipo Lábio Entalhado, a panela de forma 7.

Cinqüenta e três modelagens procedem dos sítios PR CT 85 (5), PR CT 87 (1), PR CT 89 (18) e PR CT 91 (28). Seis delas são fragmentos de **pasta queimada** representando restos da prática ceramista. Têm formato irregular ou de cordel e mostram marcas de dedos em várias partes da sua superfície. Cinco encerram tempero grosso e, um, fino. Uma delas é do sítio PR CT 89 e, outras cinco, do PR CT 91.

Dois fragmentos de **recipientes** modelados foram coletados no sítio PR CT 91. Um corresponde a uma parte do bojo carenado e da base em pedestal de uma vasilha de pequenas dimensões. O acabamento das faces é irregular, permanecendo marcas de dedos; sua pasta é grossa. A segunda peça é o fragmento de base circular de possível fruteira; apresenta espessamento na porção central, na face superior da qual se observa o descolamento da coluna que suportava o recipiente. O alisamento é mais grosseiro na face inferior da base. O antiplástico é grosso e, o seu diâmetro, de 18cm.

Numerosos foram os fragmentos de **asas**, apêndices destinados à suspensão das vasilhas. Ocorreram nos sítios PR CT 85 (4), PR CT 89 (8) e PR CT 91 (7). Têm formato cilíndrico curvo, com leve achatamento em consequência da sua fixação na superfície da vasilha; em um caso o cilindro é reto. Foram alisados irregularmente, mantendo marcas de dedos; estas são devidas, também, ao pressionamento para fixação. Duas delas foram decoradas: uma com entalhes e outra com ponteados. Em todas a pasta é grossa.

As **alças** foram menos freqüentes, procedendo dos sítios PR CT 85 (1), PR CT 87 (1), PR CT 89 (4) e PR CT 91 (2). Destinavam-se, igualmente, à suspensão de vasilhas. Os fragmentos são curvos, com

secção elíptica e retangular. A maioria recebeu apenas alisamento; duas foram decoradas com ponteados, pinçado e uma conserva, na face superior, os três roletes de pasta utilizados para a sua confecção. Sete têm tempero grosso e, uma, fino.

Dois cilindros levemente engrossados em uma extremidade devem corresponder a **cabos**; ambos mostram, na fratura, os restos da superfície da vasilha e procedem do sítio PR CT 91. Foram temperados com antiplástico fino e estão recobertos por engobo vermelho. Neles existe uma perfuração longitudinal interrompida na extremidade proximal. Em um deles, verifica-se uma representação zoomorfa junto à extremidade proximal; os olhos e o focinho elaborados em alto-relevo estão erodidos.

No mesmo sítio PR CT 91 foram encontrados dois fragmentos de suportes-de-panela. Ambos apresentam pasta grossa. Um deles, menos danificado, tem a forma de cone truncado com constricção central. Sua base é circular, com 102mm de diâmetro; a altura é de 123mm. Das porções medianas para a superior a peça torna-se elíptica medindo, no primeiro ponto, 70 x 60mm de diâmetros. Na extremidade superior mede 50mm de largura e 82mm de comprimento; esta medida está prejudicada porque o artefato sofreu quebras nas laterais salientes. A superfície foi alisada irregularmente, sendo visíveis marcas de dedos, inclusive impressões digitais.

Uma peça encontrada no sítio PR CT 89 assemelha-se ao suporte-de-panela descrito acima e poderia ser uma miniatura dele. Este artefato lembra, por outro lado, o **diabolô**, um antigo brinquedo em forma de carretel. Sua pasta é fina e a superfície foi alisada. Mede 29mm de altura, 13 e 15mm de diâmetro nas extremidades e 11,5mm de diâmetro na constricção.

Bolas de funda foram coletadas nos sítios PR CT 89 (1) e PR CT 91 (7). Três estão completas e mostram superfícies alisadas, com marcas de dedos. A do primeiro sítio tem o tempero grosso; nas demais, o tempero é fino. Suas dimensões variam de 19 a 22mm.

Quatro fragmentos de **cachimbos angulares** procedem dos sítios PR CT 89 (3) e PR CT 91 (1). De três resta uma porção do forninho e, de um, partes do forninho e do tubo de aspiração. O forninho é cônico em três e carenado em um. Dois apresentam pequenos recortes nas proximidades da borda; um mostra seqüência de ponteados na borda e escovação na base e, outros, ponteados na porção mediana do forninho e séries de finas incisões em direção à borda. Três foram temperados com antiplásticos finos e, um, grossos.

Permanece **inclassificado** um fragmento de modelagem

encontrado no sítio PR CT 89. Trata-se de uma pequena peça elíptica, com depressão em uma face. Lembra um recipiente miniaturizado. Sua pasta é fina. Mede 16mm de comprimento e 10mm de largura.

Porções de argila crua foram registradas no fundo da lixeira escavada no sítio PR CT 91. De cor cinza-escuro, essas porções de matéria-prima não receberam antiplásticos, mas encerravam areia fina natural.

O lítico

Na superfície dos sítios PR CT 87 e PR CT 88 e, nos cortes praticados nos sítios PR CT 86, PR CT 89 e PR CT 91 foram recolhidos 101 fragmentos ou blocos de rochas. Quase todos são atípicos, não mostrando sinais de utilização. Poucos apresentam-se gretados pela ação do fogo.

A matéria-prima predominante é o quartzito (63), seguida pelo granito (13), quartzo (11), arenito friável (5), sílexito (3), basalto e migmatito (2 cada), limonita e óxido de ferro (1).

Dois microlascas de sílexito foram afeiçoadas como **pederneiras**; uma procede do sítio PR CT 89 (trincheira 1: 10-20cm) e, outra, do PR CT 91 (trincheira 3: 0-20cm). Mostram lascamentos por percussão direta em ambas as faces e outros menores, escamados e escamados progressivos, nas margens. A primeira tem forma trapezoidal, medindo 20mm de comprimento, 19mm de largura e 6mm de espessura; a segunda, elíptica, mede 22 x 13 x 6mm.

O material industrializado⁶

Entre as evidências que foram introduzidas nos vários sítios através de comércio, destacam-se as telhas coloniais ou goivas, telhas francesas, tijolos maciços e tijolos perfurados. São artefatos produzidos em série, provavelmente em olarias da região.

Os fragmentos de **telhas goivas** foram numerosos em alguns sítios (PR CT 85, 86, 87 e 88); mais raros em outros (PR CT 89 e 92) e, inexistentes em dois (PR CT 91 e 95) indicando, no sistema construtivo da área, as variedades de cobertura das habitações.

Elaboradas em duas etapas constituídas pela conformação da

⁶ O material industrializado encontra-se arrolado no Anexo 2.

placa em moldura e, a moldagem em suporte convexo, as telhas têm a face inferior não alisada e a superior regularizada, com sulcos alongados causados por dedos.

Com exceção de um caso, à argila utilizada para a elaboração das telhas foram adicionados grânulos grossos de quartzo (de 2 a 4, 5mm de comprimento). Em quase todos os exemplares observa-se, também, a presença de grânulos de hematita. Em dois, procedentes do sítio PR CT 86, além do quartzo e hematita, a pasta englobou cerâmica triturada. A exceção está representada pelo único fragmento registrado no sítio PR CT 92: na sua pasta ocorrem finos grãos de areia e grânulos de hematita. As diversas composições de pasta poderiam indicar olarias fornecedoras diferentes.

A coloração marrom-tijolo uniforme das peças informa sobre a sua queima em fornos.

Não foi possível a restauração de telhas que permitissem a determinação das dimensões. A sua espessura, porém, pôde ser avaliada através dos fragmentos: varia de 9 a 24mm, predominando de 10 a 14mm.

No espaço dos indícios PR CT C-38 foram coletados 2 fragmentos de telhas goivas temperadas com quartzo grosso e hematita.

Entre os 540 fragmentos de telhas goivas recolhidas, a sua frequência nos sítios foi a seguinte: 8,89% no PR CT 85, 67,96% no PR CT 86, 8,15% no PR CT 87, 10,37% no PR CT 88, 4,44% no PR CT 89 e 0,19% no PR CT 92.

Trinta e sete fragmentos de **telhas francesas** foram constatados unicamente no sítio PR CT 86. Em três coleções o tempero da pasta é constituído por areia fina e grânulos de hematita, em duas por hematita e quartzo com 1 a 1,5mm de comprimento e, na última, por hematita e quartzo até 2,5mm. Essas composições poderiam indicar, também, procedências diferentes.

A espessura das telhas varia de 8 a 12mm e, a sua queima, foi realizada em fornos com atmosfera oxidante.

Não se encontrou marcas de fabricante em nenhum fragmento.

Tijolos maciços ocorreram em quatro sítios e correspondem a 18 fragmentos: PR CT 85 (11,11%), PR CT 86 (72,22%), PR CT 87 (5,56%) e PR CT 89 (11,11%).

São diversas as composições apresentadas pela pasta desses tijolos: somente grânulos de hematita no sítio PR CT 85, quartzo grosso no PR CT 89 e quartzo grosso e hematita no PR CT 87. No sítio PR CT 86, que encerrava o maior número de peças, observou-se apenas quartzo

grosso em três coleções, quartzo grosso e hematita em duas e, quartzo e cerâmica triturada na última. Foram queimados em fornos.

Dois fragmentos de tijolos maciços ocorreram na área dos indícios PR CT C-38; mostram, na pasta, somente grânulos de hematita.

Fragmentos relativos a 10 **tijolos perfurados** foram recolhidos em três sítios: PR CT 86 (80%), PR CT 88 (10%) e PR CT 89 (10%). Nas coleções do primeiro sítio, os tijolos têm pasta temperada com quartzo grosso e hematita e, quartzo grosso associado com cerâmica triturada. Nos exemplares do segundo e terceiro, hematita e cerâmica triturada. A queima é completa.

No sítio PR CT 88 foi registrado, ainda, um fragmento de **manilha** que apresenta, na pasta, quartzo grosso e hematita. A superfície foi bem alisada e não possui qualquer acabamento de impermeabilização. A queima é, também, completa.

Outras evidências de cerâmica industrializada foram constatadas no sítio PR CT 86. São fragmentos de **recipientes torneados** e devem proceder de olarias mais afastadas da região. Na pasta de 4 ocorre areia fina e em outros 3, além dela, grânulos de hematita. Dois mostram a face externa alisada e marcas de torno na oposta; em sete as faces mostram-se **vidradas**, com as cores marrom (3), verde (2), amarelo (1) e marrom-claro (1).

Fragmentos de louça foram detectados nos sítios pesquisados. Em alguns casos foi possível a identificação da procedência, que compreende estabelecimentos industriais no país e exterior.

Nos sítios PR CT 85, PR CT 87, PR CT 88, PR CT 89 e PR CT 92, foram recuperados 12 fragmentos de **louça grés**. No primeiro, segundo e quarto sítios, quatro peças estão relacionados a tinteiros, com superfície externa vidrada marrom-escuro e claro. Outros fragmentos referem-se a garrafas, também vidradas e com as mesmas cores.

Louça faiança foi constatada nos sítios PR CT 86 e PR CT 88. No primeiro, os fragmentos referem-se a duas xícaras com superfície branca e uma xícara com decoração floral em marrom. No segundo, a uma xícara policromada na face externa; o padrão é constituído por frisos em azul e vermelho.

Trinta e cinco fragmentos de **louça meia-faiança** representam partes de caneca, xícaras, pires, pratos, tigelas, açucareiro e vaso, com superfície geralmente branca; alguns mostram-se policromados. No sítio PR CT 85 são duas xícaras, dois pires e três pratos. No PR CT 86, cinco xícaras (uma com resto de alça), uma caneca (com face externa policromada geométrica em azul, preto e marrom), um pires (com cunho "...OR" na base), dezesseis pratos, uma tigela, um açucareiro (com baixo-relevo linear externamente) e um vaso. No PR CT 88, uma tigela

(com cunho na base: letras “E B” ladeando pinheiro estilizado e seguidas pela expressão “...OUÇA”). No PR CT 91, um prato.

A **louça faiança-fina** foi a mais numerosa, embora os seus 449 fragmentos tivessem distribuição diferenciada nos vários sítios: 24 no PR CT 85 (5,35%), 325 no PR CT 86 (72,38%), 10 no PR CT 87 (2,23%), 27 no PR CT 88 (6,01%), 44 no PR CT 89 (9,80%), 17 no PR CT 91 (3,79%) e 2 no PR CT 92 (0,45%). No sítio PR CT 95 não ocorreu esse tipo de louça.

As peças representam açucareiros, canecas, xícaras, pires, pratos, tigelas e travessas. O acabamento superficial é predominantemente branco, embora ocorram decorações em alto-relevo, principalmente na aba de pratos, e por meio de mono e policromia. Entre estas, são comuns as bordas “trigadas” ou “blue edge”, borrão azul, “Willow”, florais, geométricos, etc.

Cunhos foram registrados na base de xícara (“D - 16 - 7722”), de pratos (“...HESTRICHT...MADE IN HOLLAND” e “...AULO”) e de leiteira (“...C...”), no sítio PR CT 86, de prato (“...OTBL...”), no PR CT 89. Vários cunhos em baixo-relevo não puderam ser identificados.

Fragmentos de **louça porcelana** foram mais raros e limitaram-se às áreas dos sítios PR CT 85 e PR CT 86. No primeiro estão representados por 1 xícara e 3 pratos com superfície branca. No segundo ocorreu 1 caneca, 4 xícaras, 2 pires, 3 tigelas e 2 açucareiros. Uma das tigelas tem friso dourado e, um dos açucareiros ostenta cunho “144” na base. Dois botões de roupa completam o conjunto de porcelanas.

Resíduos vítreos foram encontrados em quase todos os sítios, mas de forma mais expressiva no PR CT 86 (67,82%) e no PR CT 89 (17,24%). Nos sítios PR CT 87 e 88 a frequência é de 4,60%; nos sítios PR CT 85 e 92 de 2,30% e, no PR CT 91, de 1,14%. Além do maior volume de evidências, o sítio PR CT 86 revelou, também, a maior diversidade de objetos de vidro. No seu espaço foram registrados fragmentos referentes a 32 garrafas para bebidas fermentadas e destiladas, 20 frascos para remédio e perfume, 1 tigela para sobremesa, 1 copo, 1 vaso, 1 conta de colar, 1 estatueta miniatura e 2 vidros planos de janela. Uma das garrafas conserva parte de símbolo irreconhecível, ladeado pelas letras “...NIO DA” e, a lateral de um dos frascos, a inscrição “...CKS...”.

No sítio PR CT 89 os fragmentos referem-se a 11 garrafas e 4 frascos, no PR CT 88 a 3 garrafas e 1 tigela para sobremesa e, nos demais, somente a garrafas. Em uma das procedentes do sítio PR CT 87 verifica-se parte de inscrição: “...GLAS...”.

Junto aos indícios PR CT C-38 foram resgatados 2 fragmentos de vidros planos de janela.

Quarenta e seis **peças metálicas** ocorreram em apenas quatro sítios, sendo mais freqüentes no PR CT 86 (78,26%). As mais numerosas relacionam-se a edificação e mobiliário (pregos de secção circular e quadrangular, dobradiça e arame), seguidas pelas ligadas a cozinha (panelas, colheres e aro de fogão a lenha), caça (cápsulas e chumbinho de armas de fogo e canivete), montaria (estribo, espora e peça de arreio), agricultura (foice e enxada) e indumentária (fivela de cinto).

Na base de uma das cápsulas de arma de fogo está estampada a inscrição “REM - UMC 32 S&WL” e, na outra, “32 UMC SCP REM”.

A matéria-prima predominante é o ferro; alguns objetos foram confeccionados em bronze, cobre e chumbo.

No Quadro 3 foram arrolados, ainda, 15 **fragmentos de ossos e dentes** recolhidos nos sítios PR CT 86, 87 e 91. Relacionados a animais domésticos - bovinos, suínos e eqüinos - apresentam-se partidos.

OS COMENTÁRIOS E COMPARAÇÕES

As pesquisas relatadas tiveram como palco o Aterro Sanitário do Município de Mandirituba, no trecho compreendido pelas coordenadas UTM X= 665.680, Y= 7.152.650 e X= 667.400, Y= 7.154.600. Este situa-se no Planalto de Curitiba, uma sub-zona natural do primeiro planalto paranaense, conforme a definição de Reinhard Maack (1968:88).

Os assentamentos arqueológicos foram encontrados em altitudes variando de 897 a 928m acima do nível médio do mar, coincidindo com o topo ou início das encostas de suaves elevações. O Planalto de Curitiba apresenta o relevo mais regular e baixo entre as sub-zonas do compartimento; as suas altitudes oscilam entre 850 e 950m s.n.m.

Drenada por pequenos tributários do rio Iguaçu, de cuja margem esquerda dista 9,5km, a área do estudo é caracterizada por formação geológica de idade antiga (Pré-Cambriano), indicada por gnaisses, calcários, dolomitas, quartzitos, filitos, etc. e de idade mais recente (Holoceno), assinalada por depósitos aluvionais ao longo dos cursos fluviais.

Torna-se difícil, tendo como base a atual cobertura vegetal, uma avaliação paisagística relativa à época dos índios registrados ou, ao início da ocupação do lugar pelos europeus. Os campos agrícolas abandonados e invadidos por arbustos e gramíneas altas, as capoeiras e as pastagens são resultantes de atividades humanas modernas. As esparsas reservas de mata existentes, com a presença de pinheiros não muito velhos, são secundárias e apresentam composições e estágios de desenvolvimento distintos.

Em meados do século XX, quando a vegetação de Curitiba e arredores foi estudada para subsidiar a Planta Fitogeográfica confeccionada pelo Instituto de Geologia da Universidade do Paraná (KLEIN e HATSCHBACH, 1962:3), o ambiente já se mostrava alterado pelos mesmos agentes, mas possibilitou uma reconstrução aproximada das suas características fitofisionômicas.

Os campos naturais e os capões que, ao norte do rio Iguaçu dominavam as suaves colinas dos terrenos da formação Guabirotuba, eram gradativamente substituídos, nos terrenos Pré-Cambrianos ao sul, por matas nativas com predominância de pinheiros. Conforme a análise dos autores citados, ainda, a vegetação junto aos depósitos holocênicos (várzeas) era composta por gramíneas e ciperáceas, ladeadas por estreita mata de galeria.

Dados climáticos mais próximos do espaço da pesquisa referem-se à Cidade de Araucária, dele distante cerca de 22km. A temperatura anual verificada apresenta amplitude média de 8,1°C e amplitude média absoluta de 21,3°C. As geadas noturnas ocorrem entre os meses de abril e setembro, sendo mais freqüentes entre junho e agosto. As precipitações atingem 1.343,2mm anualmente, distribuindo-se em 759,9mm no semestre de verão e em 583,3mm no semestre de inverno (MAACK, 1968:105 e 155).

As evidências arqueológicas constatadas no ambiente circunscrito pelo Aterro Sanitário referem-se a índios e neobrasileiros. Os primeiros, pertencentes à tradição Itararé, foram assinalados por cinco assentamentos. Situavam-se nas porções norte e oeste da área, próximos de pequenos cursos fluviais. Seus estabelecimentos encontravam-se nos pontos mais elevados do terreno, ocupando áreas elípticas com 157 a 1.387,88m²; as altitudes variavam de 911 a 928m s.n.m.

Em dois assentamentos ocorreram estruturas habitacionais subterrâneas ou **buracos de bugre**, conforme a terminologia da população local. É possível que antes das modificações ambientais ocorridas no período histórico, tais feições tenham existido em outras partes da área da pesquisa e, podem ter sido entulhadas pelos agricultores modernos.

Estruturas habitacionais subterrâneas foram também registradas nos arredores do Aterro Sanitário, inclusive no topo da primeira elevação do terreno ao lado da várzea do rio Iguaçu. Ao sul, em ambiente ainda florestado, o buraco de bugre avistado estava junto a um aterro circular. Este ponto encontrava-se a cerca de 300m da que, conforme depoimento recolhido, foi entulhada durante as arações. Essas depressões esparsas situavam-se em altitudes variando de 919 a 949m e mediam entre 6,50 e 9,00m de diâmetros. Duas delas estavam contornadas pelos campos agrícolas, e foram minimamente preservadas pelos

proprietários.

Na área da pesquisa, os sítios PR CT 90 e PR CT 93, que englobavam estruturas subterrâneas, estavam próximos. Foram considerados isoladamente porque nos 73m que os separavam não se encontrou qualquer evidência arqueológica.⁷

A depressão do primeiro sítio, com pouco mais de 3m de diâmetro e 1,18m de profundidade depois de escavada, foi considerada pequena neste contexto. Com exceção da parede do seu lado norte, que era inclinada em forma de rampa, as restantes eram quase verticais.

A reocupação da parte sul desse sítio indígena por neobrasileiros, ocasionou algumas alterações às suas estruturas. A subterrânea, por exemplo, foi utilizada pelos formadores do sítio PR CT 91 como depósito de lixo. As escavações praticadas revelaram que o acúmulo de cerâmica, louças, vidro, metal e ossos pelos neobrasileiros ocorreu diretamente na base da estrutura indígena. Verificou-se, também, que essas deposições aconteceram quando a sedimentação já havia preenchido parcialmente as laterais da depressão. O seu preenchimento teve continuidade após o abandono do sítio pelos neobrasileiros acelerando-se, em consequência do desmatamento mais acentuado, quando da ocupação pelos atuais moradores.

As únicas evidências relativas aos responsáveis pela estrutura subterrânea, representadas por fragmentos cerâmicos, foram encontradas na superfície do depósito que a preencheu e resultaram do seu deslocamento do piso situado no terreno plano circundante. Nenhuma peça indígena foi detectada na base da estrutura. Não se conseguiu, também, identificar nessa base qualquer fogão que a eles pudesse ser atribuído. Se algum existiu, os carvões e cinzas acumulados pelos neobrasileiros, juntamente com outros detritos, devem tê-lo mascarado.

⁷ Para fins de registro, a configuração dos sítios baseia-se na dispersão contínua das evidências arqueológicas. Um espaço delimitado como sítio pode conter uma concentração de material ou englobar concentrações referentes a várias estruturas habitacionais desde que entre elas as evidências continuem ocorrendo.

Quando na área de um sítio são detectados traços relacionados a tradição cultural diferente, indicando reocupação, a sua dispersão é destacada e registrada como unidade independente.

Algumas vezes, estruturas habitacionais circunscritas em sítios da mesma tradição cultural, após as análises laboratoriais, revelam-se como componentes de reocupações. Nesses casos, os sítios adquirem configurações diferentes daquelas registradas inicialmente.

Os dados proporcionados pela escavação dessa estrutura não são suficientes para que se conclua sobre a sua função. Morfologicamente, assemelha-se a uma habitação subterrânea, mas a sua pequena capacidade de acolhimento, com pouco mais de 7m² de área, limitaria o número de ocupantes e as atividades inerentes a uma morada. Deve ser considerado, ainda, a pequena profundidade da depressão, que exigiria paredes complementares de material perecível, com altura muito superior à da escavada.

Cortes realizados no entorno da depressão revelaram fragmentos cerâmicos dispostos sobre um piso situado a uma profundidade média de 18cm. Eles incidiam com mais intensidade nos seus lados leste e oeste, menos no sul e estavam quase ausentes no norte, justamente em frente à possível rampa de acesso. A leste o material ocorria até 6,50m de extensão, até 3,80m a oeste e, ao sul, entre 2 e 3m de distância da beira da estrutura subterrânea.

Em que pese as perturbações locais, a disposição do material no entorno da depressão poderia estar indicando a existência de uma estrutura habitacional em desnível, como a sugerida por Fernando La Salvia (1987:20). Essa habitação semi-subterrânea pequena conforme a sua classificação, seria formada pela depressão central, a periferia imediata e a cobertura elevada (Fig. 40,a). No presente caso, a cobertura circunscreveria um espaço em torno de 11m de diâmetro.

A habitação subterrânea do sítio PR CT 93 tinha pouco mais de 6m de diâmetro; a profundidade original situava-se a 3,06m, um pouco acima do embasamento rochoso intemperizado. Foi considerada de tamanho médio, podendo comportar uma família nuclear.

Segundo a idealização de La Salvia (Fig. 40, b), uma habitação desse porte poderia ter uma cobertura baixa sustentada por um esteio central, embora não se tenha encontrado vestígios deste no seu interior.

Durante a escavação do depósito, foram identificadas treze camadas de ocupação situadas abaixo de três camadas estéreis acumuladas após o seu abandono. No lado sul, a parede era quase vertical, mostrando-se inclinada nos demais lados. Vestígios de rampa de acesso foram notados no seu lado oeste; outra deveria existir no lado leste.

É possível que os espaços assinalados por solos de coloração lilás e amarela nos lados norte e sul das camadas 1 a 7 correspondam a banquetas.

Para efeito de registro, as camadas foram numeradas conforme a ordem natural de deposição. Todas eram côncavas, inclusive a forma-

da durante a primeira ocupação. A concavidade tornou-se mais acentuada a partir da nona camada. As quatro primeiras eram um pouco mais espessas que as superiores.

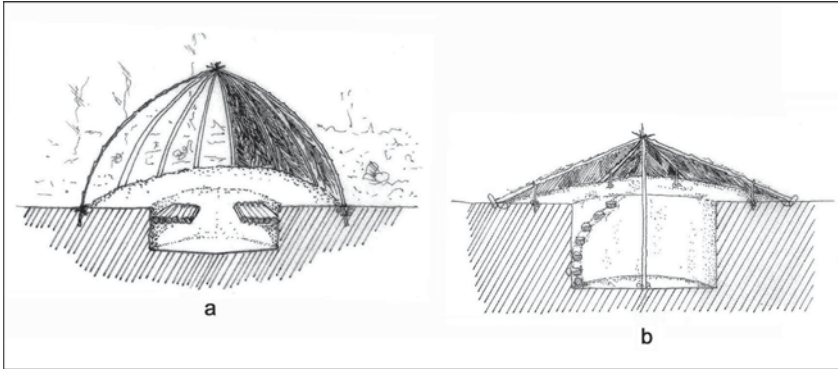


Figura 40. Cortes de habitações idealizados por Fernando La Salvia (1987): a, habitação semi-subterrânea pequena; b, habitação subterrânea com esteio central. As estruturas escavadas no Aterro Sanitário não revelavam indícios de estrado como indicado no corte a, nem dos degraus de pedras no corte b.

Fossas e buracos de estacas foram registrados somente nas camadas 1 e 3, ao lado do fogão principal ou um pouco mais afastados; estas fixaram estacas finas, talvez destinadas à suspensão de utensílios.

O fogão principal, localizado nas porções centrais das primeiras camadas, deslocou-se gradativamente para o lado norte nas superiores. Em algumas das camadas inferiores foi possível a verificação de pequenas bases de combustão englobadas, como se fogueiras individuais fossem praticadas em várias ocasiões, mas mantendo-se em espaço pré-determinado. Fogões menores foram constatados isoladamente ou geminados nos arredores, em quase todas as camadas. Estavam, geralmente, circunscritos pelo solo escuro resultante de atividade mais intensa. Eram comuns nos seus espaços os fragmentos de terra argilosa queimada e com impressões de folhas e gravetos em uma face. Raros fogões situavam-se no solo avermelhado.

Os carvões eram abundantes nos fogões e, esparsos no espaço central, assinalado pela terra de coloração marrom-escuro. Eram densos, indicando seleção de lenha com grande capacidade calórica. É provável que muitos deles sejam de nós de pinho. Na forma natural

estes foram registrados nas camadas 8, 9, 11 e 13. Lascas de taquara e folhas de xaxim carbonizadas foram detectadas nas camadas inferiores.

Blocos de rochas de pequenas dimensões também ocorreram nos espaços dos fogões e fora deles; foram raros na periferia dominada pela terra avermelhada. Eram dispersos, não configurando padrão como de proteção de brasas, apesar de muitos estarem alterados pela ação do fogo.

Raríssimos objetos de pedra apresentavam sinais de uso. Dois núcleos da camada 5, por exemplo, serviram como percutores. Em outras camadas ocorreram lascas e microlascas sem sinais de utilização.

A ausência quase completa de artefatos líticos neste e em outros sítios da mesma tradição deve representar uma particularidade local. Mesmo a coleta de peças feita por agricultores quando aram os sítios superficiais, não explica a falta de fragmentos de artefatos ou núcleos e lascas residuais, que costumam ocorrer em sítios Itararé de outras regiões. Nesta área, somente um fragmento de lâmina de machado foi resgatado no sítio PR CT 96.

Em todas as camadas do sítio PR CT 93 havia fragmentos de recipientes cerâmicos. Incidiam nos arredores dos fogões e, quase sempre, também no seu interior. Poucos foram registrados no espaço assinalado pela terra vermelha. Nas camadas 1, 2 e 3 foram constatados recipientes esmagados e, na 6, uma vasilha intacta. O comum era a presença de porções de recipientes e de fragmentos isolados que não se uniam. A cerâmica era mais numerosa nas camadas 2, 3, 4 e 11. A camada 12 foi a que forneceu o menor número de exemplares. Este quadro sugere a prática de descarte ou limpeza da habitação nos vários momentos em que foi ocupada.

A cerâmica com acabamento simples na superfície predominou. Nas camadas 2, 3, 4, 8 e 9 foram registrados fragmentos com engobo vermelho. Recipientes que foram enegrecidos intencionalmente e, outros, que receberam impermeabilização com resina também foram constatados.

Parte da cerâmica poderia ter sido produzida no interior da habitação subterrânea, tendo-se em vista a ocorrência de restos de cordéis de pasta queimada nas camadas 1, 4 e 11.

O quartzo foi o tempero predominante e empregado seletivamente na pasta. Apesar de serem pouco representativas, as coleções cerâmicas apresentam algumas tendências quanto à sua distribuição. Nas amostras procedentes das camadas 2, 3, 5, 8, 11 e 13 predomina o tempero de granulação fina; nas camadas 6 e 7 o de

granulação média e, nas camadas 1 e 10, o de granulação grossa. Nas camadas 4 e 9, os fragmentos temperados com antiplásticos finos e médios são os mais populares e mostram a mesma percentagem; na 12, essa preferência refere-se aos que têm granulação média e grossa.

A morfologia resume-se a tigelas rasas e fundas e, jarros de bojo elíptico, oval ou ligeiramente globular, todos de pequenas dimensões. Os jarros restaurados têm 9,5 e 12cm de diâmetro na boca e 15 e 16cm de altura, respectivamente.

Os jarros predominam em várias camadas, mesmo naquelas em que suas bordas não se conservaram; os fragmentos correspondentes às suas porções do pescoço, bojo ou base eram freqüentes.

No conjunto das coleções algumas diferenças foram notadas em relação às vasilhas. Nas camadas 1 e 2 as paredes dos jarros alcançaram as maiores espessuras, especialmente na forma 17. A forma 16 só ocorreu na camada 2 e, a forma 25, nas camadas 2, 3 e 4.

Nenhuma tigela mostra indícios de que tenha sido levada ao fogo; são estes os recipientes que apresentam engobo vermelho e impermeabilização resinosa. Por outro lado, muitos jarros mostram sinais de sua utilização no fogo: externamente, nas porções inferiores, são comuns as manchas de queima e internamente, também nas porções inferiores, há formação de camada carbonizada, como fuligem. Aqueles serviram para armazenar líquidos ou farinhas e estes, em parte, para o cozimento de alimentos.

Poucos vestígios relacionados à alimentação foram recuperados e dizem respeito às atividades de coleta e caça. Fragmentos de pinhão e coquinho jerivá carbonizados estavam nas camadas 2 e 7, respectivamente. Outras sementes carbonizadas ocorreram nas duas últimas camadas, mas não foram identificadas. Nas camadas 4, 6 e 7 havia ossos não carbonizados de antas.

Material arqueológico intrusivo foi constatado na camada 13 e está ligado à tradição Neobrasileira. Corresponde a fragmento de prato de louça faiança e pequenas esferas de chumbo de arma de fogo. Esses elementos devem ter se depositado no local depois do seu abandono pelos índios. Assentamentos neobrasileiros foram localizados nas proximidades desse sítio e, a algum deles podem estar relacionados.

Reocupações como as registradas no sítio PR CT 93 já haviam sido constatadas em outros da mesma tradição no Paraná. Um deles, o PR UB 4, localizado no oeste, nas proximidades do rio Piquiri possuía, entre outras estruturas, seis habitações subterrâneas com diâmetros variando de 4 a 5m. Todas estavam contornadas por anel de terra com 40cm de altura. Duas foram escavadas e revelaram 2 e 3 camadas de

ocupações, respectivamente (CHMYZ e SAUNER, 1971:19).

Esse sítio reunia um aterro circular, com 13m de diâmetro e 2m de altura, contornado por vala, dezenas de pequenos aterros elípticos e, depressão contínua e estreita correspondente a caminho. Nas porções inferiores do aterro maior havia duas camadas de solo queimado e restos de cremação de corpos.

O sítio PR SE 7, encontrado em 1973 no vale do rio Itararé, no nordeste do Estado, era formado por três estruturas subterrâneas com 6m de diâmetro e, um aterro com 5m de diâmetro e 0,50m de altura. Na escavação praticada em uma das depressões, foram constatadas 3 camadas de ocupações: duas delas delgadas e, uma, espessa. As primeiras situavam-se aos 4,40 e 4,10m de profundidade, mediam 3 e 4cm de espessura respectivamente, e eram separadas por solo estéril avermelhado. No depósito superior, disposto entre 3,30 e 3,80m de profundidade, foram constatados seis estratos horizontais de solo avermelhado que o dividia em subcamadas de 4 a 7cm de espessura. Os estratos, que em alguns pontos se interrompiam, eram constituídos por solo avermelhado.

Nos arredores foram avistados vários conjuntos de estruturas em depressão ou elevadas. Os dois mais próximos do PR SE 7 foram topografados. No PR SE 8 havia três casas subterrâneas com diâmetros variando de 1,50 a 6,50m e, no PR SE 9, outras quatro com diâmetros de 6 a 8m. Ao lado das primeiras registrou-se um aterro e, ao lado das últimas, três aterros alinhados. Mediam entre 4 e 6m de diâmetros e já estavam sendo afetados pelas práticas agrícolas.

Pesquisas mais antigas, quando os buracos de bugre começavam a ser estudados no sul do Brasil, já indicavam reocupações. O sítio PR UV 12, parcialmente escavado no vale do rio Iguaçu, na região sul, evidenciou uma estrutura de combustão nas porções medianas da camada arqueológica, acima de outra assinalada na sua base (CHMYZ, 1968:45).

O espaço então arbitrado para o sítio PR UV 12 circunscrevia sete casas subterrâneas alinhadas e isoladas; seus diâmetros variavam de 4 a 9m. Na margem oposta do rio Iguaçu, o sítio PR UV 6 também reunia sete depressões, com diâmetros entre 4 e 10m. Outras séries de estruturas subterrâneas existiam nas proximidades dos dois sítios.

No topo de pronunciadas elevações, a alguns quilômetros de distância daqueles sítios, foram registrados agrupamentos de pequenos aterros elípticos. Um deles estava circundado por muro de terra.

Na região metropolitana de Curitiba, ao lado do rio Iraí, um tributário da margem do rio Iguaçu, habitações subterrâneas foram es-

cavadas recentemente. Denominado PR CT 05-99, o sítio englobava depressões geminadas com 6,50 e 4,50m de diâmetros e, indícios cerâmicos e líticos também no seu entorno. Na estrutura maior o material arqueológico foi encontrado até 2m de profundidade e, na menor, até 1,80m. No entorno, as evidências ocorreram até 70cm de profundidade em algumas quadras. A cerâmica era de acabamento simples e os líticos eram representados por artefatos retocados, como pontas de projéteis, raspadores, etc., além de resíduos de lascamento (BLASI - Coord., 2000).

O relatório de pesquisa acima citado não esclarece satisfatoriamente sobre a estratigrafia das estruturas subterrâneas. Analisando-se a Tabela 1 (Frequência de indícios arqueológicos por setor e coleção), que quantifica globalmente as evidências registradas nos setores escavados e, a Tabela 2 (Elenco de artefatos), que arrola as peças definidas nos vários níveis das intervenções, chega-se à conclusão que a cerâmica e o lítico ocorreram simultaneamente nas camadas formadas no interior das depressões, assim como naquelas do entorno (p. 18 e 21).

Os artefatos líticos descritos apresentam características que permitem relacioná-los à tradição pré-cerâmica Umbu. A cerâmica relatada, por outro lado, poderia corresponder àquela produzida pela tradição Itararé, também autora, no Paraná e em outros estados brasileiros, das habitações subterrâneas.

Cinco camadas do sítio PR CT 93 foram datadas pelo método do Carbono 14. Para a camada 1 obteve-se a data de 1010 ± 70 d.C.; para a camada 2, 1100 ± 50 d.C.; para a camada 4, 1370 ± 60 d.C.; para a camada 8, 1290 ± 60 d.C. e para a camada 13, 1270 ± 70 d.C. (Beta-180903 a Beta-180907). As datações das camadas 4 e 8 são discrepantes, principalmente a 4. É possível que os seus resultados tenham sido afetados por algum tipo de contaminação. Levando-se em conta, porém, as datações que mostram seqüência coerente, teríamos um intervalo de 260 anos entre a primeira e a última ocupação da habitação.

Considerando-se as variações para mais ou menos dos resultados, a seqüência poderia ser expressada com a seguinte cronologia, na mesma ordem: 1010, 1100, 1310, 1330 e 1340. Desta forma, o intervalo entre o início e o término da ocupação seria de 330 anos.

As datações permitem, em concordância com a estratigrafia do depósito, alguns comentários sobre a velocidade das reocupações. Os intervalos mais prolongados, sugeridos pela espessura maior das quatro primeiras camadas, estão de acordo com a cronologia obtida. Entre a primeira e a segunda ocupações o tempo transcorrido foi de 90 anos e, entre esta e a quarta, de 210 anos. As camadas superiores, sendo

muito delgadas, poderiam ter sido formadas a intervalos mais curtos.

Assim, as camadas inferiores estariam indicando o afastamento do grupo da área por períodos mais prolongados e, as superiores, a sua perambulação por espaços mais restritos, o que propiciaria a reocupação amíúde do mesmo sítio. Este padrão, que refletiria a mobilidade da população com maior ou menor abrangência espacial, assemelha-se ao constatado no sítio PR SE 7.

Uma das causas dessa mobilidade poderia estar relacionada à disponibilidade de recursos de subsistência. Sendo o fruto do pinheiro uma das principais fontes alimentares nos meses frios, é possível que a sua abundância ou escassez motivasse os deslocamentos diferenciados.

Na reconstrução da paleopaisagem dos campos gerais do Paraná, por Hermann Behling (2002:25), baseada em análises polínicas e datações radiométricas, a grande expansão das florestas de pinheiros teria começado depois de 450 d.C. Essa expansão teria diminuído de intensidade entre 800 e 1200 d.C., retomando o curso a seguir, atingindo o máximo em 1350 d.C.

Embora os campos gerais estejam localizados no segundo planalto do Estado, verifica-se que as datações das camadas inferiores da habitação subterrânea do sítio PR CT 93 situam-se no momento da retração das florestas de pinheiros sugerida por Behling e, as superiores no seu clímax.

Infelizmente, são poucas ainda as datações disponíveis para as seqüências ocupacionais nas habitações em depressões. Para a camada 3 de uma das habitações subterrâneas escavadas no sítio PR UB 4, a datação obtida foi de 1215 ± 95 d.C. (SI-2194). As outras camadas não foram datadas. No sítio PR UV 12, três níveis da casa subterrânea foram datados: o correspondente ao final da ocupação alcançou 1345 ± 120 d.C. (SI-691) e, o da estrutura de combustão, situado nas suas porções medianas, 1140 ± 90 d.C. (SI-892). A amostra relativa ao início da ocupação foi contaminada e apresentou resultado muito recente.

No sítio PR CT 91, o ambiente mais preservado permitiu, além da constatação de uma possível habitação subterrânea em desnível, o registro de outro espaço habitacional. Situava-se este a sudoeste daquele e era representado por um piso aos 17cm de profundidade, continuamente ocupado por fragmentos cerâmicos; distribuíam-se por uma área com cerca de 6m de diâmetro e poderiam assinalar o fundo de uma cabana. Em outras partes do sítio a cerâmica ocorria esparsamente, em piso situado entre 17 e 20cm de profundidade, indicando atividades menores nos arredores das habitações.

Cerâmica procedente do piso da possível cabana foi processada pelo método de Termoluminescência e forneceu a data de 1300 ± 45d.C. (Lacivid - 23.12.2003), relacionando-a ao período de ocupações menos espaçadas temporalmente da casa subterrânea do sítio vizinho.

Na área do sítio PR CT 93, a destruição da estratigrafia do terreno pelas práticas agrícolas, lamentavelmente não permitiu a observação do entorno da depressão preservada.

Fundos de cabanas superficiais haviam sido constatados ao lado das habitações subterrâneas do sítio PR UB 4. Fragmentos de cerâmica, lascas de arenito silicificado e carvões eram mais numerosos nesses espaços que no interior das depressões; formavam uma camada situada entre 10 e 20cm de profundidade (CHMYZ e SAUNER, 1971:20).

Sobre atividades que seriam desenvolvidas pelos moradores dos sítios nos arredores das estruturas subterrâneas, Pedro I. Schmitz e colaboradores (2002:100), aventaram a possibilidade da existência de pequenas coberturas ou telheiros para proteção.

Nos sítios PR CT 94 e 96 da área do Aterro Sanitário, igualmente relacionados à tradição Itararé, não foram registradas estruturas habitacionais subterrâneas. O segundo encontrava-se em terreno muito perturbado por práticas agrícolas e, se alguma depressão existiu no seu espaço, não foi localizada durante as pesquisas. O primeiro era formado por duas concentrações superficiais de material arqueológico situadas, em grande parte, em terreno preservado. Os indícios PR CT C-41, relativos a sítio destruído, também eram superficiais e não estavam associados com casa subterrânea.

Essas ocorrências estariam indicando sítios formados por uma ou mais habitações construídas com material perecível na superfície do terreno, não incluindo as subterrâneas. Em outras partes do Paraná, como a faixa litorânea (CHMYZ, 1976:27), o vale do rio Ribeira, abrangendo a margem paulista (ROBRAHN, 1989:42; CHMYZ et alii, 1999:20) e o vale do rio Paranapanema (CHMYZ, 1967:67), principalmente, não foram detectadas habitações subterrâneas junto aos sítios Itararé. Aponstavam, esses estabelecimentos, para padrões compostos por pequenas habitações utilizadas por famílias nucleares ou maiores, do tipo comunal.

As casas subterrâneas, cuja área de dispersão coincide com a da mata de araucária, poderiam representar adaptações contra os rigores do inverno, mas não excluíam, nos sítios em que ocorrem, o uso simultâneo de edificações de superfície. É provável, ainda, como se comentou acima, que na área dos pinheirais sítios Itararé tenham se formado sem a construção de habitações subterrâneas.

Embora na área da pesquisa não tenham sido encontrados aterros junto aos sítios Itararé, o que pode ser explicado pela degradação do ambiente, uma dessas estruturas elevadas foi identificada nas suas proximidades, ao lado de uma casa subterrânea (PR CT C-51). A função dos montículos circulares ou elípticos não está, ainda, esclarecida. Os primeiros, lembram os túmulos dos índios Kaingáng descritos por vários pesquisadores nos séculos XIX e XX. Um deles, Telemaco Borba (1908:124), chegou a escavar alguns existentes no vale do rio Tibagi. Na base das estruturas, Borba constatou carvões e cinzas depositados sobre lajes. Interpretando-os como locais de práticas crematórias, o autor não os atribuiu aos Kaingáng porque havia observado esses índios enterrando seus mortos em covas rasas e forradas de madeira, juntamente com os objetos pessoais. Após o enterro, o montículo era erigido sobre a cova. As crianças eram inumadas em covas rasas, não cobertas por **“pyramides”** (p. 13).

Não aceitava, também, o mesmo etnógrafo, a autoria das casas subterrâneas pelos Kaingáng, pois, no seu tempo, estes moravam em cabanas de 25 a 30m de extensão; essas habitações eram abandonadas anualmente, em consequência da exaustão dos recursos de subsistência (p.8).

Os índios estudados por Telemaco Borba na segunda metade do século XIX, ao contrário dos **“mansos”** reunidos nos aldeamentos de São Jerônimo e São Pedro de Alcântara, vagavam pelos sertões do baixo Piquiri, Ivaí e Iguaçu, **“...ainda não se domesticaram, mas, que também não nos teem assaltado.”** (p. 6).

No Paraná, dois aterros circulares foram escavados posteriormente e apresentaram evidências que coincidem com os resultados alcançados por Borba. Um deles integrava o já comentado sítio PR UB 4. O outro foi pesquisado em 1982, no médio rio Iguaçu, em Mangueirinha. Foi cadastrado como PR MN 4 e era formado por uma concentração de material cerâmico Itararé, com 157m² de área, e um aterro situado a 100m de distância. O aterro, bastante prejudicado por práticas agrícolas, media 8,50m de diâmetro e 0,70m de altura. Na sua base constatou-se uma laje de terra queimada sobre a qual havia carvões e cinzas.

A laje inferior do aterro do sítio PR UB 4 forneceu a data de 1095 ± 95d.C. e, a superior, de 1480 ± 95d.C. (SI-2193 e SI-2192). Os carvões coletados sobre a laje do aterro do sítio PR MN 4, foram datados de 1355 ± 60d.C. (SI-6396).

No sítio PR UB 4, ainda, que possuía dezenas de pequenos e esparsos aterros elípticos, as escavações realizadas em alguns deles não possibilitaram conclusões sobre sua função. Continham, desde a

sua superfície até a base, aos 70cm de profundidade, pequenos blocos de basalto, lascas de arenito silicificado e fragmentos de cerâmica. Abaixo, o solo era compacto e estéril de evidências arqueológicas. Apesar de assemelharem-se a túmulos não se obteve, nesse sentido, qualquer prova.

Poderiam estes representar despejos espaçados da terra retirada para a construção das casas subterrâneas, como sugerem Schmitz e colaboradores (2002:101). Essa interpretação, que também procura explicar a formação dos aterros circulares, parece não se aplicar aos pequenos montes elípticos que integravam os sítios PR UV 7 e PR UV 11, do médio rio Iguaçu. Neles, os aterros formavam conjuntos restritos, distantes 4km dos sítios com casas subterrâneas e ocupavam o topo de morros elevados. Um deles estava contornado por muro de terra.

As escavações procedidas em montículos do sítio PR UV 11, revelaram uma camada rica em material orgânico e carvões na sua base; a terra em contato com a camada orgânica não estava solidificada por queima. Em toda a espessura do aterro ocorreram cristais de rocha, blocos e lascas de basalto e sílex e, cerâmica. A camada orgânica de um dos aterros foi datada em 1270 ± 70 d.C. (SI-1010).

É possível que, apesar da ausência de ossos humanos, essas estruturas agrupadas e afastadas das casas subterrâneas assinalem cemitérios.

A cremação, conforme memória tribal, era praticada pelos índios Xokleng, da família lingüística Jê. No século XVIII, segundo Silvio C. dos Santos (1973:33), o território Xokleng estendia-se desde o sul de Curitiba (PR), o oeste de Lages (SC) e o norte de Porto Alegre (RS), abrangendo a faixa litorânea. Para outros autores, a sua área de dispersão era mais ampla, atingindo o vale do rio Piquiri, no oeste do Paraná (RIVET e LOUKOTKA 1952:1122).

Os registros são do início do século XX e informam que os Xokleng cremavam seus mortos, inclusive as crianças púberes de ambos os sexos; as impúberes eram enterradas. Após a cremação, que incluía armas e objetos pessoais dos homens, as cinzas eram depositadas em uma cova circular forrada com cascas e folhas e, coberta com terra. No local era construído um rancho (PAULA, 1924: 126).

Não há consenso entre os especialistas sobre a identidade cultural dos Xokleng e Kaingáng. Linguisticamente aqueles se filiam a estes, mas ambos apresentam diferenças culturais. Admite-se, entretanto, que os dois grupos derivaram dos antigos Guayaná ou Caaguá, habitantes dos planaltos do sul do Brasil na época da

conquista.

Bartomeu Meliá (1983:12) esclarece que os Guayaná dos séculos XVI e XVII viviam na periferia do habitat dos Guarani, ou formavam bolsões dentro desse mesmo habitat. No território paranaense então dominado pelos espanhóis, estavam os que receberam as denominações de Chiqui e Gualacho, entre outras. Na cartografia jesuítica, os Chiqui estão assinalados entre os rios Piquiri e Iguaçu e, os Gualacho, no primeiro planalto.

Estruturas como galerias e os caminhos com as características daqueles que, às vezes, são detectados junto a sítios Itararé, indicando a sua vinculação à tradição, não foram observadas no espaço da atual pesquisa.

Vestígios de caminhos chegaram a ser captados na área do sítio PR UB 4 e nos seus arredores, ligando este e outros sítios da tradição Itararé. É provável que tais estruturas lineares estejam relacionadas com o sistema de caminhos conhecido como Peabiru. Trilhado por europeus desde o século XVI, o Peabiru também foi utilizado pelos jesuítas do século seguinte. O pe. Antonio Ruiz (de Montoya) dele faz uma descrição: **“...vimos mis compañeros, y yo, un camino que tiene ocho palmos de ancho, y en este espacio nace una muy menuda yerba ... corre este camino por toda aquella tierra, y me han certificado algunos portugueses, que corre muy seguido desde el Brasil...”** (1639:30).

Informações também antigas sobre caminhos usados pelos índios Jê resultaram das expedições realizadas para a descoberta dos Campos de Guarapuava. Transcorridas entre 1768 e 1774, as expedições geraram relatórios que descrevem, além das habitações, objetos e atividades de caça e coleta e agricultura dos índios, os caminhos que interligavam as suas aldeias e acampamentos. A incursão praticada no final de 1771 nos arredores do rio Jordão, um afluente da margem direita do rio Iguaçu, cita-os repetidamente:

...ao pé do dito mato se achou ua trilha de gente, e daí a pouco um caminho, que teria um palmo de largo, e bem seguido... prosseguindo-se assim o dito caminho... se achou um rancho grande... seguindo o mesmo caminho do gentio... se avistou em um alto um grande rancho... prosseguindo distância de duzentas braças se achou em capão ua roça de milho... e continuando o caminho por êle se encontravam vários alojamentos... em distância de três léguas boas se encontrou também outro alojamento de três ranchos grandes... e um pequeno... seguiram o caminho que parecia mais trilhado para a banda do

sul, por haverem vários, que saíam dos mesmos ranchos...
(SOUSA, 1962: 29-30).

Na iconografia produzida durante as expedições, agora publicadas (Fundação BNP Paribas, 2003), os caminhos mencionados aparecem freqüentemente. As habitações, conforme as ilustrações, configuram-se retangulares, cobertas com folhas e edificadas na superfície do terreno. Não há, nessa documentação setecentista, referências a casas subterrâneas.

A comunicação entre aldeias por meio de caminhos terrestres continuou a ser praticada por índios da família lingüística Jê. José Loureiro Fernandes assinalou, no alto e médio rio Piquiri, um extenso caminho que, no século XIX, ligava vários toldos dos índios Coroados como, durante muito tempo, foram denominados os Kaingáng (1961:mapa).

As prospecções realizadas no entorno da área do Aterro Sanitário objetivaram a constatação de outras manifestações culturais que possibilitassem considerações sobre territorialidade. O que se observou, corresponde às que foram identificadas naquela área. Revelaram, no entanto, alguns indícios que talvez se liguem aos pré-ceramistas Umbu (PR CT L-16 a L-20).

Assentamentos da tradição Umbu são conhecidos ao norte, nos municípios de Araucária, Campo Largo e Curitiba e, a nordeste, nos municípios de São José dos Pinhais, Piraquara, Quatro Barras e Campina Grande do Sul. Nesses espaços, sítios da tradição Itararé também foram encontrados.

Somente nos municípios do norte, porém, ocorreram sítios da tradição Tupiguarani. Um destes forneceu a data de 1380 ± 70 d.C. De um sítio Itararé do mesmo espaço, resultaram duas datas: 1097 ± 70 d.C. e 1450 ± 50 d.C. (CHMYZ, 1995:34).

Datações para sítios da tradição Umbu não são disponíveis na área em pauta. Em outras partes do Paraná, essa tradição alcança alguns milênios antes de Cristo, mas pode ter sido mais tardia no planalto de Curitiba dando lugar, no início da Era Cristã, aos povos ceramistas. Tudo indica que, entre estes, o Itararé é o mais antigo; as datações a situam, até agora, entre 900 e 1500d.C. A tradição ceramista Tupiguarani parece ser mais recente, tendo surgido no planalto nas vésperas da invasão européia.

Como esses grupos ceramistas partilhavam o espaço a partir do momento em que as datações indicam a sua contemporaneidade, é uma incógnita. Se o território temporariamente abandonado por um era preenchido por outro, ou se o espaço era explorado de forma

compartimentada por ambos, somente a continuidade das pesquisas poderá esclarecer.

Essa situação foi constatada em outras regiões. Nas áreas assinaladas por sítios Itararé, como o PR UB 4, PR MN 4 e PR SE 7, entre outros, também estavam presentes sítios da tradição Tupiguarani. A falta de datações para a maioria deles impede a compreensão das possíveis alternâncias ou sincronias dos sítios.

Contatos interétnicos foram percebidos nas fases Imbituva e Guajuvira, da tradição Tupiguarani, com a fase Açungui, da tradição Itararé. Nessas fases, definidas no vale do rio Iguaçu, cerca de 100km a oeste do Aterro Sanitário, decorações cerâmicas próprias da primeira tradição ocorreram em recipientes típicos da segunda (CHMYZ, 1977:9). A implantação dos sítios dessas tradições indicava, ainda, territorialidade: os da Tupiguarani distribuíam-se desde a margem do rio principal até 15km de distância e, os da Itararé, deste ponto para o interior.

Os assentamentos neobrasileiros, que eram caracterizados pela presença significativa de cerâmica doméstica confeccionada por grupos familiares, com técnicas indígenas e talvez africanas, foram localizados nas partes norte, sul e oeste da área da pesquisa.

Disponham-se espaçadamente e nas proximidades de pequenos cursos fluviais. Situavam-se no topo ou na encosta suave de elevações, entre 897 e 920m s.n.m. Os que foram encontrados no entorno da área apresentavam o mesmo padrão, mas disponham-se em pontos mais elevados, entre 934 e 949m.

A seleção dos pontos para implantação é parecida com a dos modernos agricultores do local e dos próprios índios da tradição Itararé, tendo em vista a coincidência espacial de alguns assentamentos.

Os que foram registrados como sítios, apresentavam áreas variando de 141,30 a 3.669,87m². O que possuía menor área, encontrava-se em terreno intacto, ao passo que o embasamento de outros havia sofrido com sucessivas arações. Em um destes, com 471m² de área, notou-se um espaço com material concentrado, medindo 105,97m². Em outro, nas mesmas condições, com 1.073,88m², a concentração ocupava apenas 94,20m². Essas concentrações, embora também dispersadas pela práticas agrícolas recentes, estariam indicando a posição das habitações e sugerindo as suas pequenas dimensões.

Seria algo como as diminutas casas registradas na região, na primeira metade do século XX. (TIBURTIUS, 1963:56). Construídas com troncos, tábuas e ripas, as habitações eram cobertas com telhas goivas; não possuíam janelas de vidro e o chão era de terra batida.

Nos sítios perturbados o material arqueológico ocorria desde a

superfície até 20cm de profundidade, correspondendo à camada revolvida pelo arado; no intacto (PR CT 91), o material foi encontrado, como camada, entre 12 e 15cm de profundidade.

No sítio intacto, ainda, constatou-se a prática de deposição de lixo em covas, uma delas aproveitando a estrutura subterrânea indígena. Esses depósitos têm sido encontrados em outros sítios desta tradição no planalto curitibano e no litoral.

Em vários lugares conservaram-se trechos de valas, alguns deles situados nas proximidades dos sítios. Testemunham, essas estruturas, uma forma de divisão territorial vigente desde a primeira metade do século XIX.

Outra estrutura linear constatada, dispersamente ou lado dos assentamentos, refere-se às estradas, mais largas que os caminhos indígenas, porém também não revestidas. Confundem-se, em alguns trechos, com as atuais vias de comunicação. É possível que das antigas picadas ou caminhos indígenas Itararé tenham se servido os novos ocupantes do espaço, adaptando-os posteriormente conforme as suas necessidades.

A cerâmica encontrada nos sítios deve ter sido produzida localmente, haja vista a ocorrência de porções de argila com areia fina em um dos depósitos do sítio PR CT 91. Neste sítio e, também no PR CT 89, foram registrados pedaços de cordéis de pasta queimada correspondentes a resíduos da confecção de vasilhas.

O quartzo foi usado predominantemente como tempero da argila, sendo os seus grãos selecionados para a elaboração de peças. Composições diferentes de pasta, observadas em algumas coleções e, que poderiam indicar tendências de ordem temporal, não puderam ser exploradas devido ao pequeno volume amostral.

Grande parte das vasilhas recebeu acabamento simples. As decorações que costumam incidir na face externa dos recipientes, ou nas suas porções superiores ou inferiores são, na maioria, derivadas da tradição indígena tupiguarani. Algumas formas de vasilhas, como as de bojo carenado, igualmente, apontam para aquela tradição.

Apêndices, como asas, alças, cabos, além de bases planas, em pedestal e anelar, entretanto, indicam a influência ibérica na produção cerâmica.

A miscigenação entre portugueses e índios da família lingüística Tupi-Guarani, dando origem ao caboclo ou neobrasileiro, deve ter acontecido logo no início do seu contato no planalto curitibano.

O espaço situado ao norte da área da pesquisa, que revelou sítios relacionados à tradição arqueológica Tupiguarani forneceu, também, um sítio que evidenciou o início do processo de aculturação entre ibéricos e índios Tupi-Guarani. Nele foram encontrados, ainda,

vários sítios neobrasileiros que demonstravam a gradativa substituição da manufatura tradicional neobrasileira pela industrializada (CHMYZ et alii, 1986:39).

Os índios que receberam os portugueses no planalto curitibano, portanto, foram os Tupi-Guarani, que podem ter se chamado Tingui, conforme Romário Martins (S/d, p. 32), mas que não habitavam em covas abertas no chão, como afirmou aquele autor. Este traço é característico dos índios da família lingüística Jê.

Entre os artefatos cerâmicos não produzidos pelos neobrasileiros da área do Aterro Sanitário, figuram as telhas goivas, importantes balizadores temporais da ocupação. A sua fabricação, assim como a dos tijolos, ocorreria em olarias e, a sua introdução naquele espaço, deu-se por meio de comércio.

Verificou-se que em alguns sítios a presença de fragmentos de telhas era numerosa e, mais rara, ou inexistente em outros. Presumindo-se que os assentamentos mais antigos eram representados por habitações cobertas de palha, os sítios PR CT 91 e 95, localizados ao norte e oeste, preenchem este requisito. Mais recentes que estes, seriam os sítios PR CT 89 e 92, situados no oeste e, mais recentes ainda, os sítios PR CT 85, 86, 87 e 88, todos encontrados no lado sul.

Tijolos maciços, que podem estar ligados à fundação de casa ou à construção de fogão, foram encontrados nos sítios PR CT 85, 86 e 87, os considerados mais recentes e, no PR CT 89, intermediário na seqüência.

Tijolos perfurados, de fabricação moderna, ocorreram em dois sítios do grupo dos recentes e em um do intermediário. Telhas francesas e manilha foram assinaladas somente nos sítios recentes.

As louças registradas na área procedem, também, de centros produtores especializados. As mais simples, elaboradas em torno e, às vezes, vidradas, ocorreram apenas no sítio PR CT 86, do grupo recente. Entre as louças mais elaboradas, a grés estava presente em sítios recentes e intermediários, a faiança e a porcelana nos recentes, a faiança-fina nos recentes, intermediários e um dos antigos e, a meia-faiança, nos recentes e um dos antigos.

Grande parte das louças é de procedência estrangeira, como Inglaterra e Holanda. Alguns cunhos, porém, apontam para a produção nacional. No sítio PR CT 86, uma faiança-fina tem cunho de indústria paulista. A indústria paranaense também está representada através de louça meia-faiança, no sítio PR CT 88 e uma faiança-fina, no PR CT 89.

Conforme Eldino da F. Brancante (1981:515), desde 1897 “... **louça vidrada e meia-faiança e um gênero de faiança de excelente teor artístico...**” era fabricada no planalto curitibano.

Fragmentos de objetos e recipientes de vidro ocorreram em alguns sítios. Foram raros nos sítios PR CT 91 e 92 e, inexistentes no PR CT 95. Inscrições presentes indicam, também, a procedência estrangeira para uma parte deles.

Vidros planos de janelas não foram encontrados em nenhum dos sítios estudados; foram registrados somente junto aos indícios PR CT C-38.

Os objetos metálicos foram numerosos no sítio PR CT 86, raros nos sítios PR CT 85, 89 e 91 e inexistentes nos demais. Ligam-se às atividades construtivas, como casas e móveis, de cozinha, caça, montaria, agricultura e indumentária.

Pederneiras utilizadas para a produção de faísca em armas de fogo, foram detectadas nos sítios PR CT 89 e 91, este pertencente ao grupo dos mais antigos e, aquele, aos intermediários.

Restos ósseos estavam presentes apenas nos sítios PR CT 86, 87 e 91 e, pertenciam a animais domésticos.

Concluindo, pode-se dizer que, desde o século IX, no espaço do Aterro Sanitário em Mandirituba viveram índios da família lingüística Jê. Relacionados à tradição arqueológica Itararé, esses índios nela permaneceram até a chegada dos primeiros europeus, no século XVI.

Grupos de caçadores-coletores Umbu, que teriam ocupado a região anteriormente, não foram detectados no seu espaço, mas seus vestígios ocorreram nas proximidades.

Os novos ocupantes da área foram os neobrasileiros, resultantes da miscigenação entre índios da família lingüística Tupi-Guarani, portugueses e africanos. Seus assentamentos datariam do final do século XVIII até a primeira metade do século XX.

ABSTRACT: The archeological researches which were done in the area designed for the Sanitary Landing of Metropolitan Region of Curitiba, in state of Paraná, showed up archeological sites laid on *Itararé* and *Neobrazilian* traditions. In two *Itararé's* settlement were dug pit houses, one of which revealed thirteen occupation levels occurred in between 1010 d.C. and 1340 d.C. It's estimated that sites of the *Neobrazilian* tradition were settled between the XVIII and XX centuries. Sites with the same characteristics were registered in around this area, more over tradition pre-ceramist Umbu traces.

KEY – WORDS: Brazilian Archeology; *Itararé's* Tradition; *Neobrazilians* Tradition; Indians Archeology; Radiometric Dating.

REFERÊNCIAS

BALHANA, Altiva P. Rémarques sur le peuplement et la population du Paraná. In: WESTPHALEN, Cecília M. (Org.). **Un Mazzolino de Fiore**. Imprensa Oficial. Curitiba, v. 3, p. 15-34. 2003.

BEHLING, Hermann. South and southeast brazilian grasslands during Late Quaternary times: a synthesis. **Palaeo**. Elsevier, v. 177, p. 10-27. 2002.

BLASI, Oldemar (Coord.). **Projeto de operações arqueológicas de resgate nas áreas da barragem e reservatório do rio Iraí**. Região Metropolitana de Curitiba. Relatório Final. Curitiba, 51 p. 2000.

BORBA, Telemaco. **Actualidade indígena**. Imprensa Paranaense. Curitiba, 174 p. 1908.

BRANCANTE, Eldino da F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Cia. Lithographica Ypiranga, 730 p. 1981.

CHMYZ, Igor. Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Paranapanema. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v. 6, p. 59-78. 1967.

_____. Subsídios para o estudo arqueológico do vale do rio Iguaçu. **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, v. 1, p. 31-52. 1968.

_____. Contatos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no Estado do Paraná, Brasil. **Hombre y Cultura**. Panamá, v. 3, n. 2, p. 5-19. 1977.

_____. Arqueologia de Curitiba. In: Curitiba. Origens. Fundação. Nome. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba, v. 21, n. 105, p. 5-54. 1995.

_____. Pesquisas de arqueologia histórica em Curitiba. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**. Curitiba, v. 17, p. 67-88. 2003.

CHMYZ, Igor (Coord.). **Relatório do Projeto Arqueológico Contorno Norte de Curitiba**. Trecho PR 090 - PR 092. Etapa Complementar. DER/PR-CEPA/UFPR-FUNPAR. Curitiba, 33p. 2001.

_____ SAUNER, Zulmara C. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. **Dédalo**. São Paulo, v. 13, p. 7-36. 1971.

_____ CHMYZ, João C.G.; SGANZERLA, Eliane M. O Projeto Arqueológico Passaúna. Nota Prévia. **Arqueologia**. Curitiba, v. 5, p. 35-41. 1986.

_____ SGANZERLA, Eliane M; VOLCOV, Jonas E. **Arqueologia da Área Prioritária do Projeto Hidroelétrico Tijuco Alto**. Rio Ribeira, São Paulo - Paraná. Companhia Brasileira de Alumínio. Curitiba, 187p. 1999.

FERNANDES, José L. Le peuplement du nordouest du Paraná et les indiens de la Serra de Dourados. **Boletim Paranaense de Geografia**. Curitiba, v. 2/3, p. 79-91. 1961.

FUNDAÇÃO BNP PARIBAS. **Do contato ao confronto: a conquista de Guarapuava no século 18**. São Paulo PNB Paribas Brasil. 2003.

KLEIN, Roberto M.; HATSCHBACH, Gert. Fitofisionomia e notas sobre a vegetação para acompanhar a planta fitogeográfica do Município de Curitiba e arredores. Paraná. **Boletim da Universidade do Paraná. Geografia Física**. Curitiba, n. 4, p. 1-30. 1962.

LA SALVIA, Fernando. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: WEIMER, G. (Ed.). **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 7-26. 1987.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Banco do Desenvolvimento do Paraná. Curitiba, 350p. 1968.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Guaíra Ltda. 3ª. Edição. 378p. S/d.

_____ Curitiba. Histórico de sua fundação. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. São Paulo, v. 13, p. 397-413. 1911.

_____ **Museu Paranaense. Catálogos e Estudos**. Curitiba: Livraria Mundial. 42p. 1925.

MELIÁ, Bartomeu. Informação etnográfica e histórica sobre os Kaingang de Rio Grande do Sul. **Publicações Avulsas do Museu Municipal**. Paulínia, n. 26, p. 11-24. 1983.

MOREIRA, Júlio E. **Eleodoro Ébano Pereira e a fundação de Curitiba à luz de novos documentos**. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná. 148p. 1972.

PAULA, José M. de. Memória sobre os Botocudos de Paraná e Santa Catarina organizada pelo Serviço de Proteção dos Selvícolas. **Anais do 20º Congresso Internacional de Americanistas**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 117-137. 1924.

RIVET, P.; Loukotka, C. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, M. **Les Langues du Monde**. Société de Linguistique. Paris, p. 1099-1160. 1952.

ROBRAHN, Erika M. **A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira do Iguape. SP: os grupos ceramistas do médio curso**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 175p. 1989.

RUIZ (DE MONTOYA), Antonio. **Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus, en las Provincias del Paraguay, Parana, Uruguay y Tape**. Madrid: Imprenta del Reyno. 103 p. 1639.

SANTOS, Silvio C. dos. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Florianópolis: Edeme. 313p. 1973.

SCHMITZ, Pedro I.; ROGGE, Jairo H.; ROSA, André O.; BEBER, Marcus V.; MAUHS, Julian; ARNT, Fúlvio. O Projeto Vacaria: casas subterrâneas no planalto rio-grandense. **Pesquisas. Antropologia**. São Leopoldo, v. 58, p. 11-105. 2002.

SGANZERLA, Eliane M.; CHMYZ, Igor; VOLCOV, Jonas E.; MIGUEL, Rucirene; CAVALHEIRO, ANTONIO C.M. A arqueologia do Contorno Leste de Curitiba. **Arqueologia**. Curitiba, v. 7, p. 1-79. 1996.

SOUSA, Afonso B. de S. e. Notícia da conquista, e descobrimento dos sertões do Tibagi, na Capitania de São Paulo, no Governo do general dom Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, conforme as ordens de sua Majestade. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, v. 76, p. 1-290. 1962.

TIBURTIUS, Guilherme. Ältere Hauskeramik aus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien. **Anthropos**. St. Augustin, v. 63, p. 49-74. 1968.

ANEXO 1. FOTOS DO AMBIENTE, PROCEDIMENTOS DE CAMPO E ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS.

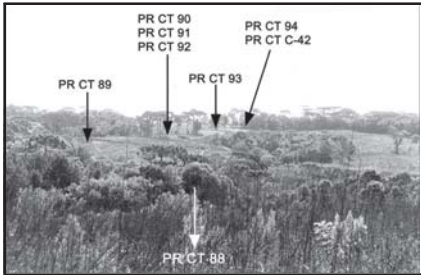
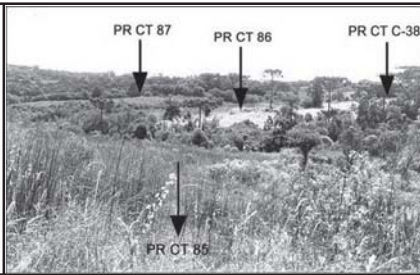




 <p>PR CT 90 PR CT 91 PR CT 92</p> <p>PR CT 89</p> <p>PR CT 93</p> <p>PR CT 94 PR CT C-42</p> <p>PR CT 88</p>	 <p>PR CT 87</p> <p>PR CT 86</p> <p>PR CT C-38</p> <p>PR CT 85</p>
<p>Foto 1. Localização de sítios (PR CT 90, PR CT 93, PR CT 94) da tradição Itararé e, de sítios (PR CT 88, PR CT 92) e indícios (PR CT C-42) da tradição Neobrasileira, no lado oeste da área do Aterro Sanitário.</p>	<p>Foto 2. Localização de sítios (PR CT 85, PR CT 86, PR CT 87) e indícios (PR CT C-38) da tradição Neobrasileira, no canto sudeste da área do Aterro Sanitário.</p>
	
<p>Foto 3. Intervenções preliminares para delimitação do sítio PR CT 87, da tradição Neobrasileira.</p>	<p>Foto 4. Fase inicial da escavação na estrutura subterrânea do sítio PR CT 90, da tradição Itararé.</p>
	
<p>Foto 5. Escavações praticadas no entorno da estrutura subterrânea do sítio PR CT 90, abrangendo a ocupação Neobrasileira superficial (PR CT 91).</p>	<p>Foto 6. Evidências arqueológicas neobrasileiras (PR CT 91) depositadas na base da estrutura subterrânea Itararé (PR CT 90).</p>



Foto 7. Cova para depósito de lixo da tradição Neobrasileira (PR CT 91). A parte plana exposta na Quadra corresponde ao piso da tradição Itararé (PR CT 90).



Foto 8. Limpeza da habitação subterrânea Itararé (PR CT 93). No canto superior direito, os pinheiros assinalam as áreas dos sítios PR CT 90 e PR CT 91.



Foto 9. Levantamento topográfico praticado no início das escavações (PR CT 93). O procedimento foi repetido durante a exposição das camadas de ocupações.



Foto 10. Escavação da metade oeste e da rampa de acesso (PR CT 93). Muretas foram mantidas para o controle estratigráfico.



Foto 11. Escavação e topografia praticados na camada de ocupação 4 (PR CT 93). O buraco, em primeiro plano, assinala perturbação de raiz.



Foto 12. Exposição da camada de ocupação 1, na habitação subterrânea do sítio PR CT 93.

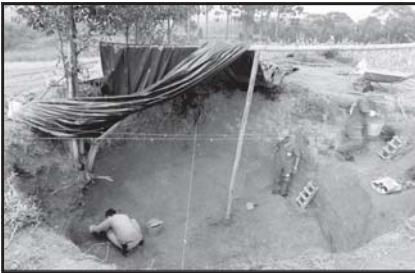


Foto 13. Escavação final da camada de ocupação 1 (PR CT 93). A rampa de acesso do lado oeste, por onde se movimentam os operários, não foi rebaixada completamente.



Foto 14. Recipiente cerâmico completo evidenciado na camada de ocupação 6, da habitação subterrânea (PR CT 93).



Foto 15. Recipiente cerâmico esmagado, como foi encontrado na camada de ocupação 2 (PR CT 93).



Foto 16. Escavação praticada na concentração A, do sítio PR CT 94, da tradição Itararé.



Foto 17. Quadra e trincheiras abertas na área do sítio PR CT 86, da tradição Neobrasileira.



Foto 18. Escavações efetuadas na área do sítio PR CT 89, da tradição neobrasileira. No último plano, a seta indica o sítio PR CT 88 da mesma tradição.

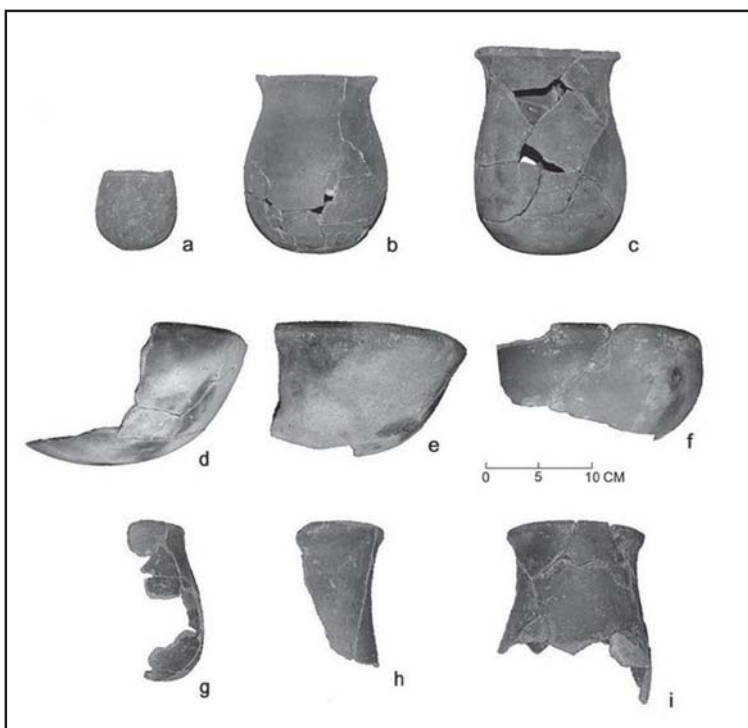


Foto 19. Recipientes cerâmicos do sítio PR CT 93, da tradição Itararé. a-c, completo e restaurados; d-f, tigelas; g-i, jarros parcialmente restaurados.

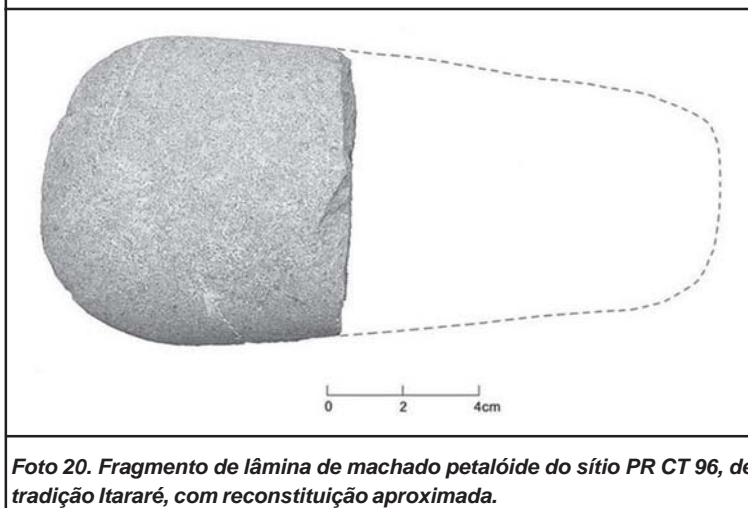


Foto 20. Fragmento de lâmina de machado petalóide do sítio PR CT 96, de tradição Itararé, com reconstituição aproximada.

<p>Foto 21. Fragmentos de recipientes cerâmicos da tradição Neobrasileira. a, corrugado-complicado; b, corrugado-espantulado; c, corrugado-simples; d, vermelho; e, digitado; f, lábio-entalhado; g, simples grosso.</p>	<p>Foto 22. Material cerâmico e lítico da tradição Neobrasileira. a, esferas; b, "diabolô"; c, cachimbos; d, alça; e, fragmentos de recipientes simples, com aplicação de asas; f, pederneira.</p>
<p>Foto 23. Modelagens cerâmicas da tradição Neobrasileira. a, suporte de panela; b, base de fruteira; c, cabo de recipiente com representação zoomorfa.</p>	<p>Foto 24. Fragmentos de louças: a, faiança; b, meia-faiança; c-i, faiança-fina; c, com motivo floral em alto-relevo; d, monocromado com friso; e, com aba "trigado azul"; f, com motivo geométrico em alto-relevo; g, florais; h, padrão Willow azul; i, comemorativa.</p>



Foto 25. Fragmentos de louças: a-b, faiança-fina; c, porcelana. a, policromado com padrões florais; b, florais com frisos; c, monocromado.

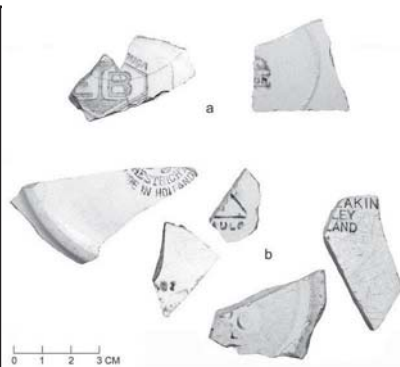


Foto 26. Fragmentos de louças com cunhos nacionais e estrangeiros. a, meia-faiança; b, faiança-fina.

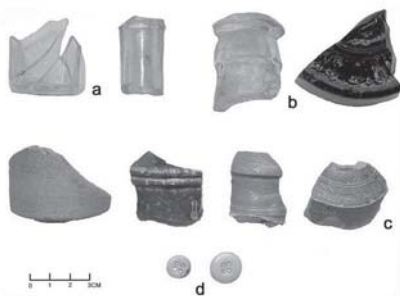


Foto 27. Fragmentos de vidro (a-b) e louça grés (c) e, objetos de porcelana (d). a, frascos; b, garrafas; c, tinteiros; d, botões.

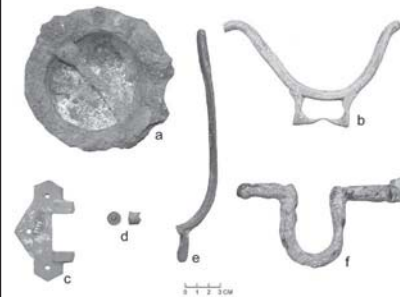


Foto 28. Fragmentos de artefatos metálicos: a, anel de fogão a lenha (ferro); b, estribo (bronze); c, dobradiça de baú (bronze); d, cápsulas de arma de fogo (metal amarelo); e, espora (bronze); f, não identificado (ferro).

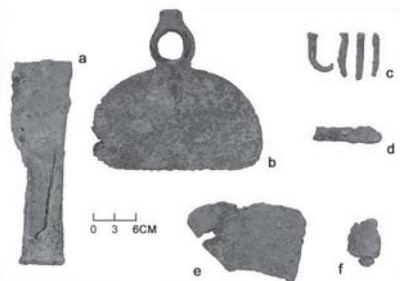


Foto 29. Fragmentos de artefatos metálicos: a, foice (ferro); b, enxada (ferro); c, pregos de ferreiro (ferro); d, canivete (ferro); e, panela (ferro); f, colher (ferro).



Foto 30. Várzea da margem esquerda do rio Iguazu avistada da elevação que encerra os indícios PR CT L-20 e PR CT C-44.

ANEXO 2. ARROLAMENTO DO MATERIAL INDUSTRIALIZADO PROCEDENTE DOS SÍTIOS E INDÍCIOS DA TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA.

Sítio PR CT 85 Sup. Nº C 3996

- 1 fragmento de **tinteiro** de **grés** vidrado marrom;
- 2 fragmentos de **xícaras** de **meia-faiança** branca;
- 2 fragmentos de **pires** de **meia-faiança** branca;
- 3 fragmentos de **pratos** de **meia-faiança** branca;
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** monocromada, com motivo floral e friso em azul;
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** policromada, com friso verde e motivo floral em azul, verde e vermelho;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** branca, com cunho ilegível na base;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** policromada floral em preto, verde e marrom;
- 18 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 2 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** monocromada, com aba em alto-relevo trigado azul;
- 1 fragmento de **xícara** de **porcelana** branca;
- 3 fragmentos de **pratos** de **porcelana** branca;
- 2 fragmentos de **garrafas** de **vidro** verde-escuro;
- 1 fragmento de **metal**: arreo (ferro).

Sítio PR CT 86 Sup. NºC 3997

- 5 fragmentos de **xícaras** de **meia-faiança** branca, 1 com porção de alça;
- 1 fragmento de **pires** de **meia-faiança** branca, com cunho "...OR";
- 1 fragmento de **açucareiro** de **meia-faiança** branca, com baixo-relevo linear;
- 2 fragmentos de **canecas** de **faiança-fina** branca, 1 com baixo-relevo linear;
- 3 fragmentos de **canecas** de **faiança-fina** monocromada, sendo 2 com motivo floral em verde e 1 com paisagem azul-claro;
- 4 fragmentos de **xícaras** de **faiança-fina** branca, 1 com porção de alça;
- 4 fragmentos de **xícaras** de **faiança-fina** policromada, sendo 2 com

- motivo geométrico em azul e friso vermelho-escuro; 1 floral verde e rosa e 1 com friso preto e faixa vermelha;
- 1 fragmento de **alça de xícara** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **alça de xícara** de **faiança-fina** monocromada, com friso vermelho;
- 3 fragmentos de **pires** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** monocromada floral azul-borrão;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** policromada floral verde e preto;
- 2 fragmentos de **açucareiros** de **faiança-fina** branca, 1 com baixo-relevo linear;
- 26 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca, sendo 1 com alto-relevo floral e 5 com aba em alto-relevo floral;
- 2 fragmentos de **tigelas** de **faiança-fina** monocromada, sendo 1 com porção de paisagem marrom e 1 floral azul;
- 1 fragmento de **travessa** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **açucareiro** de **porcelana** branca, com nº “144” na base em pedestal.
- 2 fragmentos de **pratos** de **porcelana** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **porcelana** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **porcelana** monocromada com friso dourado;
- 1 **botão** de **porcelana** branca;
- 9 fragmentos de **garrafas** de **vidro** (8 verde-escuro e 1 azul-claro);
- 3 fragmentos de **frascos** de **vidro** (2 incolor e 1 azul-escuro);
- 1 fragmento de **vaso** de **vidro** incolor;
- 3 fragmento de **metal**, sendo 2 de panelas (ferro) e 1 de prego cilíndrico de palanque (ferro).

Sítio PR CT 86 Rasp. 1 N°C 3998

- 1 fragmento de **garrafa** de **grés** vidrado marrom;
- 3 fragmentos de **pratos** de **meia-faiança** branca;
- 3 fragmentos de **canecas** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **caneca** de **faiança-fina** monocromada, com friso vermelho e porção de alça;
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** branca;
- 3 fragmentos de **xícaras** de **faiança-fina** policromada floral, sendo 1 verde, preto e vermelho, 1 verde-claro e verde-escuro e 1 vermelho e azul;

- 9 fragmentos de **pires** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** monocromada floral vermelho;
- 3 fragmentos de **açucareiros** de **faiança-fina** branca, 1 com baixo-relevo linear;
- 1 fragmento de **açucareiro** de **faiança-fina** monocromada, com motivo geométrico em alto-relevo e preto;
- 21 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca, sendo 2 com alto-relevo floral, 1 com cunho na base: "...HESTRICHT... MADE IN HOLLAND...";
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** monocromada, com aba em alto-relevo trigado azul;
- 2 fragmentos de **tigelas** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **alça de xícara** de **porcelana** branca;
- 2 fragmentos de **vidros planos** incolores;
- 6 fragmentos de **garrafas** de **vidro** verde-escuro;
- 1 (5) fragmento de **frasco** de **vidro** incolor;
- 3 fragmentos de **frascos** de **vidro** incolores;
- 5 fragmentos de **metal**, sendo 3 de pregos cilíndricos, 1 de arame (cobre) e 1 de cápsula de arma de fogo, com inscrição: "REM - UMC 32 S&WL";
- 1 objeto de **metal**: anel de fogão a lenha (ferro).

Sítio PR CT 86 Rasp. 2 N°C 3999

- 7 fragmentos de **recipientes cerâmicos vidrados**, sendo 2 verde, 1 amarelo, 3 marrom e marrom claro;
- 2 fragmentos de **recipientes cerâmicos** torneados;
- 2 fragmentos de **tinteiros** de **grés**, sendo 1 vidrado marrom e 1 marrom-claro;
- 2 fragmentos de **xícaras** de **faiança** branca;
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança** monocromada floral em marrom;
- 1 fragmento de **caneca** de **meia-faiança** policromada, com motivo geométrico em azul, friso preto e linear marrom;
- 11 fragmentos de **pratos** de **meia-faiança** branca;
- 1 fragmento de **vaso** de **meia-faiança** branca;
- 21 fragmentos de **canecas** de **faiança-fina** branca;
- 1 (2) fragmento de **caneca** de **faiança-fina** branca, com baixo-relevo linear;
- 2 fragmentos de **canecas** de **faiança-fina** monocromada floral, sendo 1 verde-claro e 1 com friso azul-claro;

- 5 fragmentos de **canecas** de **faiança-fina** policromada, sendo 1 floral vermelho e verde, 1 floral vermelho e friso verde e azul, 1 verde e marrom-claro, 1 com alto-relevo linear marrom e azul-claro, 1 com friso vermelho, lilás, preto e amarelo;
- 2 fragmentos de **alças de caneca** de **faiança-fina** branca;
- 9 fragmentos de **xícaras** de **faiança-fina** branca, sendo 1 com inscrição na lateral “D” “16 - 77 22...”;
- 4 fragmentos de **xícaras** de **faiança-fina** monocromada, sendo 1 floral preto, 1 floral verde, 1 com paisagem chinesa azul, 1 com porção floral amarelo;
- 3 fragmentos de **xícaras** de **faiança-fina** policromada, sendo 1 floral verde e preto, 1 com friso azul e floral amarelo, 1 floral cinza e verde;
- 1 fragmento de **alça de xícara** de **faiança-fina** monocromada, com friso vermelho;
- 1 fragmento de **açucareiro** de **faiança-fina** branca com porção de alça;
- 2 fragmentos de **leiteiras** de **faiança-fina** branca, sendo 1 com porção de alça e 1 com baixo-relevo linear;
- 28 fragmentos de **pires** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** policromada, com friso vermelho e verde;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** branca, com porção de cunho ilegível na base;
- 1 (2) fragmento de **pires** de **faiança-fina** monocromada, com aba em alto-relevo rosa;
- 4 fragmentos de **pires** de **faiança-fina** monocromada, sendo 2 floral azul; 1 azul-borrão e 1 com linear vermelho;
- 2 fragmentos de **pires** de **faiança-fina** policromada, sendo 1 com friso preto, linear amarelo e verde e 1 rajado verde-claro e vermelho;
- 75 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca, 1 com porção de cunho “...AULO”, 4 com aba em alto-relevo floral;
- 3 (6) fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 3 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** monocromada, sendo 1 com aba em alto-relevo trigado azul, 1 com cena de paisagem azul e 1 floral azul;
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** policromada floral vermelho e friso verde;
- 2 fragmentos de **tigelas** de **faiança-fina** branca;
- 2 fragmentos de **tigelas** de **faiança-fina** monocromada, sendo 1 floral azul-claro e 1 floral verde;

- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** policromada, sendo 1 floral verde-claro e vermelho;
- 1 fragmento de **travessa** de **faiança-fina** monocromada floral azul;
- 1 fragmento de **caneca** de **porcelana** branca;
- 2 fragmentos de **xícaras** de **porcelana** branca;
- 2 fragmentos de **botões** de **porcelana** branca;
- 7 fragmentos de **garrafas** de **vidro** (2 verde, 1 verde-claro, 1 verde-escuro com símbolo ladeado pela inscrição "...NIO DA", 1 azul-claro, 1 marrom-claro, 1 marrom-escuro);
- 6 fragmentos de **frascos** de **vidro**, sendo 2 azul-claro e 4 incolor (porção de gargalo);
- 1 **conta de colar** de **vidro** verde;
- 1 fragmento de miniatura de **biscuit de vidro** (pombinho) branco e lilás;
- 18 fragmentos de **metal**, sendo 9 pregos de ferreiro, 1 prego cilíndrico (ferro), 1 estribo (bronze), 1 dobradiça de baú (bronze), 1 cápsula de arma de fogo com inscrição "32" "UMC" "SCF" "REM", 1 cabo de canivete (ferro), 2 de panela (ferro), 1 enxada (ferro) e 1 não identificado.

Sítio PR CT 86 Trinch. 1 = 0-20cm N°C 4000

- 5 (6) fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** branca;
- 2 fragmentos de **garrafas** de **vidro** (1 verde-claro e 1 azul-claro);
- 1 fragmento de **copo** de **vidro** incolor.

Sítio PR CT 86 Trinch. 2 = 0-20cm N°C 4001

- 2 fragmentos de **pratos** de **meia-faiança** branca;
- 1 fragmento de **caneca** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** monocromada com paisagem azul;
- 1 (3) fragmento de **pires** de **faiança-fina** branca;
- 4 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** monocromada floral azul;
- 1 fragmento de **açucareiro** de **faiança-fina** branca;
- 3 fragmentos de **garrafas** de **vidro** (1 verde-escuro, 1 marrom-

escuro e 1 incolor);

1 fragmento de **tigela de sobremesa** de **vidro** incolor, com alto-relevo floral.

Sítio PR CT 86 Trinch. 3 = 0-20cm N°C 4002

1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** branca;

2 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;

1 (2) fragmento de **xícara** de **porcelana** branca.

Sítio PR CT 86 Quadra 1 = 0-10cm N°C 4003

1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** monocromada, com paisagem em vermelho;

2 fragmentos de **pires** de **faiança-fina** branca;

4 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;

1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** branca;

1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** monocromada floral cinza;

1 fragmento de **travessa** de **faiança-fina** policromada floral vermelho, verde e verde-escuro;

1 fragmento de **leiteira** de **faiança-fina** monocromada, com friso marrom e porção de cunho na base: "...C...";

1 fragmento de **açucareiro** de **porcelana** branca;

1 fragmento de **garrafa** de **vidro** verde;

1 fragmento de **frasco** de **vidro** azul-claro;

5 fragmentos de **metal**, sendo 4 de prego cilíndrico (ferro) e 1 de chumbinho de arma de fogo.

Sítio PR CT 86 Quadra 1 = 10-20cm N°C 4004

1 fragmento de **tigela** de **meia-faiança** branca.

2 fragmentos de **canecas** de **faiança-fina** branca;

1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** branca;

8 fragmentos de **pires** de **faiança-fina** branca;

10 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;

4 fragmentos de **garrafas** de **vidro**, sendo 2 verde; 1 verde-escuro e 1 marrom;

6 fragmentos de **frascos** de **vidro**, sendo 3 azul-claro (1 com inscrição na lateral: "...CKS..."), 1 azul e 2 incolor;

4 fragmentos de **metal**: pregos cilíndricos (ferro).

Sítio PR CT 87 Sup. N°C 4005

- 2 (3) fragmentos de **garrafas** de **grés** vidrado marrom;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** branca;
- 3 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **açucareiro** de **faiança-fina** branca;
- 3 fragmentos de **tigelas** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** monocromada com friso verde;
- 1 fragmento de **travessa** de **faiança-fina** branca, com porção de cunho ilegível em baixo-relevo;
- 4 fragmentos de **garrafas** de **vidro** verde-escuro, 1 com inscrição: "...GLAS..."

Sítio PR CT 88 Sup. N°C 4006

- 1 fragmento de **garrafa** de **grés** vidrado marrom;
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança** policromada, com frisos em azul e vermelho;
- 1 (2) fragmento de **tigela** de **meia-faiança** branca, com porção de cunho na base: "...E 'símbolo de pinheiro' B" ladeado "...OUÇA";
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** policromada, floral verde, azul, vermelho e verde;
- 3 fragmentos de **pires** de **faiança-fina** branca;
- 1 (2) fragmento de **pires** de **faiança-fina** monocromada floral azul-claro;
- 14 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca, sendo 2 com aba em alto-relevo floral;
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** monocromada, com friso verde na aba;
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** policromada floral azul, marrom e friso marrom;
- 2 fragmentos de **tigelas** de **faiança-fina** branca, sendo 1 com aba em alto-relevo floral;
- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** monocromada com motivo geométrico azul;
- 2 fragmentos de **tigelas** de **faiança-fina** policromada, sendo 1

- floral azul, amarelo, verde e marrom, 1 floral verde-claro, marrom e friso vermelho;
- 3 fragmentos de **garrafas** de **vidro**, sendo 1 verde-claro com porção molde e 1 verde-escuro;
- 1 fragmento de **tigela** de **vidro** incolor com baixo-relevo floral.

Sítio PR CT 89 Sup. N°C 4007

- 1 fragmento de **garrafa** de **grés** vidrado marrom-claro;
- 2 fragmentos de **xícaras** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** monocromada rajado azul;
- 1 fragmento de **açucareiro** de **faiança-fina** branca;
- 3 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca, 1 com cunho na base: "...OTBL...";
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** monocromada padrão Willow azul;
- 3 fragmentos de **tigelas** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** monocromada floral azul;
- 3 fragmentos de **garrafa** de **vidro** verde-escuro;
- 2 fragmentos de **metal**: panelas (ferro).

Sítio PR CT 89 Rasp. N°C 4008

- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** monocromada floral azul;
- 17 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **açucareiro** de **faiança-fina** policromada floral azul e friso verde;
- 1 fragmento de **garrafa** de **vidro** verde-claro.

Sítio PR CT 89 Trinch. 1 = 0-10cm N°C 4009

- 2 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **frasco** de **vidro** verde.

Sítio PR CT 89 Trinch. 1 = 10-20cm N°C 4010

- 1 fragmento de **tinteiro** de **grés** vidrado marrom-claro;

- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **frasco** de **vidro** verde-claro.

Sítio PR CT 89 Trinch. 2 = 0-10cm N°C 4012

- 1 fragmento de **garrafa** de **grés** vidrado marrom;
- 1 fragmento de **garrafa** de **vidro** verde-escuro.

Sítio PR CT 89 Trinch. 2 = 10-20cm N°C 4013

- 2 fragmentos de **garrafas** de **vidro** verde-escuro;
- 1 fragmento de **metal**: panela (ferro).

Sítio PR CT 89 Trinch. 2 = 20-30cm N°C 4014

- 1 (2) fragmento de **prato** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **garrafa** de **vidro** verde-escuro.

Sítio PR CT 89 Trinch. 3 = 0-15cm N°C 4015

- 2 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** monocromada linear verde.

Sítio PR CT 89 Trinch. 3 = 15-25cm N°C 4016

- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **açucareiro** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **garrafa** de **vidro** verde-escuro.

Sítio PR CT 89 Trinch. 4 = 0-15cm N°C 4017

- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **garrafa** de **vidro** verde-escuro;
- 2 fragmentos de **metal**: colheres (ferro).

Sítio PR CT 89 Trinch. 4 = 15-25cm N°C 4018

- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** branca, com porção de alça;
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **garrafa** de **vidro** verde-escuro;
- 2 fragmentos de **frascos** de **vidro** incolor.

Sítio PR CT 91 Quadra 1 = 0-10cm N°C 4029

- 1 (3) fragmento de **prato** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **tigela** de **faiança-fina** branca.

Sítio PR CT 91 Quadra 1 = 10-15cm N°C 4030

- 1 fragmento de **metal**: fivela de cinto (bronze).

Sítio PR CT 91 Quadra 1 = 25-70cm N°C 4032

- 1 fragmento de **xícara** de **faiança-fina** monocromada floral azul;
- 4 fragmentos de **pratos** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **metal**: foice (ferro).

Sítio PR CT 91 Trinch. 5 = 10-15cm N°C 4037

- 1 fragmento de **prato** de **meia-faiança** branca.

Sítio PR CT 91 Trinch. 5 = 15-20cm N°C 4038

- 1 (2) fragmento de **caneca** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** branca.

Sítio PR CT 91 Trinch. 3 = 0-20cm N°C 4039

- 5 fragmentos de **xícaras** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **metal**: prego cilíndrico de palanque (ferro).

Sítio PR CT 91 Trinch. 1 = 0-30cm N°C 4040

1 (2) fragmento de **prato** de **faiança-fina** branca.

Sítio PR CT 91 Estr. subter. - base N°C 4041

- 1 fragmento de **alça de xícara** de **faiança-fina** monocromada floral azul;
- 1 fragmento de **pires** de **faiança-fina** monocromada rajado cinza;
- 1 fragmento de **garrafa** de **vidro** verde;
- 1 fragmento de **metal**: espora (bronze).

Sítio PR CT 92 Sup. N°C 4042

- 2 fragmentos de **garrafas** de **grés** vidrado marrom;
- 1 fragmento de **prato** de **faiança-fina** branca;
- 1 fragmento de **travessa** de **faiança-fina** branca;
- 2 fragmentos de **garrafas** de **vidro** verde-escuro.

Indícios PR CT C-38 Sup. N°C 4089

2 fragmentos de **vidros planos** incolores.

ANEXO 3. AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS CONSTATADAS NAS ADJACÊNCIAS DO ATERRO SANITÁRIO.

Informações prestadas por moradores locais possibilitaram a identificação de sítio arqueológico nas imediações do espaço da pesquisa. Outros sítios foram encontrados ao norte, quando da realização de uma rápida prospecção. Com essa prática, desejava-se ampliar o conhecimento dos padrões de implantação da área, assim como a ocorrência de novas manifestações culturais. A prospecção estendeu-se linearmente, em direção à margem esquerda do rio Iguazu, abordando terrenos situados nas margens de estradas vicinais.

Em treze pontos do espaço citado foram detectados vestígios de ocupações antigas. A maioria encontrava-se em terrenos arados e, por isso, apresentava-se danificado e com potencial informativo diminuído. Das ocorrências, que estão assinaladas na Figura 2, cinco revelaram indícios provavelmente relacionados a caçadores-coletores. O pequeno número de peças recuperadas dificulta, ainda, a sua filiação cultural. São representadas por resíduos de lascamento e raros artefatos.

Em outros quatro pontos os indícios relacionam-se à tradição Itararé. Três estavam assinalados por estruturas habitacionais subterâneas; em um deles havia, também, um aterro circular, talvez ligado a prática funerária.

Nos quatro restantes, as evidências constatadas permitiram a sua filiação à tradição Neobrasileira.

Descrição sumária dos indícios líticos de tradição não determinada (Umbu ?).

**PR CT L-16 N°C 4084
(Município de Araucária)
UTM: 0664955 - 7158940**

Indício lítico localizado a 243m da margem esquerda do rio das Onças, afluente do rio Maurício e, a 43m da margem direita de um córrego (894m s.n.m.).

Encontrava-se nas proximidades do topo de uma crista alongada situada entre dois córregos.

O local, utilizado agricolamente, conservava restos de antiga plantação de milho em meio a capim seco. À leste era delimitado por um capão de mata secundária. Margeando os córregos havia capoeira.

O solo era de coloração marrom-claro e textura argilosa, com afloramento de quartzo ao sul.

A peça recolhida apresenta-se como uma lasca preparada de quartzito. Na face interna, que é levemente convexa, permanece o ponto de percussão puntiforme; na face externa, multifacetada por lascamentos anteriores, existem alguns retoques escamados. Estes são marginais, limitando-se aos lados e à extremidade distal. O artefato não chegou a ser concluído. Mede: 110mm de comprimento, 95mm de largura e 40mm de espessura.

A oeste, a 125m, foram registrados os indícios líticos PR CT L-17, provavelmente da mesma tradição cultural.

PR CT L-17 N°C 4085
(Município de Araucária)
UTM: 0664825 - 7159055

Indícios líticos localizados a 352m da margem esquerda do rio das Onças, afluente do rio Maurício, a 37m da margem esquerda de um córrego e, a 34m da margem direita de outro (914m s.n.m.).

Situavam-se no topo de uma crista alongada, nas proximidades de duas nascentes.

O terreno estava com restos de plantação de milho e com vegetação rasteira. Nos arredores predominavam áreas com agricultura. Somente a oeste, margeando a estrada e, nas proximidades dos córregos viam-se espaços com capoeira.

O solo mostrava tonalidade marrom-claro e textura argilosa.

As duas peças foram encontradas na superfície do terreno e distando 2m uma da outra. Uma delas é representada por uma lasca preparada de quartzito. Foi utilizada como raspador de extremidade, pois mostra pequenos lascamentos de uso no extremo distal; estes atingem marginalmente a face externa e conferem ao bordo ativo o aspecto dentado. Mede: 30 x 20 x 8mm.

A segunda peça é um seixo-rolado de quartzo, com lascamentos por percussão direta.

Foram registrados 125m a leste do indício lítico PR CT L-16.

PR CT L-18 N°C 4086
(Município de Fazenda Rio Grande)
UTM: 0665429 - 7160839

Indício lítico localizado a 649m da margem direita do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 70m de uma nascente (903m s.n.m.).

Encontrava-se em terreno arado, com resíduos de antiga plantação de milho. À leste, apenas, fora preservado pequeno capão com mata secundária.

O solo, com inúmeros fragmentos de quartzo, apresentava textura argilosa e coloração cinza.

A evidência corresponde a uma lasca preparada de quartzito, com ponto de percussão espatifado. Foi registrada 17m a oeste do indício cerâmico PR CT C-46, de tradição Neobrasileira.

PR CT L-19 N°C 4087
(Município de Fazenda Rio Grande)
UTM: 0665011 - 7161261

Indício lítico localizado a 891m da margem direita do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 38m de uma nascente (925m s.n.m.).

Disponha-se em área plana, arada. Ao norte, era delimitado por uma estrada secundária; a leste, oeste e sul, viam-se capões rarefeitos de mata secundária e capoeira.

O solo, com cascalho, era de coloração marrom-claro e textura argilosa.

O indício é uma lasca simples com crosta de quartzito. Foi retirada de seixo-rolado através de percussão direta; o ponto de impacto mostra-se esmagado.

A evidência encontrava-se 12m a leste dos indícios cerâmicos PR CT C-45, de tradição Itararé.

PR CT L-20 N°C 4088
(Município de Fazenda Rio Grande)
UTM: 0665098 - 7162153

Indício lítico localizado a 170m da margem esquerda do Arroio Ouro Velho, afluente do rio Iguaçu e, a 39m de uma nascente. Ocupava a porção superior de uma encosta íngreme voltada para o vale do rio (919m s.n.m.).

O local estava tomado por capim. Nos arredores, a leste e oeste, viam-se pequenos capões de mata secundária. Ao sul, os terrenos eram utilizados para agricultura.

O solo, de coloração cinza-claro, apresentava textura argilosa,

com afloramentos de quartzo em pontos isolados.

A peça, representada por uma lasca simples com crosta de quartzito, foi encontrada em um sulco de erosão pouco profunda, junto a fragmentos de quartzo.

Estava 11m a oeste do indício cerâmico PR CT C-44, de tradição Itararé.

Descrição sumária dos indícios de tradição Itararé.

PR CT C-44 N°C 4095 (Município de Fazenda Rio Grande) UTM: 0665129 - 7162130

Indícios cerâmicos e lítico localizados a 1.243m da margem esquerda do rio Iguaçu, 162m da margem esquerda do Arroio Ouro Velho e, a 51m de uma nascente (919m s.n.m.). Ocupavam área plana do topo de uma elevação com encostas íngremes voltadas para o arroio.

O terreno, arado, estava com capim baixo e árvores esparsas. Nas proximidades, na várzea do rio Iguaçu viam-se, além de faixa com remanescentes de mata ciliar, cavas resultantes da extração de areia.

O solo era cinza-escuro e de textura argilo-arenosa.

O ponto, com uma área de 60 x 17m (800,70m²) era composto por dois espaços distintos: ao norte, onde fora cortado pela abertura de uma estrada de acesso para implantação de cerca na área agrícola, por uma área com concentração de material arqueológico. Medida 17 x 3m (40,03m²). Ao sul, por uma depressão relacionada a provável estrutura subterrânea, característica dos grupos dessa tradição. Medida 7,5m de diâmetro (44,75m²) e 1,30m de profundidade.

Os indícios cerâmicos recolhidos referem-se a fragmentos de recipientes cerâmicos simples: um apresenta pasta arenosa fina e, outro, pasta arenosa média. O primeiro conserva porção da borda, com 12cm de diâmetro na boca; a sua forma é a 17.

O indício lítico é uma microlasca de quartzo, com ponto de percussão puntiforme. Assemelha-se a uma lasca preparada.

Vestígios de ocupação da tradição Itararé foram registrados 755m a sudoeste. Correspondem aos indícios cerâmicos PR CT C-45. A leste, a 14m, encontrava-se o indício lítico PR CT L-20.

PR CT C-45 N°C 4096 (Município de Fazenda Rio Grande)

UTM: 0664999 - 7161256

Depressão relacionada a estrutura subterrânea localizada a 1.400m da margem esquerda do rio Iguaçu, 864m da margem direita do rio Maurício e, a 35m de uma nascente (925m s.n.m.).

No local, situado em um pequeno platô, conservava-se rarefeita faixa de mata secundária. Nos arredores os terrenos estavam arados. Ao norte, cortado por uma estrada secundária no sentido leste-oeste, fora terraplanado.

O solo apresentava coloração marrom-claro e textura argilosa.

A depressão media 9m de diâmetro (63,58m²) e 1,5m de profundidade. Em seu interior, coberto por gramíneas, havia arbustos e árvores, além de blocos de rochas e restos de plásticos e metais, depositados pelos moradores atuais da área.

Situava-se 755m a sudoeste dos indícios cerâmicos PR CT C-44 e, a 646m a noroeste dos indícios PR CT C-46, de mesma tradição.

A oeste, a 16m de distância foi registrado o indício lítico PR CT L-19.

PR CT C-46 N°C 4097
(Município de Fazenda Rio Grande)
UTM: 0665444 - 7160839

Indícios cerâmicos e lítico localizados a 630m da margem direita do rio Maurício, afluente do rio Iguaçu e, a 73m de uma nascente (903m s.n.m.).

Encontravam-se em área plana, arada e, com restos de cultura de milho. À leste fora preservado pequeno trecho com mata secundária.

O solo era de tonalidade cinza, textura argilosa, com fragmentos de quartzo.

O material arqueológico ocorria em uma área com 30 x 20m (471m²), cortada no seu lado norte por curva de nível agrícola. Era esparsa e superficial.

Foram recolhidos dez fragmentos de recipientes cerâmicos simples, dos quais 2 apresentavam pasta fina, 6 média e 2 grossa. Um dos fragmentos de cerâmica com tempero arenoso médio é uma borda, com 14cm de diâmetro na boca e de forma 20.

O lítico está representado por uma microlasca de quartzito. Mostra-se como lasca preparada e tem o ponto de percussão espatifado.

PR CT C-51 N°C 4102
(Município de Mandirituba)
UTM: 0666040 - 7152639

Depressão e aterro localizados a 590m da margem esquerda do rio Diamante, afluente do rio das Onças e, a 45m de uma nascente (949m s.n.m.).

Situavam-se em área plana coberta com mata secundária, cortada por várias trilhas. Nos arredores os terrenos eram explorados agricolamente e estavam arados. Ao sul, a 46m, havia uma vala utilizada no passado, para demarcação de propriedades.

O solo mostrava tonalidade marrom-claro e textura argilosa.

O ponto ocupava uma área com 34,5 x 9m (243,74m²) e, era composto por duas estruturas diferenciadas. Uma era representada por uma depressão com 6,5 x 6m de diâmetro (30,61m²) e 1,5m de profundidade e situava-se no seu lado noroeste. A outra estava 19m a sudeste e correspondia a um aterro com 9m de diâmetro (63,58m²) e pouco mais de 1m de altura.

A primeira estrutura está, provavelmente, relacionada a uma habitação subterrânea e, a segunda, a práticas funerárias, indicando área de enterramento.

O ponto encontrava-se 822m a sudeste dos indícios cerâmicos PR CT C-44 e, 1.234m ao sul do sítio PR CT 93: Rio das Onças-5, ambos de tradição Itararé.

Descrição sumária dos indícios de tradição Neobrasileira.

PR CT C-47 N°C 4098
(Município de Araucária)
UTM: 0664940 - 7159274

Indícios cerâmicos localizados a 189m da margem esquerda do rio das Onças, 295m da margem esquerda do rio Maurício e, a 56m de uma nascente (934m s.n.m.). Ocupavam o topo de uma elevação com encostas íngremes voltadas para o segundo curso fluvial.

No local, utilizado agricolamente, viam-se restos de antigo cultivo de milho. Margeando os cursos fluviais havia remanescentes de mata secundária.

O solo, com fragmentos de quartzo, mostrava coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área

elíptica com 49 x 35m (1.346,27m²).

São representadas, predominantemente, por fragmentos de recipientes cerâmicos manufaturados artesanalmente. Trinta e nove deles correspondem a recipientes; na sua pasta ocorrem fragmentos grossos de quartzo e grânulos de hematita. Está presente uma borda com 18cm de diâmetro na boca e de forma 4. Um fragmento mostra decoração por corrugado-leve e, outros 3, por corrugado-complicado. O escovado incide na face externa de 2 exemplares. O último fragmento tem o lábio entalhado por objeto de ponta rombuda; este recipiente teria 10cm de diâmetro na boca e a sua forma é a 7.

Um fragmento de telha goiva representa o material cerâmico industrializado. Sua pasta foi temperada com quartzo de granulação grossa; ocorrem, também, pontos de hematita.

PR CT C-48 N°C 4099
(Município de Mandirituba)
UTM: 0665599 - 7155206

Indícios cerâmicos localizados a 945m da margem direita do rio das Onças e, a 80m de uma nascente (935m s.n.m.). Disponham-se em uma encosta suave.

O local, caracterizando-se pela presença de pequenas propriedades agrícolas, mostrava o terreno e, os arredores, arados. Faixas de mata secundária muito rarefeitas foram preservadas somente junto à nascente e, às margens do rio.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilosa.

O material arqueológico encontrava-se em uma área com 47 x 37m (1.365,11m²) cortada, em suas porções centrais, no sentido nortesul, por uma estrada secundária que dava acesso à localidade de Ganchinho.

Na sua área foram recolhidos 33 fragmentos de recipientes cerâmicos artesanais. Vinte e cinco são simples e encerram, na pasta, grânulos grossos de quartzo e hematita. Um de seus fragmentos é de borda, com forma 8 e 12cm de diâmetro na boca. Uma peça apresenta engobo vermelho na face interna. O corrugado-leve incide na face externa de 2, o corrugado-complicado na de 3 e o corrugado-espatalado na de 2. Uma borda do tipo corrugado-leve tem a forma 1 e 18cm de diâmetro na boca.

Um fragmento de cachimbo modelado foi resgatado; sua pasta é fina. Está representado pelo tubo de aspiração e parte do forninho. A

sua superfície é simples.

A cerâmica industrializada está assinalada por 9 fragmentos de telhas goivas e 3 de tijolos maciços. Todos englobam quartzo grosso e hematita na pasta.

O ponto situava-se 71m e 340m a sudeste dos indícios cerâmicos PR CT C-49 e PR CT C-50, respectivamente.

**PR CT C-49 N°C 4100
(Município de Mandirituba)
UTM: 0665643 - 7155262**

Indícios cerâmicos localizados a 972m da margem direita do rio das Onças e, a 27m de uma nascente (944m s.n.m.).

Ocupando a encosta de uma elevação, encontravam-se em uma área com cultivo de capim-limão. Nos arredores os terrenos estavam arados. À leste era cortado por uma estrada secundária de acesso ao distrito de Gancho.

O solo, de coloração marrom-claro, era argiloso.

As evidências arqueológicas ocorriam esparsa e superficialmente, ocupando uma área com 26 x 12m (244,92m²). Foram constatadas 71m ao norte dos indícios cerâmicos PR CT C-48 e, 270m a sudoeste dos indícios cerâmicos PR CT C-50.

Quarenta e seis fragmentos de recipientes cerâmicos manufaturados artesanalmente foram recuperados na área desse sítio. Trinta e nove representam recipientes simples com quartzo grosso e hematita na pasta. As duas bordas presentes correspondem às formas 4 e 6, com 16 e 32cm de diâmetro na boca, respectivamente. Uma base da variedade C está, também, presente. Um fragmento de recipiente simples com quartzo de granulação fina na pasta foi classificado. Engobo vermelho ocorre em ambas as faces de um exemplar e, na face interna de outro. Dois foram decorados por corrugado-leve e um por corrugado-complicado.

Um fragmento de alça modelada foi registrado; sua pasta encerra grânulos grossos de quartzo. A superfície é simples e, a sua seção, é retangular.

A cerâmica industrializada está representada por 29 fragmentos de tijolos perfurados. Na pasta ocorrem grânulos grossos de quartzo e hematita.

Os indícios foram constatados 71m ao norte dos indícios cerâmicos PR CT C-48 e, 270m a sudoeste dos indícios cerâmicos PR CT C-50.

PR CT C-50 N°C 4101
(Município de Mandirituba)
UTM: 0665887 - 7155385

Indício cerâmico localizado a 1.216m da margem esquerda do rio Maurício e, a 73m de uma nascente (949m s.n.m.).

Situava-se na encosta suave de uma elevação voltada para a nascente, em local arado. Nas proximidades os terrenos estavam arados. Ao norte via-se uma estrada secundária que dava acesso à BR 116 e, à leste, pequeno capão de mata secundária.

O solo era de coloração marrom-avermelhado e textura argilosa.

O indício resgatado corresponde a um fragmento de recipiente cerâmico manufaturado artesanalmente. Seu acabamento é simples e, na sua pasta, ocorrem grânulos finos de quartzo. É uma borda, com 20cm de diâmetro na boca e de forma 4.

O ponto foi registrado 340m e 270m a nordeste dos indícios cerâmicos PR CT C-48 e PR CT C-49, respectivamente.

ARQUEOLOGIA

Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Universidade Federal do Paraná

A ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO ATERRO SANITÁRIO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA, EM MANDIRITUBA, PARANÁ

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OS ANTECEDENTES ARQUEOLÓGICOS E ETNO-HISTÓRICOS	3
O PROJETO	7
AS PESQUISAS	8
OS RESULTADOS	13
DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS E INDÍCIOS ARQUEOLÓGICOS DA TRADIÇÃO ITARARÉ	14
DESCRIÇÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO DA TRADIÇÃO ITARARÉ	42
DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS E INDÍCIOS ARQUEOLÓGICOS DA TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA	60
DESCRIÇÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO DA TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA.....	76
OS COMENTÁRIOS E COMPARAÇÕES	91

REFERÊNCIAS	110
ANEXO 1. FOTOS DO AMBIENTE, DOS PROCEDIMENTOS DE CAMPO E DOS ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS.....	113
ANEXO 2. ARROLAMENTO DO MATERIAL INDUSTRIALIZADO PROCEDENTE DOS SÍTIOS DA TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA....	119
ANEXO 3. AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS CONSTATADAS NAS ADJACÊNCIAS DO ATERRO SANITÁRIO.....	130